

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGLB
MESTRADO ACADÊMICO

LUÍS FERNANDO LIMA CAMELO

O ESCRE(VIVER) EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: escrita,
história e vivência

Bacabal - MA

2023

LUÍS FERNANDO LIMA CAMELO

O ESCR(E)VIVER) EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: escrita,
história e vivência

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal – PPGLB, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

Bacabal - MA

2023

Camelo, Luís Fernando Lima

O escre(viver) em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: escrita, história e vivência. /Luís Fernando Lima Camelo. __ Bacabal, 2023.

100 f.

Impresso por computador (fotocópia)

Orientador (a): Rubenil da Silva Oliveira

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- graduação em Letras - PPGLB, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal-MA, 2023.

1. Mulher negra - literatura 2. Feminismo (mulher negra) 3. Conceição Evaristo 4. Representatividade - mulher negra I. Oliveira, Rubenil da Silva II. Título

CDU 396 (=96):82

LUIS FERNANDO LIMA CAMELO

O ESCRE(VIVER) EM *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: escrita,
história e vivência

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras de Bacabal – PPGLB, da Universidade
Federal do Maranhão – UFMA, como requisito final
para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Iêdo Paes Oliveira (UFRPE)

Prof.^a Dra. Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA)

RESUMO

O presente estudo foi fruto de uma análise voltada para os estudos feministas e culturais, tendo como objeto de investigação a representatividade da mulher negra como escritora e como fruto de construção de personagens afrodescendentes. Dessa forma, foi utilizado o romance **Ponciá Vicêncio** (2013), de Conceição Evaristo, evidenciando desconstruções do estereótipo da mulher negra e seu lugar de fala na sociedade. Além disso, o debate sobre os elementos da ancestralidade e história do povo escravizado no romance de Conceição Evaristo. Essa obra apresenta configurações identitárias no período de pós-escravidão, por meio da ligação entre presente e passado e da representação simbólica dos ancestrais da personagem Ponciá. A temática se justifica através das categorias de raça, gênero e classe, dentro da literatura afro-brasileira de autoria feminina, tendo como objetivo geral analisar os sentidos da noção de escrevivência e a representatividade da mulher negra na constituição da escrita feminina em **Ponciá Vicêncio**, refletindo as marcas da diáspora africana e etnicidade histórica, além de especificar a experiência feminina, mostrando particularidades culturais e históricas da mulher negra e as marcas da escravatura que permanecem arraigadas nos afrodescendentes. Sobre o processo de investigação, convém mencionar que ele exige domínio na produção de conhecimentos de rigor teórico-metodológico, baseado na análise de trechos da obra **Ponciá Vicêncio**, utilizando as contribuições obtidas por meio da Crítica Feminista e Literatura de Autoria Feminina. Para respaldar este estudo, foi realizado um levantamento teórico de alguns autores que mergulham em pesquisas sobre a temática, tais como bell hooks (2020), Cuti (2010), Eduardo de Assis (2006), Grada Kilomba (2020), Lélia Gonzalez (2020), Patrícia Hill Collins (2019), dentre outros pesquisadores contemporâneos que se debruçam sobre as questões relacionadas ao feminismo negro, literatura e estudos culturais. O desenvolvimento do trabalho permitiu compreender o discurso narrativo de Conceição Evaristo, a construção da identidade do feminino negro na personagem Ponciá Vicêncio e a importância de se debater o lugar de fala da mulher negra.

Palavras-chave: Ponciá. Feminismo Negro. Conceição Evaristo.

ABSTRACT

The present study was the result of an analysis focused on feminist and cultural studies, having as an object of investigation the representation of black women as writers and as a result of the construction of Afro-descendant characters. In this way, the novel *Ponciá Vicêncio* (2013), by Conceição Evaristo, was used, evidencing deconstructions of the stereotype of black women and their place of speech in society. In addition, the debate on the elements of the ancestry and history of the enslaved people in the novel by Conceição Evaristo. Work that presents identity configurations in the post-slavery period, through the connection between present and past and the representation of the ancestors of the character Ponciá. The theme is justified through the categories of race, gender and class within the Afro-Brazilian literature of female authorship, having as a general objective to analyze the meanings of the notion of writing and the representativeness of the black woman in the constitution of the feminine writing in *Ponciá Vicêncio*, reflecting the marks of the African diaspora and historical ethnicity, in addition to specifying the female experience, showing cultural and historical particularities of the black woman and as marks of slavery that remain ingrained in Afro-descendants. About the research process, it should be mentioned that it requires mastery in the production of knowledge of theoretical and methodological rigor, based on the analysis of excerpts from Ponciá Vicêncio's work, accepting contributions through Feminist Criticism and Literature by Female Authorship. To support this study, a theoretical survey of some authors who delved into research on the subject was carried out, such as bell hooks (2020), Cuti (2010), Eduardo de Assis (2006), Grada Kilomba (2020), Lélia Gonzalez (2020), Patrícia Hill Collins (2019), among other contemporary researchers who focus on issues related to black feminism, literature and cultural studies. The development of the work allowed us to understand the narrative discourse of Conceição Evaristo, the construction of the black feminine identity in the character Ponciá Vicêncio and the importance of debating the place of speech of the black woman.

Keywords: Ponciá. Black Feminism. Conceicao Evaristo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 LITERATURA, MULHER E ESTUDOS CULTURAIS: reflexões teórico-conceituais.....	12
1.1 A Literatura na Perspectiva dos Estudos Culturais: novos olhares para além do cânone	12
1.2 A Literatura Afro-brasileira: discursos e histórias.....	16
1.3 O “escrever” das Mulheres Negras: intersecções entre literatura e história	22
2 O EMPODERAMENTO NEGRO: revisitação da teoria do gênero e da raça.....	29
2.1 Negritude e Feminismo: historiografias de resistências	29
2.2 Gênero e Identidade da Mulher Negra	36
2.3 Olhares Sobre as Mulheres Negras na Literatura	45
3 CONCEIÇÃO EVARISTO: a voz que rompe o silêncio.....	59
3.1 Conceição Evaristo e o Projeto da Escrivência.....	61
3.2 Conceição Evaristo, Lugar de Fala e o Poder da Mulher Negra	65
3.3 PONCIÁ PRESENTE! A voz da negritude e o recorte da história social de seus ancestrais.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o século XX foi o ponto de virada para a literatura de autoria feminina. No Brasil, nas décadas de 1960/1970, as mulheres tiveram mais notoriedade com seu desenvolvimento no processo histórico-literário. Com a influência dos movimentos feministas, iniciou-se também um processo de desconstrução dos padrões literários, até então constituídos por autores do sexo masculino e centrados em um modelo eurocêntrico. Essa constatação da experiência feminina como leitora e escritora marcou quebras de paradigmas e descobertas de perspectivas para a literatura afro-brasileira. No que se reporta o posicionamento da mulher no universo literário, a urgência em determinados debates encorajou escritoras pretas a compartilharem suas narrativas baseadas em suas vivências e reconhecimento do feminismo negro.

As mulheres, diminuídas e apagadas da história da literatura, romperam o silêncio e publicaram textos de alto valor literário. Uma literatura que exprime a posição feminina sobre o ser mulher, ser mãe, histórico natural da vida da mulher, textos denunciadores de opressão. Como exemplo desse processo histórico-literário no Brasil, temos o primeiro romance brasileiro de autoria feminina, **Úrsula** (1859), de Maria Firmina dos Reis, que foi primordial para que muitos outros tivessem reconhecimento pela crítica literária feminista.

À vista disso, é pensando no espaço fértil e promotor de calorosas e necessárias discussões propostas pela expressão *escrevivência*, que esta pesquisa, a qual intitulamos por **O escre(viver) em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: escrita, história e vivência**, emerge com o objetivo de aprofundar os sentidos da noção de *escrevivência* e a representatividade da mulher negra na constituição da escrita feminina. Assim sendo, a presente pesquisa analisa a importância do estudo do romance **Ponciá Vicêncio** (2018), de Conceição Evaristo, e sua caracterização no *corpus* da literatura afro-brasileira.

A obra é significativa no contexto pós-abolicionista contemporâneo por apresentar as dificuldades dos descendentes escravizados e, principalmente, a importância para compreender a história dos negros e seus impactos. O estudo sobre as consequências da escravidão é fundamental para compreendermos aspectos presentes na temática negra no Brasil e que são identificadas dentro do *corpus* de análise.

A temática apresenta-se na intersecção das categorias de raça, gênero e classe dentro da literatura afro-brasileira de autoria feminina. No caso desta pesquisa, o fator classe está presente, porém não está no foco das discussões, por isso, gênero e raça são os principais eixos de observação. Em um artigo publicado no portal Geledés, intitulado “As mulheres

negras na construção de uma nova utopia”, Angela Davis reforça a importância de reflexão sobre a maneira como as opressões se entrelaçam:

Claro que classe é importante. É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras. (DAVIS, 2011, s. p).

Nesse sentido, refletir o termo interseccionalidade cunhado por Angela Davis envolve pensar o conhecimento situado de mulheres negras, pensar na importância dessa interseccionalidade entre gênero, raça e classe, evidenciando de forma dialética como é necessário enxergar essas lutas como um conjunto e não como hierarquia. Diante disso, refletimos a literatura de Conceição Evaristo como característica dessa interseccionalidade, como parte de sua escrevivência. A noção de escrevivência, ressaltada por Conceição Evaristo, nasce de uma utilidade de abordar na escrita a história do povo negro, a partir de suas próprias perspectivas, entendendo que essa escrita se apresenta como mecanismo de registrar, principalmente, a escrita da vivência da mulher negra na sociedade brasileira. Dessa forma, as categorias de gênero, raça e classe se combinam e se entrecruzam na obra em estudo, **Ponciá Vicêncio**, pois promovem reflexões sobre o feminino negro como símbolo de resistência frente à discriminação racial e social.

Por isso, as observações pelo viés da crítica feminista e dos estudos culturais questionam a estruturação canônica vinculada às estruturas de poder. Esta visão crítica ressalta os elementos que organizam esse cânone, a partir dos mecanismos do sistema patriarcal vigente. Um desses elementos é a exclusão de autorias femininas ao longo da história, incluindo a autoria de mulheres negras, uma vez que é perceptível essa questão nos estudos de gênero e na literatura, perpassando pelo feminismo existencialista de Simone de Beauvoir (1949), pelo feminismo político de Kate Millet (1970), além da crítica literária e na psicanalista de Julia Kristeva (1974).

Os estudos ligados à mulher e sua representação na literatura brasileira só tiveram consolidação em meados dos anos de 1980, quando grupos de pesquisadores passaram a desenvolver estudos, apresentar resultados de pesquisa e discutir textos teóricos relativos ao tema. Dessa forma, a pesquisa em análise tem como ponto central “a escrevivência” de Conceição Evaristo em relação à personagem em estudo, desenvolvendo assim o seu lugar de

fala. Com isso, a literatura é compreendida como um dos meios pelo quais é possível devolver esse lugar e essa voz. Assim, o reconhecimento de um sujeito se faz mediante a escuta dele.

De acordo com Patrícia Hill Collins, em **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento**:

Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para sua própria vitimização. A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas na África, no Caribe, na América do Sul, na Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção de desigualdades sociais (COLLINS, 2019, p. 32).

O trecho chama a atenção sobre a invisibilização de saberes construídos a partir da representatividade das minorias que ajuda a compor a ideia de que não existem diferenças e que os membros dos grupos minoritários colaboram para a sua própria vitimização. E isso resulta na produção de conhecimento como prática de resistência, refletindo as experiências das mulheres negras constantemente a partir da própria história. À vista disso, além de analisar as especificidades da escrita feminina negra, e se dedicar sobre textos específicos, o estudo parte para a discussão sobre o papel da escritora negra enquanto intelectual contemporânea, partindo das características da personagem construídas por Conceição Evaristo no seu livro **Ponciá Vicêncio**. Assim, é importante ressaltar que a presente pesquisa resgata o olhar sobre a mulher negra.

Nesse contexto, evidenciamos o objeto de estudo, a obra **Ponciá Vicêncio**, de Conceição Evaristo, em que a autora trata de forma reflexiva marcas da diáspora africana e etnicidade histórica, além de especificar a experiência feminina, mostrando particularidades culturais e históricas da mulher negra e as marcas da escravatura que permanecem arraigadas nos seus descendentes. Evaristo preserva a tradição oral, o respeito pela cultura local, bem como a essência em desenvolver relações entre grupos étnicos. É perceptível, também dentro da obra, traços vivenciados pela mulher negra que permitem relacionar suas obras com as vivências de seus afrodescendentes, perfazendo uma reflexão sobre a voz do feminismo negro, a fim de romper barreiras.

Em vista disso, o objetivo geral é analisar os sentidos da noção de escrevivência e a representatividade da mulher negra na constituição da escrita feminina em **Ponciá Vicêncio**. Assim, também foram delineados objetivos específicos, a saber: refletir aspectos da literatura afro-brasileira e o “escrever” da mulher negra em **Ponciá Vicêncio**; conhecer a perspectiva interseccional desenvolvida dentro do feminismo negro dialogada com **Ponciá Vicêncio**, de

Conceição Evaristo; discutir, a partir das teorias dos estudos culturais e do feminismo, o empoderamento feminino negro na obra; refletir as marcas da diáspora africana e etnicidade histórica, além de especificar a experiência feminina, mostrando particularidades culturais e históricas da mulher negra e as marcas da escravatura que permanecem arraigadas nos afrodescendentes.

Sobre o processo de investigação, convém mencionar que ele exige domínio na produção de conhecimentos de rigor teórico-metodológico, baseado na análise de trechos da obra **Ponciá Vicêncio**, utilizando as contribuições obtidas por meio da crítica feminista e da abordagem dos estudos culturais. Para respaldar este estudo, foi realizado um levantamento teórico de alguns autores que mergulham em pesquisas sobre a temática, tais como bell hooks (2020), Cuti (2010), Eduardo de Assis (2006), Grada Kilomba (2020), Lélia Gonzalez (2020), Patrícia Hill Collins (2019), dentre outros pesquisadores contemporâneos que se debruçam sobre as questões relacionadas ao feminismo negro, literatura e estudos culturais.

Por tudo isso, esta pesquisa está organizada em introdução, três capítulos no corpo da pesquisa e conclusão, que juntos contribuem para a compreensão panorâmica do problema em pauta. A Introdução refere-se aos elementos textuais, os quais apresentam uma abordagem geral da pesquisa com a justificativa, relevância do trabalho, problema, objetivos, abordagem teórica e os caminhos metodológicos da investigação.

O primeiro capítulo apresenta uma discussão teórica, conceitual e histórica, intitulado: “Literatura, Mulher e Estudos Culturais - reflexões teórico-conceituais”. Nele, são contemplados três tópicos que contribuem para a exploração da temática. O primeiro apresenta a literatura na perspectiva dos estudos culturais, refletindo os novos olhares para além do cânone; o segundo relata discursos e histórias sobre a literatura afro-brasileira ou negro-brasileira; e o terceiro elucida a literatura das mulheres negras, perfazendo destaque da historiografia de algumas mulheres na história literária até Conceição Evaristo.

O segundo capítulo, também de aporte teórico, apresenta uma abordagem acerca do empoderamento negro. Nele, foram contempladas três discussões que ajudam a compreender a teoria do gênero e da raça. A primeira diz respeito à negritude e ao feminismo, com um olhar sobre as historiografias de resistências; a segunda reflete sobre gênero e identidade da mulher negra; e a terceira analisa os olhares sobre as mulheres negras na literatura, distinguindo a mulher-objeto e a mulher-sujeito.

O terceiro capítulo apresenta a escritora Conceição Evaristo, a voz que rompe o silêncio, contemplando três pontos. O primeiro traz a caracterização de Conceição Evaristo e o seu projeto de escrivência; o segundo apresenta uma abordagem sobre o lugar de fala e o

poder da mulher negra; e o terceiro ponto apresenta a personagem Ponciá Vicêncio erguendo a voz da negritude e o recorte social de seus ancestrais. Nessa perspectiva, a ultima parte da pesquisa traz a análise e tratamento dos dados, no caso, as considerações finais, relacionadas à pesquisa. Nele, são alinhados todos os achados da pesquisa, considerando as narrativas e todo o processo observado ao longo do mergulho do *lócus* da pesquisa.

Dessa forma, entendemos que a relevância desta pesquisa está em poder compreender o diálogo entre o texto literário com as experiências vividas, exigindo uma consciência do seu lugar e suas especificidades na sociedade enquanto mulheres e negras. Além disso, debater de maneira engajada a questão negro-brasileira diante da permanência das exclusões, preconceitos, segregações e marginalizações. Portanto, a partir de análises da escrita de Conceição Evaristo, é importante ressignificar alguns conceitos e concepções historicamente construídos, inclusive das proposições de intervenções frente aos resultados apresentados. Além do mais, refletir acerca da escrita negrofeminina contemporânea, atentando para o papel da escritora negra enquanto intelectual engajada na luta por transformações sociais. Com isso, torna-se possível ampliar as referências e as discussões acerca do tema que carrega em si uma grande relevância social.

1 LITERATURA, MULHER E ESTUDOS CULTURAIS: reflexões teórico-conceituais

O presente capítulo tem como finalidade trazer reflexões importantes acerca da relação literatura, mulher e estudos culturais, para que seja possível compreender questões indispensáveis sobre a escrita afrofeminina contemporânea. Essas questões estão presentes nas três subseções que o compõem, as quais garantem a reflexão proposta no título da seção. A primeira buscou conhecer os percursos históricos da literatura na perspectiva dos estudos culturais, traçando um novo olhar para além do cânone e a sua relação com as questões sociais; a segunda destaca a discussão sobre a literatura afro-brasileira; e a terceira reflete sobre a escrita de mulheres negras e seu papel enquanto propagadora de transformação social, ecoando sua voz, antes silenciada, através de seu histórico de vida. Assim, contribui para que possamos conhecer e refletir o papel e posição da mulher negra no passado visionando uma mudança e melhoria no presente e no futuro.

1.1 A Literatura na Perspectiva dos Estudos Culturais: novos olhares para além do cânone

As mudanças sucedidas no mundo, devido, em especial, à globalização, a qual, segundo Hall (2013), foi um fator importante para a proliferação de sincretismos, de hibridizações e desterritorializações que revolucionaram modelos culturais e lutaram para desfazer a suposta estabilidade das identidades modernas concebidas através de apenas um lado ou uma das perspectivas; o que é parcial ou tendencioso. Stuart Hall influenciou os debates sobre identidade, raça e cultura ao longo de mais de cinco décadas. Em 1964, ele foi convidado por Richard Hoggart a ser um dos pesquisadores do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, onde juntamente com o acadêmico Raymond Williams fundou o movimento dos Estudos Culturais, que buscou refletir teoricamente sobre “textos” da cultura.

À vista disso, resumidamente, os estudos culturais englobariam discursos múltiplos, sem se deixar limitar por uma “bandeira simples e particular”, uma vez que, para o autor, “a única teoria que vale a pena reter é aquela que você tem de contestar, não a que você fala com profunda fluência.” (HALL, 2013, p. 225). Por outra perspectiva, especifica que apesar da corrente dos Estudos Culturais se caracterizar por uma pertinente amplitude, “não se pode reduzi-lo a um pluralismo simplista. Sim, recusa-se a ser uma grande narrativa ou um metadiscurso de qualquer espécie. Sim, consiste num projeto aberto ao desconhecido, ao que não se consegue ainda nomear.” (HALL, 2013, p.221). Diante disso, percebe-se que:

Os estudos culturais não cobrem uma área temática claramente definida, [...] tudo isso torna muito difícil, senão impossível, chegar a acordo sobre qualquer definição básica da natureza estranha que é são os Estudos Culturais, pois não são uma coisa, são muitas coisas. Eles estão localizados no âmbito intelectual e acadêmico, e vão desde as antigas disciplinas estabelecidas até os novos movimentos políticos, práticas intelectuais e modos de pesquisa (SARDAR; VAN LOON, 2005, p. 08)

A história da sociedade é produzida por acontecimentos ligados ao teor cultural presente no mundo inteiro. Desse modo, muitas manifestações culturais desenvolveram-se no decorrer dos tempos, como exemplo, temos o movimento feminista, que se explica pela relevância na conquista das mulheres. Assim sendo, as reflexões culturais são importantes no fortalecimento da história do feminismo e dos outros grupos de maiorias minorizadas que formam a sociedade.

Os Estudos Culturais apareceram com o conceito de que cultura vai além de estruturas, camadas sociais, apresenta uma discussão sobre culturas e subculturas e as novas formas que passaram a ter representatividade com as interartes. Os fundadores dos Estudos Culturais foram Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson¹, e em seguida, Stuart Hall também contribuiu com as suas pesquisas para o desenvolvimento dos estudos.

Os estudos culturais têm se expandido desde a década de 1980, estabelecendo diálogos com os estudos pós-coloniais. As pesquisas em torno disso se estendem gradualmente para componentes culturais voltadas ao “gênero”, à “etnicidade”, ao conjunto das práticas de consumo etc. A partir de então, o mundo contemporâneo é questionado pelo enfoque “cultural”, visando uma maior compreensão dos fatos sociais. Como consequência, esses estudos mostram novos conceitos, novas categorias ligadas à noção de cultura, tais como transculturação, mestiçagem, hibridismo, dentre outros.

Na atualidade, os Estudos Culturais trazem cada vez mais nas pesquisas acadêmicas estímulos para a compreender alguns aspectos ligados à criação artística e cultural de um indivíduo ou grupo. Por isso, podemos afirmar que esse campo de investigação possibilita um leque de perspectivas que servem de auxílio para a compreensão dos aspectos históricos, sociais, políticos e econômicos, conforme citação expressada por Sardar e Van Loon (2005) no início da seção. E nisso reiteram:

¹ Nos finais dos anos 1950 do século XX, alguns pesquisadores britânicos congregaram-se em torno do que se haveria de tornar, em 1964, no *Centre for Contemporary Cultural Studies* da Universidade de Birmingham, para investigar questões culturais desde a perspectiva histórica, tendo fundado um novo campo de pesquisa sobre os fenômenos comunicacionais em sociedade. Os trabalhos pioneiros em que se alicerçaram os estudos culturais talvez tenham sido *The uses of literacy* (1958), de Richard Hoggart, o fundador do Centro e seu primeiro diretor, *Culture and society* (1958), de Raymond Williams, e *The making for the english working class* (1963), de E. P. Thompson.

[...] 1- Os Estudos Culturais pretendem examinar sua matéria em termos de práticas culturais e sua relação com o poder [...] 2- Os Estudos Culturais não são simplesmente o estudo da cultura como se fosse uma entidade independente e separada do seu contexto social ou político [...] 3- Nos Estudos Culturais, a cultura sempre desempenha duas funções: é ao mesmo tempo o objeto de estudo e o espaço em que a crítica e a ação política estão localizadas [...] 4- Os Estudos Culturais tentam expor e conciliar a divisão do conhecimento, a fim de superar a divisão entre formas tácitas [...] 5- Os Estudos Culturais estão comprometidos com uma avaliação moral da sociedade moderna e com uma linha radical de ação política (SARDAR; VAN LOON, 2005, p. 9).

Dessa forma, pode-se dizer que existe uma afinidade entre os Estudos Culturais e os Estudos Literários, em que o texto literário só é suscetível de uma compreensão mediante alguns fatores, seja na estruturação da obra, seja na análise das vozes sociais ou temas de cunho social e histórico. Em referência aos Estudos Culturais, acrescenta-se que:

A posição teórica dos estudos culturais se distingue por pensar as características da arte e da sociedade em conjunto, não como aspectos que devem ser relacionados, mas como processos que têm diferentes maneiras de se materializar, na sociedade e na arte. [...] Os elementos normalmente considerados externos a um projeto artístico ou intelectual - por exemplo, o modo de vida de uma determinada sociedade - são internos na medida em que estruturam a forma das obras e dos projetos que, por sua vez, articulam os significados e os valores dessa sociedade (CEVASCO, 2003, p. 64).

A leitura e análise do romance **Ponciá Vicêncio** configura-se diante dos aportes teóricos explorados sob o olhar dos estudos culturais e dos estudos pós-coloniais. É perceptível como essas críticas embasam discussões acerca de questões relacionadas aos afrodescendentes na literatura afro-brasileira. Discussões embasadas no pós-colonialismo têm sido frequentes em várias áreas do conhecimento e, principalmente, no campo literário, através das construções ficcionais, para a elaboração e desconstrução de visões de mundo ainda presas a antigas relações de poder.

Diante do exposto, analisamos que o percurso da personagem na obra em estudo tem como objetivo essa busca de resignificação e de construção identitária da mulher negra no Brasil, além de refletir acerca das questões socioculturais na obra de Conceição Evaristo como a voz que denuncia o preconceito e reafirma a mulher negra no Brasil. Neste sentido, cita-se que “os ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação, que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20). O conceito entre-lugar, desenvolvido por Bhabha, está associado à perspectiva e ao modo como grupos subalternos se colocam frente ao poder e como realizam estratégias de

empoderamento. Dessa forma, podemos pensar que em **Ponciá Vicêncio** essa relação acontece conforme a citação abaixo:

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou aflição, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados pelo poder da tradição de reinscrever através das condições de contingência e contradição que presidem sobre as vidas dos que estão “na minoria”. O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso (BHABHA, 1998, p. 20-21).

Ao considerar tais reflexões referenciadas por Bhabha, entendemos que as fronteiras que se estabelecem entre as culturas diferentes permitem uma reinterpretação e/ou reformulação, fruto do contexto histórico em que são apresentadas. É observado que a cultura não está separada de identidade, ambas resultam de um contexto histórico e social. Nesse sentido, é importante também pontuar que, no romance em estudo, a trajetória da personagem Ponciá e a sua relação com seus ancestrais faz com que a autora perceba e reproduza o que Hall (2005) define como questão da identidade. Segundo o autor, o

[...] conceito descreve aquelas formações de identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. [...]. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias pelas quais foram marcadas (HALL, 2005, p. 88-89).

Mediante a isso, a construção de identidade começa a partir do momento em que o ser humano cria relações de vida, assim, de acordo com Stuart Hall, entende-se que os aspectos da construção de identidade ocorrem como modo de vínculo no espaço e suas características tendem a ser de cunhos étnicos, culturais, raciais e religiosos. Assim sendo, podemos dizer que o homem não é visto mais como indivíduo isolado, mas sim um ser moldado por meio das relações sociais.

Conceição Evaristo produz uma narrativa em **Ponciá Vicêncio** que aborda assuntos a respeito da identidade, especialmente do ser negro e da condição de ser mulher negra no Brasil. Assim, os estudos culturais alcançam também os domínios da literatura, segundo pesquisa de Maria Nazaré Lima e Florentina da Silva Souza – **Literatura Afro-brasileira** (2006). Elas pontuam que a expressão literatura afro-brasileira parece seguir uma tendência que se fortalece com o surgimento dessa área de estudo. Complementa a autora que o uso de expressões como “afro-brasileiro” e “afrodescendente” busca desfazer o essencialismo existente na expressão “literatura negra” e ultrapassar “a dificuldade de se caracterizar essa literatura sem assumir as complexas discussões suscitadas pelo movimento da Negritude em outro momento histórico” (SOUZA; LIMA; 2006, p.38).

1.2 A Literatura Afro-brasileira: discursos e histórias

A partir do século XIX existiam manifestações espalhadas de intelectuais negros que já reivindicavam, mediante suas escritas literárias, a valorização identitária cultural negra. Alguns escritores como Maria Firmina dos Reis e Luís Gama abordaram em seus textos questões negras que despertavam discussões acerca dessa escrita dos afrodescendentes, como destacado no site **Literafro**: “Muitos escritores, antes mesmo da extinção do tráfico negreiro, no século XIX, produziram textos em que é abordada a questão negra” (FONSECA, 2018, p. 5).

A literatura afro-brasileira surge com o desejo por mudanças sociais, através de lutas e denúncias do sofrimento da população negra. Suas marcas carregaram o desejo de resistência e a necessidade e interesse de fazer uma luta antirracista, nesse sentido, destacamos que:

Essas discussões são importantes para que possamos compreender os mecanismos de exclusão legitimados pela sociedade. Por exemplo, quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão “literatura branca”, porém, é fácil perceber que, entre os textos consagrados pelo “cânone literário”, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. Assim, os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente, assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país (SOUZA; LIMA, 2006, p. 13).

Essa literatura afro-brasileira tem papel fundamental na conscientização e recuperação do lugar social, principalmente esse lugar de direitos, e vem exatamente para dar visibilidade ao direito de se expressar, uma vez que esse lugar social foi negado por muito tempo, e além dos avanços, é importante destacar que as lutas por direitos continuam tendo espaço cada vez mais necessário. É a partir da teoria do ponto de vista feminista que é possível falar de lugar

de fala, inclusive “ao reivindicar os diferentes pontos de análises e a afirmação de que um dos objetivos do feminismo negro é marcar o lugar de fala de quem o propõe, percebemos que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica” (RIBEIRO, 2019, p. 59).

A temática fundamentada por Djamila Ribeiro é a de que este é o processo que torna algo possível, viável aos lugares de fala dos afro-brasileiros, os quais foram historicamente excluídos no decorrer do tempo, e essa abordagem faz-se relevante para que se permita dar voz a quem nunca pode falar ou nunca ocupou espaços privilegiados em que a fala é efetivamente ouvida. Para empreender esse esforço, Djamila Ribeiro vai se ancorar no que a filósofa indiana Gayatri Spivak elucida em seu livro **Pode o subalterno falar?** (2010). Assim, entendemos haver na esfera social uma multiplicidade de vozes, de modo que não só as pessoas socialmente prestigiadas e favorecidas devam ter direito a voz, mas que as pessoas desfavorecidas possam ter espaço para falarem de suas realidades. “A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida” (RIBEIRO. 2017. p. 43), por essa razão, acrescenta-se que o sujeito subalterno na definição de Spivak é aquele pertencente “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010. p.12).

Os debates sobre a identidade e literatura negra no Brasil têm aumentado recentemente, através de alguns desses aportes teóricos, destacamos sua pertinência em suas abordagens. Octávio Ianni fez um estudo intitulado **Literatura e consciência** (1988), em que fixa a produção literária afro-brasileira desta forma:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas, invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo (IANNI, 1988, p. 91).

Em relação ao exposto, foi constatado que a literatura afro-brasileira objetiva retratar de maneira particular sobre os acontecimentos do povo brasileiro, assim como busca mostrar o negro como autor de sua história, com significação ante a sociedade. Essa literatura leva toda a força do negro, ao reassumir a história, com uma mescla sobre o passado com o

presente, rememorando seu olhar diante de tudo que sentia e observava. Cada escritor busca apresentar sobre uma temática diferenciada, seja como Aluísio de Azevedo em **O Mulato** (1881), com um negro formoso de olhos azuis, que de forma distinta apreendeu a viver sendo desprezado, mesmo explanando certa rebeldia; ou Castro Alves que em seus poemas demonstra o negro como vítima ou como forma de expor toda a injustiça que sofriam. Os versos escritos por afrodescendentes sobrecarregam uma linguagem que apresenta a realidade vivida pelo negro desde sua vinda ao Brasil com as amarras da escravidão, a falsa liberdade e a ocasião de retornar às suas raízes.

É importante frisar que a literatura afro-brasileira não é um assunto novo, pelo contrário, sua tese se constrói e vem se modificando no decorrer dos anos. Outros teóricos, entretanto, preservam a conservação da expressão “literatura negra”, mesmo após o termo “literatura afro-brasileira” popularizar-se. Como exemplo, temos o escritor Cuti, pseudônimo de Luiz Silva, que recomenda:

Denominar de afro a produção literária negro-brasileira (dos que se assumem como negros em seus textos) é projetá-la à origem continental de seus autores, deixando-a à margem da literatura brasileira, atribuindo-lhe, principalmente, uma desqualificação com base no viés da hierarquização das culturas, noção bastante disseminada na concepção de Brasil por seus intelectuais. “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso no âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana. Em outras palavras, é como se só à produção de autores brancos coubesse compor a literatura do Brasil. [...] A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e da sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa brancura que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciada à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro” (CUTI, 2010, p. 35-36; 44-45).

Por essa razão, a denominação literatura negra tem como objetivo principal designar novos sentidos ao processo de formação da identidade de grupos étnicos que foram isolados do modelo hegemônico com o passar do tempo, ou seja, fazendo com que o termo negro não ressoe como imagem negativa, e sim possa ser revestida em aspectos positivos. Já a expressão literatura afro-brasileira tem sentido abrangente e menos direcionamento político, na qual se busca ligar o fazer literário e a relação com o continente africano, ou seja, a África sendo venerada como berço de toda civilização. A partir daí, a literatura de autoria negra no Brasil apresenta novas possibilidades estéticas ao texto literário. Com a literatura negra ou afro-brasileira, finalmente, são colocadas em evidência as autorias negras, expondo suas vivências

de ser negro no Brasil, reproduzindo histórias, renovando experiências e discursos, que antes não eram apreciados.

Com a intenção de acabar com as imagens negativas e estereótipos que os termos afro e negro assumiram ao longo de nossa história, a escrita negra e/ou afro-brasileira propõe mostrar uma leitura crítica dos preconceitos espalhados na sociedade. Além disso, busca indicar perspectivas de escritores e escritoras negros/as conscientes de seu papel no combate contra um retrato de identidade nacional fundamentado na ideia de democracia racial.

A literatura afro-brasileira encontra-se, conseqüentemente, reprofundada na vivência da população negra, não só como procedimento artístico de protesto da exclusão do afrodescendente, como também a liberdade das tradições africanas que foram silenciadas em nossa cultura. De acordo com Cuti,

O texto escrito começa a trazer a marca de uma experiência de vida distinta do estabelecido. A emoção – inimiga dos pretensos intelectuais negros – entra em campo, arrastando dores antigas e desatando silêncios enferrujados. É a poesia feita pelo negro brasileiro consciente (CUTI, 1985, p. 16).

Acerca disso, o afrodescendente começou a escrever exigindo respeito aos seus direitos de cidadão, além de ocupar novos lugares sociais, não restringidos aos espaços determinados aos escravizados, dispondo evidências no século XIX, com uma imprensa negra de tendência abolicionista, de quem o nome principal foi José do Patrocínio, escritor e jornalista que participou profundamente na campanha pela abolição da escravatura. Contudo, em várias partes do Brasil, escritores agiram como defensores da abolição do trabalho escravo através de seus escritos, de sua literatura, exemplos como de Maria Firmina dos Reis (Maranhão), Luís Gama (São Paulo), dentre outros.

No artigo **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção** (2008), o pesquisador Eduardo de Assis Duarte consolida a presença da literatura afro-brasileira e mostra a importância da disseminação dos trabalhos literários afros para fortalecer o projeto em nível nacional, ele pontua dizendo que “tanto na prosa quanto na poesia, paralelamente ao debate em prol de sua consolidação acadêmica enquanto campo específico de produção literária – distinto, porém em permanente diálogo com a literatura brasileira *tout court*” (DUARTE, 2008 p. 1). O pesquisador conclui dizendo que temos:

Uma literatura empenhada, sim, mas num projeto suplementar (no sentido derridiano) ao da literatura brasileira canônica: o de edificar, no âmbito da cultura letrada produzida pelos afro-descendentes, uma escritura que seja não apenas a sua expressão enquanto sujeitos de cultura e de arte, mas que aponte o etnocentrismo que os exclui do mundo das letras e da própria civilização. (DUARTE, 2008, p. 22).

Desde esse tempo, intelectuais e escritores afro-brasileiros vêm contribuindo aos legados para criação de grupos de pesquisas, coletânea de textos literários, jornais. Para citar alguns exemplos significativos, temos o **Jornal Quilombo**, os **Cadernos de Cultura da Associação Cultural do Negro**, a **Revista Tição**, o **Jornal do Movimento Negro Unificado**, o grupo **Gens**, os **Cadernos Negros**, a antologia **Quilombo de Palavras**. Assim, atualmente, mais e mais grupos de pesquisas vem surgindo para debater a literatura negra como aporte de resistência, destaque para o **GEPELIND – Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade**, criado pelo Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFMA-Bacabal.

Ao longo do século XX, referenciamos escritores que mostram a literatura com o objetivo de trabalhar com vozes rasuradas, silenciadas no decorrer de nossa história, tais como Abdias do Nascimento, Adão Ventura, Conceição Evaristo, Cuti, Geni Guimarães, Joel Rufino dos Santos, Jônatas Conceição da Silva, Solano Trindade, dentre outros que criam ou criaram textos sobre tradições histórico-culturais de origem africana no Brasil ou sobre o cotidiano do afro-brasileiro. É nessa afirmação identitária, escrita de si e das próprias tradições culturais que os escritores afro-brasileiros corrigem a arte literária.

Independentemente de os termos literatura negra, literatura afro-brasileira ou literatura afrodescendente não terem conformidade de opiniões entre os críticos literários e escritores, interessa-nos compreender as várias textualidades negras no Brasil retratadas positivamente, através da escrita, relacionando assim suas experiências sociais. Desse modo, destacamos que há uma textualidade negra que fala sobre si e seus irmãos, que testemunha a dor e a experiência do ser negro no Brasil racista estrutural da contemporaneidade.

Para aprofundar mais ainda esse estudo, verificamos que os antecedentes da literatura negra tiveram papel crucial para compreendermos essa literatura multicultural. O livro *O negro escrito*, de Oswaldo de Camargo, traz o apontamento do primeiro negro letrado no Brasil. Acontecimento significativo, levando em consideração as condições diversas dos negros na época. Refere-se a Henrique Dias, que escreveu uma carta ao rei de Portugal, reclamando maus tratos, em 1650. Existe também fatos históricos de textos que explanavam sobre atos de resistência ao sistema escravista e de textos de associações religiosas e de sociedades negras, comprovando a existência de negros alfabetizados e o uso da escrita como resistência, por exemplo, a escravizada Esperança Garcia².

² Esperança Garcia foi uma mulher negra escravizada. Em 2017 foi reconhecida pela OAB-PI como a primeira advogada piauiense. Em 6 de setembro de 1770, ela escreveu uma petição ao governador da Capitania em que

Luiz Gonzaga Pinto da Gama, no século XIX, foi um abolicionista que se valeu da intelectualidade para a libertação de negros escravizados, como advogado sem diploma, trabalhou arduamente para comprar escravizados e depois alforriá-los. Publicou **Primeiras Trovas Burlescas de Getulino**, em 1859, satirizando a aristocracia da época. Com lirismo e sátira, escreveu, mediante perspectiva de um negro, marcas de um Brasil autoritário, como se pode observar no trecho do poema abaixo:

Se tu queres, meu amigo,
No teu ál'b'um pensamento
Ornado de frases finas,
Ditadas pelo talento;

Não contes comigo,
Que sou pobretão:
Em coisas mimosas
Sou mesmo um ratão
[...]

Ouvindo o conselho
Da minha razão,
Calei o impulso
Do meu coração.

Se o muito que sinto
Não posso dizer,
Do pouco que sei
Não quero escrever.
Não quero que digam
Que fui atrevido;
E que na ciência
Sou intrometido.

Desculpa, meu amigo,
Eu nada te posso dar;
Na terra que rege o branco
Nos privam té de pensar! [...] (GAMA, 1859, p. 14).

No mesmo período das trovas de Luís Gama, foi publicado o romance abolicionista **Úrsula**, escrito pela maranhense Maria Firmina dos Reis. A escrita de uma mulher negra e nordestina coloca no centro da literatura as dores dos negros escravizados, posicionando-se assim a favor de um Brasil sem preconceitos. Vejamos um trecho da obra de Maria Firmina

denunciava as situações de violências pelas quais crianças e mulheres passavam e pedia providências. A data foi instituída como o Dia Estadual da Consciência Negra, em 1999.

O documento histórico é uma das primeiras cartas de direito de que se tem notícia. É um símbolo de resistência e ousadia na luta por direitos no contexto do Brasil escravocrata no século 18 – mais de 100 anos antes de o Estado brasileiro reconhecê-los formalmente. Sabe-se que Esperança nasceu em 1751, no Piauí, mas não se sabe a data de sua morte.

dos Reis, na qual a personagem Susana faz um discurso dolorido sobre a realidade dela:

A africana limpou o rosto com as mãos, e um momento depois exclamou: - Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é um tributo de saudade, que não posso deixar de render a tudo que me foi caro! Liberdade! Liberdade... Ali eu gozei na minha mocidade! - continuou Susana com amargura - (...) mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei com a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida, em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma. Uma filha que era a minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah, Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh, tudo, tudo até a própria liberdade! (REIS, 2018, p.179).

A escritora maranhense Maria Firmina dos Reis rompeu não só com as barreiras raciais, como também com a barreira de gênero. Como mulher e negra, conquistou acesso à escrita em pleno século XIX. Além disso, ao se apresentar como intelectual, escritora de romances e poesias, isso a coloca num lugar de exceção.

1.3 O “escrever” das Mulheres Negras: intersecções entre literatura e história

No decorrer da história, a mulher desempenhou uma caminhada marcada pela invisibilidade. Na Europa do século XVIII, debatia-se ainda “se as mulheres eram seres humanos ou se estavam mais próximas dos animais irracionais” (PERROT, 2008, p.11). Com isso, vários pensamentos dessa natureza estabeleceram limites para a ação das mulheres no espaço e tempo, pondo-as à margem da história.

Já no Brasil o olhar sobre a mulher acompanhava o pensamento eurocêntrico da colonialidade de raça e gênero, que colocava homens e mulheres afrodescendentes escravizados e libertos em profundo desprestígio moral e social. Isso fez com que muitas mulheres sofressem violência e a humilhação, situações que apresentaram a construção do seu imaginário social, indicando seu lugar de inferioridade, negando seus direitos e de outras desigualdades sociais.

A figura dominante da mulher negra na literatura brasileira, no decorrer da história, originou em criações literárias de escritores brancos: reuniu uma divisão socialmente distribuída para mulheres brancas, mulatas e negras, produzida pela ficção do homem, centrada no projeto dessa categoria, alinhadas ao patriarcalismo, não apenas nas relações entre os gêneros, mas também nas relações econômicas, de dependência da mulher ao homem e políticas de marginalização dela da esfera pública e, sobretudo, do poder.

Essa invisibilidade das mulheres encontrava-se ligada ao preconceito. Na sua história social e cultural, a mulher se deparou com exigências e limitações para sua ação e representação na sociedade, o que as fez ser ignoradas no espaço público, destinando-as apenas obediência às ordens solicitadas:

Elas atuam em família, confinadas em casa, aí no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem. É a garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo [...] sua fala em público é indecente (PERROT, 2008, p.17).

É visível no trecho acima que a invisibilidade das mulheres estava relacionada ao preconceito, principalmente na sua composição histórico-social, em que encontravam várias imposições e limitações para sua ação representativa em sociedade, sendo ignoradas no espaço público e destinadas à obediência à ordem a que se submetiam. Assim, o acesso das mulheres aos estudos foi marcado por valores patriarcais e heterossexistas eurocentrados como a obediência às ordens e respeito a regras já explanados anteriormente. Por sua vez, é nítido que trouxe desconforto aos homens que se revoltaram a esse direito e reconheciam a força da mulher e a potência das vozes delas.

No Brasil oitocentista, as influências europeias determinaram mudanças de valores também. Com isso, filhas de burgueses aristocráticos letradas não concordavam com as determinações da sociedade patriarcal do Brasil. Destaque para Nísia Floresta, educadora, ativista na luta pelos direitos das mulheres e por uma sociedade igualitária entre os sexos. Viveu e escreveu em um século de revoluções e grandes mudanças sociais, além de ser exemplo da representatividade da mulher brasileira que utilizava da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres.

A obra **Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens** (1832), de Nísia Floresta, primeira teórica do feminismo no Brasil, é um texto de acusação e questionamento sobre a divisão sexual do trabalho e o papel social destinado e imposto à mulher na sociedade no início do século XIX. O texto segue um tom de indignação acerca dos preconceitos sofridos pelas meninas em relação à educação, e pelas mulheres em relação ao trabalho e aos cargos públicos de administração da sociedade.

[...] Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens. [...] Entretanto eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil de dizer do que provar (FLORESTA, 1989, p. 35).

Nesse seguimento, a escritora Nísia Floresta certifica com a ideia de que os homens se privilegiam oprimindo as mulheres e apenas o conhecimento através da educação possibilitaria às mulheres o discernimento da condição de subalternidade. Seu texto desmistifica a concepção de que os homens são superiores às mulheres devido à sua condição física ou sua racionalidade. A importância da obra de Nísia direciona-se, atualmente, pela razão de que ela é a primeira autora brasileira ou latino-americana a romper com o paradigma dominante do período, que tratava as mulheres como inferiores aos homens em razão da sua própria natureza.

Outra mulher já mencionada que tem destaque ao acesso das letras no Brasil oitocentista chama-se Maria Firmina dos Reis. Maranhense, afrodescendente, nordestina, professora, tradutora, escritora, autora do primeiro romance brasileiro **Úrsula** (1859). Sua obra é vista como um marco da escrita literária feminina negra no Brasil, sendo assim, considerado o primeiro romance de autoria negra e feminina do Brasil, além de ser o primeiro de cunho antiescravista. É também o romance inaugural da chamada literatura afro-brasileira, produção literária que tematiza a negritude a partir de uma perspectiva própria. Assim, em seu conteúdo histórico, observam-se as marcas e denúncias da vida dos escravizados no Brasil. Por sua vez, na obra **Mulheres Negras do Brasil**, acerca de sua história, verificamos que:

[...] revelou-se como pioneira tanto em nossas letras como na história da educação brasileira, fundando em 1880, na cidade de São Luís do Maranhão, uma escola mista e gratuita para as crianças pobres. Professora desde 1847, mesmo depois de se aposentar, em 1881, continuou, com poucos recursos, seu trabalho de instrução e assistência aos menores desassistidos, tomando muitos deles como afilhados (SCHUMACHER; BRAZIL, 2007, p. 211).

Maria Firmina dos Reis foi uma exceção para o período, uma vez que ela era uma mulher negra habilidosa, condição que a várias outras mulheres negras no mesmo período foi negada devido ao sistema opressor, uma vida paupérrima, além das exposições ao preconceito. Reis é uma escritora da literatura brasileira do século XIX que colaborou sistematicamente com a imprensa local, publica, entre outros textos, com os contos **Gupeva**, de 1861, de temática indianista; **A escrava**, de 1887, no qual a autora retoma com mais força os seus ideais abolicionistas; além de um livro de poesias intitulado *Cantos à beira-mar*, de 1871, cujos temas são variados. Mulher de origem negra, que além de professora e romancista também fazia traduções do francês para publicações, ela foi pioneira para o período, visto que as mulheres negras na mesma época não tinham a educação como direito básico e, por isso, foi negada devido ao sistema escravagista e patriarcal. Na sua vivência, Maria Firmina dos

Reis trabalhou pela causa das minorias sociais, contribuindo, assim, para a educação da população negra.

A professora morava e lecionava em casa, como era de costume. Era reconhecida como Mestra Régia, o que na época significava professora formada e concursada em contraposição à professora leiga. [...] Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçaricó, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. Estava então com 54 anos (DEL PRIORE, 2007, p. 410).

Assim, evidencia-se que, ela foi uma voz da resistência feminina negra maranhense vigente no século XIX. Faleceu cega, aos 92 anos, em 11 de novembro de 1917, na cidade de Guimarães/MA, onde morou e atuou como professora concursada e escritora. Rafael Balseiro Zin enfatiza em sua dissertação intitulada **Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista** (2016), questões fundamentais para apreciarmos a expoente da literatura afro-brasileira. Ele destaca que:

[...] as ideias de Maria Firmina dos Reis abrem possibilidades para diferentes tipos de abordagem e de interpretação, seja no campo das ciências sociais, seja no campo dos estudos literários ou mesmo na hibridização entre ambos. Tomar contato com seus textos e com o conjunto de seu pensamento, enquanto cidadã do Império e participante ativa da vida cultural maranhense oitocentista, logo, é surpreender-se com a determinação e o espírito aguerrido de uma mulher que, em pleno século XIX, revela sua sensibilidade artística através da força das palavras. Denunciando as injustiças enraizadas por pouco mais de três séculos na sociedade escravagista brasileira, que fazia dos africanos e dos afrodescendentes escravizados suas principais vítimas, a autora lança um olhar para a questão da abolição, não sob um prisma universalista, europeizado e distante do cotidiano, mas, justamente, pela perspectiva dos próprios “vencidos”, ao mesmo tempo em que deixa explícita sua perturbação com relação à questão racial no Brasil e ao lugar social destinado às mulheres, ambos presentes nas arestas e nas aberturas interpretativas proporcionadas por sua obra (ZIN, 2016, p.18).

A pesquisa de Rafael Balseiro Zin transformou-se em livro (2019) com o mesmo título da dissertação de Mestrado, objetivando apresentar ao leitor/pesquisador um retrato da trajetória intelectual da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), a partir da análise de registros bibliográficos e de fragmentos literários com o intuito de alcançar, criticamente, os sentidos que a autora atribuiu à causa abolicionista em vigência naquele momento.

No século XX, outra mulher conseguiu espaço de representatividade na literatura afro-brasileira. Seu nome é Carolina Maria de Jesus, nasceu em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914, filha de negros que se deslocaram para a cidade no início das atividades pecuárias na região. Proveniente de família pobre, a autora estudou pouco. Sozinha, vivia de catar papéis,

ferros e outros materiais recicláveis, vindo dessa atividade o seu ganha pão. Leitora assídua de livros e de tudo o que lhe chegasse nas mãos, logo criou o hábito de escrever. Desse modo, começou sua carreira de memorialista, passando a anotar no dia a dia as memórias vividas no “quarto de despejo” e nas andanças pela “sala de visitas”, nos cadernos encontrados no lixo e que se transformaram nos “diários de uma favelada”.

Carolina Maria de Jesus elabora um projeto literário cujo fundamento é escrever. Assim é a concentração da sua escrita:

2 de junho de 1958

O senhor Manoel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, [1960] 2014, p.49)

A referência à escrita como ideal de vida é feita em diversas passagens na obra que a fez conhecida mundialmente, **Quarto de Despejo – diário de uma favelada** (1960), uma autobiografia da autora, na qual ela relata o seu cotidiano e suas vivências dificultosas. A obra publicada da autora é composta de três diários: **Quarto de Despejo – diário de uma favelada** (1960); **Casa de Alvenaria – diário de uma ex-favelada** (1961) e **Diário de Bitita** (1986); um romance: **Pedaços da Fome** (1963); uma coletânea de poemas: **Antologia Pessoal** (1996) e uma compilação de pensamentos intitulada **Provérbios** (1965). Grande parte da produção não foi publicada, somando uma infinidade de poemas, contos e escritos diversos ainda desconhecidos.

A importância da escrita para Carolina Maria de Jesus possui uma dimensão de resistência, pois é na realização do seu ideal de escritora que ela encontra um lugar para sua autodefinição. Na data de 18 de agosto de 1960, um dia antes do lançamento de *Quarto de despejo*, ela escreve em *Casa de alvenaria*: “Eu estou alegre e agradeço a colaboração dos que auxiliou-me na divulgação do meu livro. É o meu ideal concretizado.” (JESUS, 1961, p.37). No ato de publicação, seu ideal de escrita se efetiva como um projeto de vida:

9 de dezembro de 1960

Comprei moveis e roupas e utensilios de casa. Comi tudo o que desejava comer. Carne peixe, uva, azeitona, bacalhau e queijo. Quando eu estava na favela eu pensava: oh se eu pudesse comer bacalhau! Estas coisas para mim era abstrata e agora são concretas. Tomo banho todos os dias no chuveiro elétrico e deito no meu colchão de molas. (JESUS, 1961, p.102)

Segundo o crítico e biógrafo Tom Farias,

[...] mulher intemorata, corajosa e cheia de atitudes alvissareiras, Carolina Maria de Jesus, com seu pensamento singular, sua escrita simples, deixou um legado eivado de desafios e alertas, de indignações e dúvidas. E através da leitura das notas do seu diário, fica-se a certeza de que uma mulher sem igual existiu de fato e de direito entre nós, para simbolizar a luta sofrida, não só das mulheres pobres e humildes, mas a luta em prol do dia seguinte, do dia necessário para sobreviver, do dia sem vencedor e sem vencidos. [...]

Carolina Maria de Jesus representou essa mulher, que transformou uma atitude corriqueira que é o ato de escrever, na bandeira contra a fome e a miséria, bandeira essa que tremula, como um estandarte, protegendo as cabeças dos fracos e oprimidos, dos que, como ela, envergaram a espinha para ganhar a vida, nos lixões de cada esquina, nas obras do metrô, nos garimpos, nas aberturas de estradas que, infelizmente, levaram este país para lugar nenhum (FARIAS, 2020, p. 190).

À vista disso, a presença da escritora Carolina Maria de Jesus incomodou e trouxe uma análise interseccional de raça, gênero e classe bastante presente na recepção de sua obra, fazendo com que ela seja reconhecida através do valor da comunicação e expressão escrita relacionado ao fato de ela ser, favelada, pobre, migrante, catadora de lixo, mulher, negra, mãe solteira, chefe de família, pouco escolarizada, somando aspectos que reconheceram o discurso denunciativo da condição do oprimido. Historicamente, a literatura no Brasil foi um privilégio masculino, entretanto, já havia escritoras determinadas a superar obstáculos de uma sociedade cheia de preconceitos, assim, Carolina trazia no teor de seus textos aspectos da vivência da modernidade e sociabilidade relacionados na experiência do sujeito-mulher-negra, silenciada, pois a entrada validada ao discurso literário não se ampliava para as mulheres negras.

A escrita das mulheres negras é bastante relevante, principalmente aos séculos de silenciamento em que foram submetidas. Elas têm conquistado cada vez mais os espaços privilegiados da literatura e manifestado outras formas de representação, dando autenticidade de seu papel histórico e de tradições culturais. Nesse sentido, convém mencionar que:

As denúncias sobre essa dimensão da problemática da mulher na sociedade brasileira, que é o silêncio sobre outras formas de opressão que não somente o sexismo vêm exigindo a reelaboração do discurso e práticas políticas do feminismo. E o elemento determinante nessa alteração de perspectiva é o emergente movimento de mulheres negras sobre o ideário e a prática política feminista no Brasil (CARNEIRO, 2003, p.118).

Nesse sentido, ao longo do século XIX, a literatura tem quebrado as amarras do patriarcado, trazendo à tona uma narrativa da representação das mulheres como agentes ativos na história. A presença resiliente de escritores e intelectuais negros, exemplificada por Antonieta de Barros, Alzira Rufino, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Esmeralda Ribeiro, Geni Mariano Guimarães, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Mariana Gonçalves da Luz, Miriam Alves, Rosa Egipcíaca, Teresa Margarida da Silva, Sônia Fátima, Sueli Carneiro, e outras

personalidades, tem ampliado significativamente a expressão literária sob a perspectiva de "mulher" e "negra". Essa abordagem tem se consolidado como ponto central na literatura afro-brasileira de resistência.

Mediante essa perspectiva que nos destina ao lugar ocupado pela figura feminina negra na escrita da história brasileira, entendemos a urgência de expor formas de representatividade, recorrendo à literatura como fonte de localizar narrativas de vivências. A história precisa ser considerada como uma operação. Primeiramente, ela precisa ser compreendida como a relação entre um lugar, posterior a um procedimento de análise e a construção de um texto, uma literatura. Esse tipo de percepção é fundamental, pois nos leva a reconhecer que ela faz parte da realidade da qual trata e que essa realidade pode ser favorável "enquanto atividade humana", "enquanto prática" (CERTEAU, 2011, p. 47). Para o historiador, a operação histórica representa a combinação de um lugar social, práticas ou procedimentos técnicos e, por fim, a escrita, permitindo, assim, ao autor dar contornos na organização do espaço produzido como texto.

Portanto, a escrita da história, ao articular um lugar social à construção de um discurso narrativo por meio de práticas e técnicas específicas, seria, desse modo, uma forma de lidar com a alteridade, de um "outro" que se perdeu, de um ausente que, para o autor, é o objeto da história. Essa concepção dá ênfase ao estudo do próximo capítulo intitulado "O empoderamento negro: revisitação da teoria de gênero e da raça", no qual mostraremos um pouco da historiografia de resistência e suas nuances enquanto identidade negro-feminina.

2 O EMPODERAMENTO NEGRO: revisitação da teoria do gênero e da raça

As relações de poder em torno das questões de classe, gênero e raça dão lugar a uma combinação característica de opressões que atingem, particularmente, as mulheres negras. Com a finalidade de refletir sobre o conceito de interseccionalidade em **Ponciá Vicêncio**, serão abordados subtópicos relacionados a essa teoria da crítica feminista, fazendo assim uma revisitação das teorias de gênero e de raça, ao dar ênfase ao empoderamento feminino negro. Primeiramente, serão abordadas algumas historiografias de resistências, as quais refletem a negritude e o feminismo negro; logo após o destaque ficará para a questão de gênero e identidade da mulher negra; por fim, abordaremos os olhares sobre as mulheres negras na literatura: mulher-objeto x mulher-sujeito. É importante destacar na pesquisa como a escrita de Conceição Evaristo dialoga com a perspectiva interseccional desenvolvida dentro do feminismo negro, mostrando as diferentes opressões e resistências que a obra permite analisar.

2.1 Negritude e Feminismo: historiografias de resistências

Os negros durante muito tempo foram retratados apenas como escravizados no ensino de História e, assim, depois da abolição da escravatura, a população negra foi silenciada na narrativa histórica escolar. Retomando-a mediante as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena, o negro passou a ter certa visibilidade no ensino de História, literatura e outros campos do saber.

A historiografia assevera que, no decorrer dos anos, a representatividade das mulheres negras em livros é precária. Muitas convivem diariamente, minuto a minuto, com a violência e ameaça de morte, diante disso, as mulheres negras buscam seu direcionamento de resistência e de empoderamento, sendo uma delas, a literatura. Verificamos também que o corpo feminino é um corpo subjugado, principalmente, o corpo da mulher negra, por isso, é necessário romper com essa imagem de subjugação através do conceito defendido por Zilá Bernd de negritude. A negritude é entendida pela autora como “a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação e a consequente reação pela busca de uma identidade negra” (BERND, 1984, p. 20).

Esse processo de transformação da negritude juntamente ao empoderamento feminino negro começa, normalmente, pelo aceitação dos cabelos crespos e/ou cacheados, os quais antes eram alisados quimicamente. Desse modo, cabe fazer um trocadilho com a célebre frase

da filósofa feminista francesa “não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1987, p. 13), uma vez que a negritude é o processo de “tornar-se negra” (SOUSA, 1983, p. 77). Por essa razão, convém sustentar que:

Ser negro é (...) tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme a dignidade alheia a qualquer nível de exploração (SOUSA, 1983, p. 77).

Tornar-se negro é, então, a formação positiva das identidades negras. Relaciona-se a um ato em que se constrói uma busca ativa por identificação, normalmente retratada pelo reconhecimento da ancestralidade negra. Esse processo de assumir uma identidade negra representa um rompimento identitário. Diante disso, definir o feminismo não é fácil, em razão das suas abrangências assumidas no decorrer do tempo. Em geral, é definido como um movimento filosófico, político e social que tem como função conquistar a igualdade social, política, econômica e legal entre mulheres e homens, bem como expressa-se de forma filosófica, teórica e prática. Visto como um dos movimentos mais significativos da contemporaneidade, defende diversas correntes de pensamento, envolvendo marcadores sociais de classe, étnico-raciais, de gênero e tantos outros.

A participação das mulheres nos âmbitos artístico, cultural e literário foi negada por vários anos por uma sociedade patriarcal e sexista, relegando seus discursos a uma condição marginal e de subalternidade ao poder. Por essa razão, é fundamental pensar sobre a contribuição do pensamento feminista negro para refletir a visibilidade da literatura de autoria feminina negra como escrita de resistência ao poder masculino e embranquecido da crítica canônica. Assim, o feminismo negro analisa esse paralelo entre a igualdade racial com a igualdade de direitos, exposta através desta pesquisa, descrevendo seus avanços através de levantamento bibliográfico. Diante disso, a literatura da mulher negra no século XXI não expõe apenas sobre sua autonomia feminina, carrega também um longo processo de lutas e reivindicações contra um processo de silenciamento marcado pela inferiorização do gênero e da raça.

Os acontecimentos históricos do movimento feminista datam-se às sufragistas tanto inglesas como norte-americanas, que nas décadas do século XIX iniciaram a luta pelo direito ao voto. Entretanto, em séculos anteriores, independentemente de nomes, por exemplo, Christine de Pisan (na Idade Média), e Olympe de Gouges (na Revolução Francesa), mulheres

que trocavam ideias sobre temas relacionados à opressão feminina em séculos anteriores, os ápices dessas lutas traçaram diferentes reivindicações e conquistas da luta feminina.

A teórica feminista e ativista antirracista bell hooks (2019) assinala que a luta por justiça social encontra no feminismo uma de suas frentes mais poderosas. A afirmação da ativista chama a atenção para a dificuldade de determinar um conceito claro para o termo feminismo. Sua fala é que simplesmente o fato das mulheres almejarem a igualdade de gênero, não dando importância para perspectiva política, elas já são rotuladas de feministas. Grande parte de conceituação do termo é focada nos direitos das mulheres, expresso no movimento feminista.

Segundo a teórica feminista, o olhar sobre a liberdade pessoal é quase apolítico. “Atualmente, muitas feministas radicais já sabem que não é focando nem na autonomia e liberdade pessoal da mulher nem na igualdade de oportunidades que o feminismo poderá dirimir da sociedade o sexismo e a dominação” (hooks, 2019, p.56). Observa-se que a fala da autora revela a ideia que focaliza suas evidências sobre o feminismo, sobretudo, que o desejo de acabar com a dominação sexista é uma das funções do feminismo. É essencial reconhecer uma visão ampla e otimizada da realidade política da mulher, evidenciando no pessoal, uma vez que permite que as mulheres aprofundem as suas próprias situações na sociedade, desenvolvendo assim uma consciência política.

Ao repudiar a noção popular de que o foco do movimento feminista deveria ser a igualdade social entre os sexos e ao enfatizar a erradicação da base cultural da opressão de grupo, nossa própria análise iria requerer uma investigação de todos os aspectos da realidade política da mulher. Sob essa óptica, raça, e opressão de classe, como questões feministas, teriam a mesma relevância que o sexismo (HOOKS, 2019, p.58).

Na citação acima, a autora constrói críticas ao movimento feminista de inspiração liberal, adotado por mulheres brancas de classe média alta, alertando para as diversas realidades sociais e políticas das mulheres, ao indicar que o ponto central do movimento se reverte para a experiência de todas as mulheres, e não só a um grupo específico de classe, mulheres ou raça. Desse modo, “o pensamento e a prática feminista foram profundamente alterados quando mulheres negras e brancas de postura radical começaram, juntas, a desafiar a ideia de que o gênero era o fator que, acima de todos, determinava o destino de uma mulher” (hooks, 2019 p.17).

As abordagens do movimento de mulheres negras dos EUA nos anos de 1970 e 1980 foram primordiais para o surgimento do pensamento interseccional dentro do movimento feminista. Embora a palavra tenha sido criada por Kimberlé Crenshaw em 1989, intelectuais

como Audre Lord, Angela Davis, bell hooks e Patricia Hill Collins, tiveram colaborações significativas ao utilizarem a interseccionalidade como instrumento de identificação das relações de poder que se entrelaçam e se fortalecem mutuamente, como classe, gênero, territorialidade, religião, sexualidade, raça e etnia, como também observarem para outras formas de desigualdade e dominação.

O entendimento interseccional coloca em discussão as diferentes perspectivas de lutas envolvendo mulheres brancas e não brancas. Sempre que as mulheres brancas combatiam para não terem uma imagem de inferioridade, na ocupação de lugares públicos ou até mesmo para que tivessem o direito de trabalhar, as mulheres negras jamais tinham sido vistas como inferiores e nem privadas de trabalhar, assim como nos explana com exemplos o clássico discurso de Sojourner Truth de 1851 na **Convenção Anual pelos Direitos das Mulheres**, Akron, Ohio.

Sueli Carneiro (2019), nos questiona “de que tipo de mulher estamos falando?”, aqui ela fala sobre as especificidades que caracterizam as lutas e os aspectos das mulheres brancas e negras, que necessitam ser vistas e debatidas dentro e fora dos movimentos, carregando as contradições pertencentes às articulações entre classe, gênero e raça.

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconhecerem em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar. Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados (CARNEIRO, 2019, p. 314).

Ainda segundo Sueli Carneiro (2019), enegrecer o feminismo é começar através de uma nova perspectiva sobre as pautas e lutas do movimento negro integralizando o movimento feminista com elementos antirracistas. Por isso, “pensar a contribuição do feminismo negro na luta antirracista é trazer à tona as implicações do racismo e do sexismo que condenaram as mulheres negras a uma situação perversa e cruel de exclusão e marginalização sociais” (CARNEIRO, 2019, p.287). Portanto, o movimento de mulheres negras vem sinalizando iniciativas fundamentais nos entrelaçamentos entre racismo e sexismo. Sendo assim, a mulher negra representa a interseccionalidade de gênero, raça e classe.

A pesquisadora do feminismo negro Patrícia Hill Collins (2016) discute sobre a necessidade de a literatura ser multidisciplinar, o que a autora conceitua de pensamento

feminista negro. Seu estudo argumenta sobre a marginalização das mulheres negras e seu *status* social que gerou uma ideia problematizadora sobre as questões de classe, gênero e raça, o que possibilitou a expressão de novos olhares para mulheres negras em sociedade.

Esse posicionamento atribui importância quando se refere sobre a invisibilidade das mulheres negras, dentro do movimento feminista, referência ajustada por Gloria Evangelina Anzaldúa (2000), ao escrever uma carta para as escritoras dos países subdesenvolvidos. Ela alerta que mulheres negras sofrem perigos que não são os mesmos confrontados pelas mulheres brancas, ainda que deduza que ambas tenham muito em comum. A estudiosa da teoria feminista fala de sua vivência como escritora e reflete como é assustador ser uma mulher do terceiro mundo que participa de reuniões literárias e congressos.

Como nos atrevemos a sair de nossas peles? Como nos atrevemos a revelar a carne humana escondida e sangrar vermelho como os brancos? É preciso uma enorme energia e coragem para não aquiescer, para não se render a uma definição de feminismo que ainda torna a maioria de nós invisíveis (ANZALDUA, 2000, p. 231).

Em conformidade com a autora, notamos que o engajamento e a visibilidade de mulheres negras vêm crescendo e sua escrita vem ganhando cada vez mais representatividade no meio acadêmico e nas linguagens artísticas. Porém, foi uma inclusão cheia de obstáculos, dificuldades e subalternidade, tendo em vista que “se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 85). Interessante notar que, a autora expõe como a eliminação do discurso do subalterno é marcado e demasiado ao se remeter à mulher subalterna.

De acordo com Perrot (1998), a mulher só conseguiu espaço público através de sua escrita, primeiramente com a escrita de cartas e correspondências, posterior pela literatura e, enfim, pela imprensa. A mulher entrou muito tarde no mundo letrado no Brasil, tendo sua inclusão restrita no decorrer dos anos de 1758-1870, ao atingir o direito à educação, efetivando, assim, a manifestação da educação feminina.

Ainda sobre o contexto brasileiro, a abolição da escravatura consistiu em desprezar o acesso escolar e, por efeito, negar qualquer forma de acesso à escrita, pois somente através de violência do trabalho e nas formas de lutas pelas sobrevivências é que a educação das crianças negras se efetivava. Apesar de haver uma institucionalização por parte do governo, foram apontadas historicamente várias escolas informais para a educação de negros, como podemos observar no fragmento que segue:

Para a população de origem africana, a escravidão significava uma negação do acesso a qualquer forma de escolarização. A educação das crianças negras se dava na violência do trabalho e nas formas de luta pela sobrevivência. As sucessivas leis que foram lentamente afrouxando os laços do escravismo, não trouxeram como consequência direta ou imediata oportunidades de ensino para os negros. São registradas como de caráter excepcional e de cunho filantrópico as iniciativas que propunham a aceitação de crianças negras em escolas ou classes isoladas – o que vai ocorrer no final do século [XIX] (DEL PRIORE, 2018, p.445).

Teoricamente, desde a lei de 1854, as escolas públicas do Brasil Império necessitariam aceitar alunos de qualquer cor, desde o momento em que fossem livres, incluindo os escravos alforriados, vacinados e não portadores de doenças contagiosas. Com efeito, as primeiras possibilidades de educação escolar e progresso da população negra acontecem no Estado Republicano, mediante o desenvolvimento industrial no final do século XIX, promovendo assim o ensino profissionalizante.

Dessa forma, somente na última metade do século XIX é que podemos pensar no reconhecimento da escrita de mulheres e homens negros, por exemplo, textos como a Carta de Esperança Garcia. Entretanto, há muitos obstáculos históricos e simbólicos que transpassam o caminho da escritura feminina negra. Grada Kilomba (2019) reitera que uma pessoa só pode falar mediante sua voz seja ouvida e nessa ótica os que são ouvidos são os que pertencem, os que não são ouvidos tornam-se o outro, os que não pertencem. Um exemplo que mostra esse não pertencimento dos negros é a máscara, referenciada como “máscara de Anastácia”, que historicamente foi usada pelos senhores nos escravizados com a finalidade de evitar que os subjugados comessem os alimentos da colheita no mesmo momento em que trabalhavam na plantação, assim, através de seu uso, haveria o controle dos colonizados que pertencem, serem ouvidos e pudessem falar.

Citando outro exemplo parecido, temos o cânone literário, considerando que é transposto por um grupo totalmente universal, no qual os ditos “outros” da literatura não conseguem se inserir. Apesar disso, na especificação de “outros”, o negro, certamente, está inserido.

[...] na literatura de autoria negra ou africana, percebe-se a existência de um discurso de alteridade político, na medida em que seus representantes se assumam e se declarem como tal, isto é, como negros, negras, africanos, africanas, ou seja, como parte de uma etnia não prestigiada (LOBO, 1997, p. 5).

Desse modo, a literatura feminina negra aprofunda o cânone, relacionada como diferente, consistindo, basicamente, em colocar-se no lugar do outro, e evidentemente assinalada pela violência epistêmica. Em conformidade com Spivak (2010), esse aspecto de

conhecimento e ordem é o meio ideal para a realização desse tipo de violência. Uma violência que, no âmbito literário, pode ocorrer de forma representativa por pontos de vistas, como a inexistência dessas escritoras em livros didáticos e o baixo número de publicações, acarretando o que pode ser chamado de “colonialidade literária”.

De acordo ainda com Grada Kilomba (2019), essa “outridade” não se trata de um modo de resistência ou de proveito, ela é na verdade a abstração de acesso à representação sofrida pela comunidade negra. A autora diz ainda:

Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós (KILOMBA, 2019, p. 51).

Nesse sentido, a mulher negra inicia a sua escrita rompendo a ordem, primeiramente definida pela autenticidade do colonizador, e se inclui nessa situação o outro, assumindo a transformação na base de sua literatura. Por esse lado, quando a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em **O perigo de uma história única** (2018), reflete a relevância de uma mesma história ser contada por diversos sujeitos, expressando variedades de possibilidades, compreendemos que a contação de histórias pelo espaço feminino negro é uma forma de readquirir novos conhecimentos. Desde o momento no qual se dá destaque ao que é predominante desconhecido ou tido como inexistente, dando oportunidade para a transformação social. É necessário falar do protagonismo da mulher negra através de sua apreciação, omissão e subalternização.

A literatura feminina negra é identificada como uma literatura representativa de vivências, como expõe Conceição Evaristo, literatura que fala sobre as “escrevivências”. Uma escrita definida diante do posicionamento de classe e raça, pois seus conteúdos mostram as particularidades de mulheres que a longo prazo estiveram escondidas e silenciadas, bem como dá evidência a elas através de sua fala de coexistência, revelando uma identidade feminina que não seja mais um outro no discurso, e sim uma forma de criar o seu próprio discurso.

Assume-se, neste caso, que o ato da escrevivência caracteriza-se como aspecto representativo de poder e de lugar de fala, como um dispositivo de escuta do outro, pela sua própria voz. De veicular personagens que não configurem algum estereótipo de objetificação sexual que não tinham direito a voz. Conceição Evaristo, nos reforça apontando que:

Se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficciona a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhorando-se “da pena”, objeto

representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Criam, então, uma literatura em que o corpo mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca tematizar um outro movimento que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se torna o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p. 54).

Verificamos que as marcas de vida da própria escritora, juntamente com suas experiências e vivências, constroem a enunciação de vozes antes silenciadas. A escrita começa a se manifestar, portanto, como indício de sua luta contra a subalternização da sua presença, da sua voz e de um novo sentido da mulher negra. Assim, apesar de toda marca, cicatriz, exclusão e preconceito, essa mulher negra soube se impor e usou de sua escrita como arma para criar um discurso literário desafiador, inovador, libertador e transgressor.

2.2 Gênero e Identidade da Mulher Negra

Neste subtópico, discorre-se sobre as observações a respeito da mulher negra no Brasil, desde discussões em volta do surgimento de novas identidades, as quais originaram novos movimentos sociais, entre eles o movimento feminista. É a partir desses movimentos que se pode perceber e visibilizar a literatura de autoria feminina negra, incluindo o *corpus* da presente pesquisa, o romance **Ponciá Vicêncio**, que mostra a relação das representações identitárias que reconhece a identidade étnica, além da função da mulher negra na cultura afro-brasileira.

De acordo com Stuart Hall (2000), o conceito de identidade não é um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional, ou seja, esta concepção de identidade “não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, ‘o mesmo’, idêntico a si mesmo ao longo do tempo” (HALL, 2000, p. 108). Na contemporaneidade tardia, essas opiniões admitem que as identidades não são unificadas, que elas estão cada vez mais fragmentadas e fraturadas. Aliás, essas identidades não são singulares, mas múltiplas e construídas através de argumentações, práticas e posicionamentos que se movimentam ou podem ser divergentes, assim: “As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.” (HALL, 2000, p. 107-108).

Ainda em conformidade com o autor, é fundamental estabelecer relações nas discussões sobre identidade aos processos e práticas que têm perturbado a estabilidade de muitas populações e culturas. À vista disso:

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios (HALL, 2000, p.108-109).

Para Hall (2005), o indivíduo passou a ser visto como mais localizado e definido no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna. A proposição discutida de que as identidades contemporâneas estão se fragmentando certificam não somente seu desligamento, mas seu deslocamento. Deslocamento que acontece por meio de uma série de interrupções nos discursos modernos. Um exemplo dessas proposições é o movimento feminista.

Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecida como a política de identidade – uma identidade para cada movimento. Mas o feminismo teve também uma relação mais direta com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano e sociológico: Ele questionou a clássica distinção entre “dentro” e o “fora”, o “privado” e “público”. O slogan do feminismo era: “o pessoal é político”; Ele abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças, etc. Ele também enfatizou, como uma questão política social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas); aquilo que começou como um movimento dirigido à contestação da posição social das mulheres expandiu-se para incluir a formação das identidades sexuais e de gênero; o feminismo questionou a noção de que os homens e as mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, substituindo-a pela questão da diferença sexual (HALL, 2005, p.34-46).

Nesse sentido, no romance **Ponciá Vicêncio**, verificamos que existe uma busca pela identidade perdida, a iniciar pelo sobrenome de Ponciá que “[...] tinha vindo antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio” (EVARISTO, 2017, p.26). Consequentemente, Ponciá, ao retornar à casa da mãe, em busca dos seus, a encontra vazia. Desse modo, esse processo de efetivação da busca de identidade de Ponciá, que se encontra no vínculo familiar, se realizará apenas ao final da narrativa.

Na noite em que aconteceu o regresso, Ponciá Vicêncio não dormiu. Viveu o tempo em que era tomada pela ausência e quando retornou a si, ficou apenas deitada

escutando. Escutou na cozinha os passos dos seus. Sentiu o cheiro de café fresco e de broa de fubá feitos pela mãe. Escutou o barulho do irmão [...] escutou as toadas que o pai cantava. [...] Escutou, e o que mais escutou, e o que profundamente escutou foram os choros- risos do homem-barro que ele havia feito um dia. [...] a dor da ausência da mãe e do irmão aconteceu mais forte ainda (EVARISTO, 2017, p. 49).

Assim sendo, conforme apresenta Fonseca (2010), esses paradigmas em sua maioria levam consigo visões desfiguradas criadas pelo europeu colonizador, que evita o desenvolvimento da identidade dos brasileiros afrodescendentes. Por essa razão, “em função desse processo de desvalorização da pessoa negra, os afrodescendentes tendem a introjetar a visão dominante de mundo branco, visto como superior devido às relações hierárquicas e poderes de raiz histórica que instituíram o poder do branco sobre eles” (STRINGHINI, 2008, p. 3).

Em face do exposto, observamos também no romance **Ponciá Vicêncio** que:

A menina ouvira dizer algumas vezes que Vô Vicêncio havia deixado uma herança para ela. Não sabia o que era herança, tinha vontade de perguntar e não sabia como. Sempre que falavam dele (falavam muito pouco, muito pouco) a conversa era baixa, quase cochichada e quando ela se aproximava, calavam. Diziam que ela se parecia muito com ele em tudo, até no modo de olhar. Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio (EVARISTO, 2017, p.27).

Dessa forma, a personagem Ponciá Vicêncio sabe que precisa, na caminhada de sua vida, resgatar algo, embora, possivelmente, a menina não saiba exatamente que se trata da herança deixada por Vô Vicêncio para ela. À vista disso, consideramos que, de acordo com o que Hall (2005) afirma, as identidades não são algo acabado, com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.

Nesse prisma, constatamos em **Ponciá Vicêncio** a postura da mãe de Ponciá, Maria Vicêncio, quando soube da morte do seu marido: “mulher, quando avistou o vulto do filho sozinho, saiu desesperada ao encontro dele. Abraçou o menino e depois, lenta e solenemente, abraçou o vazio como se estivesse abraçando alguém. Não perguntou nada. Sabia de tudo” (EVARISTO, 2017, p.28). Assim, independentemente da dor que sofria em perder o marido, a mulher expõe sua força de espírito em continuar a vida, pois sabia que se realizaria um longo caminho pela frente.

Ademais, de acordo com palavras da própria Evaristo, sua observação de contradição são as vias da lembrança. Para ela, o diálogo e a escuta talvez sejam as únicas soluções para as contrariedades em que ela e as outras mulheres se defendiam, conforme visto a seguir:

Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeiro a dos patrões, depois a dos homens, seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e, mormente, para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo (EVARISTO, 2007, p.20).

Desse modo, na obra **Ponciá Vicêncio**, as lembranças e relembrações se manifestam como forma de provocar inquietação em Ponciá, sobre os acontecimentos infelizes, os relatos de fracasso dos que foram para a cidade, embora a personagem já esteja decidida a partir. Assim,

A vida se tornava pior do que na roça. Ela sabia de muitos casos tristes, em que tudo havia dado errado. Procurou se lembrar de algum que tivesse tido um final feliz. Não lembrou. Esforçou mais não atinou com nenhum. Não esmoreceu. Relembra tanto, falavam tanto daqueles casos tristes, que até ela só se lembrava deles. Não tinha importância. O caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz (EVARISTO, 2017, p. 33).

De acordo com a leitura em **Ponciá Vicêncio**, é perceptível que existe um processo que nos leva às vias das lembranças, como posto na seguinte citação:

Ponciá nos arrasta consigo pelo processo de lembrar. O pai, que, a princípio, era uma vaga figura ou o avô de quem só se lembrava do ‘braço cotó’ ou do enterro, vão ganhando formas mais definidas à medida que a voz narrativa permite ao leitor se esgueirar com a protagonista pelos meandros da sua memória para compartilhar com ela as amargas ausências e desencontros, mas também para vivenciar com ela os seus sonhos, a sua coragem e a profunda ternura das relações familiares (BARBOSA, 2003, p.8).

Nesse caso, convém esclarecer que Evaristo empenha-se de forma ilustre no universo feminino, apreendendo em seus escritos, “as lágrimas e as ‘molhadas lembranças’, material que fecunda a sua poética” (FONSECA, 2011, p.271). Observamos que a identidade é a soma de um processo histórico-cultural. Ademais, nossa identidade social se estabelece e produz a partir do outro, daquilo que é diferente: “E essa identidade social será construída a partir de elementos históricos, culturais, religiosos e psicológicos” (CARNEIRO, 1989, p.9). Com a finalidade de investigar a atuação das mulheres negras brasileiras na literatura afro-brasileira e conhecer a construção da personagem Ponciá Vicêncio, analisando textos teóricos que abordam a identidade feminina, discriminação da mulher negra no cenário brasileiro e a herança identitária de Ponciá Vicêncio.

De tal forma, observamos no romance a ideia de inferioridade, constatado por Evaristo, quando Luandi fica surpreso ao avistar o Soldado Nestor, pela primeira vez na estação:

[...] Acabava de fazer uma descoberta. A cidade era mesmo melhor do que na roça. Ali estava a prova. O soldado negro! Ah! que beleza! Na cidade, negro também mandava! [...] Chegando lá, o soldado negro chamou outro soldado. Veio um branco. Ele mandou que o branco guardasse Luandi na cela. Só trancasse o preso, não fizesse nada... Luandi conclui que o soldado negro era mesmo importante. Era ele quem mandava.

[...] Luandi só queria ser soldado. Queria mandar. Prender. Bater. Queria ter a voz alta e forte como a dos brancos (EVARISTO, 2017, p. 67-68).

É interessante notar no romance essa ideia de inferioridade interseccionalizada de uma identidade feminina, como também uma identidade racial com a valorização do negro. Vale destacar que “a identidade é também algo que se constrói em oposição a alguma coisa, pressupondo, portanto, o outro” (CARNEIRO, 1989, p.9). Nesse caso, a personagem Ponciá Vicêncio é discorrida no romance, por Conceição Evaristo, como forma de abordar sobre as questões sociorraciais, desde seu próprio sobrenome que foi legado do “dono dos seus bisavôs”, no período da escravidão.

Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha, então, vontade de choros e risos. [...] Uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia. Ele [o marido] teve medo, muito medo. De manhã, ela parecia mais acabrunhada ainda. Pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio. Ele, espantado, perguntou-lhe como a chamaria então. Olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamá-la de nada (EVARISTO, 2017, p.18-19).

Compreendemos, nesse fragmento, que é clara a aflição da personagem que não se encontrava em seu próprio nome. Conforme Eduardo Assis Duarte (2006), essa marca de subalternidade, que denuncia a ausência entre os remanescentes de escravos, difunde-se pelo sofrido circuito de derrotas, em que tanto a menina quanto a mulher vão sendo lançadas fora dos entes queridos e de tudo o que possa significar enraizamento identitário. Tal qual outras mulheres afro-brasileiras não se encontram simbolizadas em projetos ou movimentos feministas, criados com o objetivo de confirmar sua identidade cultural pertencentes aos grupos oprimidos ou marginalizados, como forma de resistência, colocadas às margens da sociedade. Assim, esses movimentos, sobretudo os feministas, foram desenvolvidos em favor

da igualdade entre homens e mulheres. Sendo assim, no romance **Ponciá Vicêncio**, não é por ventura que o sobrenome Vicêncio, herdado do dono dos escravizados, ancestrais de Ponciá, situa-se também no título da obra em análise, visto que mostra a inferiorização forçosa ao negro. Neste caso:

Ponciá nos narra que o Vicêncio de seu nome, e que todos de sua família também adotam, representa um fardo sobre as suas costas. E esse sobrenome se mostra, não em vão, também no título do livro. É um sobrenome herdado do dono de seus antepassados e que substituiu a tradicional tatuagem com o nome do dono no corpo do escravo. O sobrenome Vicêncio se mostrou tão doloroso quanto a tradicional tatuagem que os senhores mandavam fazer nos possuídos. Por toda a vida representará a marca da subalternidade de uma raça (SANTANA, 2013, p.5).

Visto que, o sobrenome Vicêncio simbolizava uma “lâmina afiada a torturar-lhe o corpo” (EVARISTO, 2017, p.29), um vestígio de domínio do branco sobre o negro, pois embora não seja marcado na pele, caracteriza propriedade do dono das terras, onde durante anos os negros foram escravizados e suas gerações, sem perspectivas, permanecem sendo explorados. Dessa forma: “A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida” (EVARISTO, 2017, p.72).

Por isso, em **Ponciá Vicêncio**, por exemplo, de acordo com Duarte (2007), a princípio a protagonista aparece desprendida do nome de família:

Pois o ‘Vicêncio’ que todos os seus usam como sobrenome provém do antigo dono da terra e era como ‘lâmina afiada a torturar-lhe o corpo’. Essa marca de subalternidade, que denuncia a ausência entre os remanescentes de escravos dos mínimos requisitos de cidadania, estende-se pelo penoso circuito de vazios e derrotas no qual tanto a menina quanto a mulher vão sendo alijados dos entes queridos e de tudo o que possa significar enraizamento identitário (DUARTE, 2007, p. 26).

Desse modo, por levar esse sobrenome, observamos a objetificação e falta de prestígio dos negros, pois são vistos como objeto pelo dono das terras e, assim, nem sequer um sobrenome próprio lhes é assegurado, permanecendo neles a marca de uma escravidão que se delonga mesmo depois de seu “fim”, uma vez que sua durabilidade é limitada. Em vista disso, constatamos que essa falta de aceitação de si no sobrenome recebido de seus ancestrais apresenta uma reparação de uma identidade própria, por uma história que seja própria dela e não daqueles para os quais trabalha, comprovando a busca dela mesma por uma logicidade de pertencimento que não é descoberta nesse sobrenome, haja vista que ele não se origina de seu povo e sim dos dominadores.

Percebemos que essa dominação do negro pelo branco faz com que um se sinta depreciado e não encontre formas de mudar suas condições de vida, mesmo depois da escravidão. Dessa maneira, de acordo com Bernd (1984), é provável entender que a impressão de não ser igual ao outro, de ser subalterno, faz com que se tenha uma tomada de consciência da vivência de dois mundos: o branco e o negro, e na ocasião dessa aflição que provoca falta de identidade, de tal modo que:

Com a evocação das origens, dá-se o despertar; a conscientização de que ‘aqueles’ são seus irmãos e de que juntos poderão realizar a ‘volta ao país natal’, redescobrir as raízes. Surge, assim, a canção da negritude: como afirmação dos valores negros, como desejo de recuperar o orgulho de ser negro (BERND, 1984, p.11).

Nesse contexto, acreditamos que a literatura afro-brasileira pode constituir um espaço de resistência na medida em que projeta um discurso afirmativo sobre si. Há no romance **Ponciá Vicêncio** uma importante referência para entender o processo de construção e de afirmação identitária afro-brasileira: “Evaristo enfatizou a necessidade de exorcizar os terrores da brutalidade excessiva imposta ao sujeito negro em geral e, mais especificamente, às mulheres negras” (SENA, 2012, p.287). Vemos que a personagem-protagonista descreve uma história não só dela, mas uma história coletiva, da realidade e vivências dos negros, tanto no período da escravidão, como após ele, mesclando na narrativa passado e presente para apresentar os obstáculos, as dificuldades pelos quais passaram, sendo assim, inferiorizados pela sociedade dominante.

Sob outro olhar, destaca-se também a importância dada aos elementos da natureza que dispõe de uma representação particular para eles, como exemplo, temos o arco-íris que certifica a transformação humana, uma vez que é mostrado na obra como o elemento apto a fazer a pessoa se transformar de mulher para homem: “Quando menina, pensava que se passasse debaixo do arco-íris poderia virar menino” (EVARISTO, 2017, p. 13). Com tal característica, a água também aparece como elemento de pureza que leva a pessoa para suas origens, ou então o barro que assevera a junção do negro com a terra. Além do mais, esses elementos “unem o meio e o final ao começo da história” (BARBOSA, 2003, p.11).

A literatura é um procedimento de resgate dessa consciência social do negro, e não só ela, uma vez que “a literatura e música negras integram-se à simbolização do novo negro, consciente do valor que sua presença teve na formação das sociedades que o veem com desprezo” (FONSECA, 2011, p.247). Em **Ponciá Vicêncio**, existe a apreciação da música de

matriz africana que sempre era entoada por Luandi e seu pai, quando retornavam para sua casa. Então:

O pai de Lundi, no dia em que queria agradar à mulher, costumava entoar aquela cantiga ao se aproximar de casa. Luandi não entendia as palavras do canto, sabia, porém, que era uma língua que alguns negros falavam ainda, principalmente os velhos. Era uma cantiga alegre. Luandi, além de cantar, acompanhava o ritmo batendo com as palmas das mãos em um atabaque imaginário. Estava de regresso à terra. Voltava em casa. Chegava cantando, dançando a doce e vitoriosa cantiga de regressar (EVARISTO, 2017, p. 87).

Essa resistência cultural é notória, principalmente nos “esforços individuais e coletivos de guarda e preservação, reconstituição e reorganização de pedaços, narrativas, cânticos e performances, tecidos e traços, plantas e costumes” (SOUZA, 2007, p.30), o que confirma a força de um povo com seus traços identitários.

Outro traço peculiar dos afrodescendentes é a transmissão dos seus saberes e costumes pela oralidade, o que comprova a credibilidade da tradição oral e possibilita aos descendentes contar as histórias dos seus antepassados como dever na difusão da memória das tradições africanas, tendo como exemplo na narrativa, quando Luandi vai ao encontro da velha Nêngua Kainda para pedir sua bênção: “Nêngua Kainda, falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi” (EVARISTO, 2017, p. 93). Kainda é quem possui a sabedoria que cura, salvando muitos dos seus a partir do conhecimento ancestral, reverenciada pelos seus pares em sua sabedoria e poder de cura de suas garrafadas.

Dessa maneira, “a temática negra abarca ainda as tradições culturais ou religiosas transplantadas para o Brasil, destacando a riqueza dos mitos, lendas e de todo um imaginário circunscrito muitas vezes à oralidade” (DUARTE, 2008, p.13). Também reiteramos que esse processo valoriza e estabelece a manutenção de sua cultura e história pela oralidade, o corpo fala.

Além disso, a insubmissão e resistência se efetivam quando se trata de Vô Vicêncio, evidenciando que o ato de mutilação física simboliza um dos possíveis “locais de enunciação alternativos, nos quais contesta veementemente a exclusão imposta pelas estruturas racistas” (SENA, 2012, p. 292). Dessa forma, essa mutilação aparece como forma de reação a uma estrutura social excludente e discriminatória, que silencia as vozes divergentes de opiniões, de princípios, de comportamentos, de doutrinas, entre outros. É notório que, ao cortar o braço, o Vô Vicêncio se rejeita a continuar escravizado naquela condição exploratória. O trecho abaixo explica claramente essa resistência, tendo em vista que ele tem preferência pela morte ao invés de se conformar com aquele sistema excludente e exploratório, conforme se lê a seguir:

Vô Vicêncio tinha nascido um homem perfeito, com pernas e braços completos. O braço cotó ele se deu depois, em um momento de revolta, na procura da morte. [...] Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. (EVARISTO, 2017, p.44-45).

Dessa maneira, como forma de escapar da periferização ou marginalização e das memórias de uma vida de escravizado. Esse acontecimento – a amputação do braço de seu avô – faz com que a própria personagem Ponciá Vicêncio perceba que a vida também não era fácil para os homens negros, e isso é constatado, principalmente, pela análise histórica de seus familiares, compreendido no trecho a seguir:

[...] Ela que antes era feito uma formiga laboriosa resolvendo tudo. Ela que muitas vezes saía junto com ele na labuta diária do fogão, da limpeza, das trouxas de roupa nas casas das patroas. [...] Às vezes, ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para a mulher (EVARISTO, 2017, p. 48).

Na narrativa, ainda podemos nos deparar com elementos que possibilitam apresentar a relação entre gênero e raça. Essa intersecção pode ser analisada nas vivências das personagens que são diariamente evidenciadas nos discursos racistas e sexistas. A análise interseccional é, consequentemente, primordial para entender alguns pontos da narrativa de **Ponciá Vicêncio**. No decorrer do romance, é possível observar que alguns lugares são determinados como específicos à mulher negra. É nesse cenário que entram as personagens femininas, e surgem como um exemplo de insucesso na cidade, apresentando-se ao longo da narrativa. Mulheres que se deslocam do interior para a cidade grande em busca de outras possibilidades, porém se deparam com os discursos racistas e sexistas que transitam o cotidiano de muitas mulheres negras.

Verificamos, pois, que a postura das mulheres negras observada em Ponciá é a de denúncia e resistência, em outras palavras, ela dinamiza a memória através dos relatos sobre vivências de outras pessoas de seu grupo étnico, o que serve para expor uma memória excluída, todavia, que mostra as vivências de seus ancestrais. Conceição Evaristo apresenta a mulher que denuncia, que não apaga suas marcas, ainda que os maus-tratos e outras experiências também traumáticas e representativas da violência as silenciem.

Notamos ainda que o caminho do espaço rural para o urbano é um modo de expor a busca do negro por melhores condições de vida, de fuga de realidade, sem opressão e sofrimentos, pois isso afeta suas perspectivas por se apresentar como um espaço tão excludente e discriminador. Isso se percebe “quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. [...] Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova”. (EVARISTO, 2017, p.33). Entretanto, “Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio”. (EVARISTO, 2017, p.26).

Nesse caso, a obra de Conceição Evaristo dá voz aos personagens negros, envolvendo-os como indivíduos de sua própria história e incentivadores dos valores da cultura afro-brasileira que concebem um projeto identitário para o grupo. Dessa maneira, os traços identitários são fundamentais, ao passo que são vistos como “elementos decisivos na luta pela eliminação das discriminações e pela conquista do lugar que lhes pertence de direito e que o grupo dominante insiste em negar, ostensiva ou disfarçadamente” (PROENÇA FILHO, 2004, p.185). Porém, tem em conta que duas são as circunstâncias a serem vencidas pela personagem protagonista, seja pela sua condição de ser mulher, como também sua condição de negra. Frantz Fanon (2020) traz como exemplo da construção da identidade negra o “esquema epidérmico racial”, no qual o sujeito negro é segmentado pela sociedade como um “esquema racial” seguido através de experiências, memórias, ofensas, representados através da cor da pele.

À vista disso, para que essa representatividade identitária enfrente o racismo estrutural, exige a necessidade não só de práticas inclusivas, mas também antirracistas, principalmente no que diz respeito à construção da identidade negra, de maneira que o esquema epidérmico racial identificado por Fanon seja desconstruído.

2.3 Olhares Sobre as Mulheres Negras na Literatura

No final do século XVIII e início do século XIX, a figura feminina não tinha livre arbítrio para agir e assumir seu próprio posicionamento discursivo e intelectual, a partir disso, foi encandeada uma luta que ultrapassaria gerações femininas em busca de igualdade de direitos e deveres, além da igualdade socioeconômica, incluída também a liberdade intelectual e discursiva. Essa luta dá início, de acordo com Beauvoir (1970), quando o inesperado desenvolvimento industrial exigiu um trabalho mais apreciável do que a proporcionada pelos trabalhadores masculinos. A revolução industrial transforma o destino da mulher e, assim,

inicia-se o processo de construção identitária da mulher moderna, transformando-a em mão de obra necessária, favorecendo o movimento feminista que tem como um de seus aspectos a igualdade.

A mulher na literatura sempre foi representada sob o olhar do outro. Vejamos isso final do século XIX e início do século XX, quando surgiram nomes como de Virginia Wolf e Simone de Beauvoir, dentre outras apontadas como nomes importantes da literatura feminina e da teoria crítica feminista. Acrescentamos que até esse período não nos referimos à escrita de mulheres negras pelo fato de elas não aparecerem, dado aos preconceitos já mencionados e outras práticas sistêmicas e sistematizadas da sociedade que invisibilizam a mulher negra. Porém, na segunda metade do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, as especificidades femininas promovem revolução no âmbito literário e epistemológico, assim, emergem nomes como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Elisa Lucinda, Mirian Alves, Cristiane Sobral, entre outras.

O debate sobre literatura afro-brasileira só veio à tona no final dos anos de 1970, com isso vem o surgimento de **Cadernos negros**³, debatendo a importância da escrita negra no Brasil. Nessa perspectiva, ressaltamos que:

Cadernos Negros é a viva imagem da África em nosso continente. É a Diáspora Negra dizendo que sobreviveu e sobreviverá, superando as cicatrizes que assinalaram sua dramática trajetória, trazendo em suas mãos o livro. Essa vinculação umbilical entre literatura e história consagra o verso e a prosa como meios de expressão negra e, nesse sentido, também como instrumento retórico e político de uma consciência étnica e cultural. A “negritude posta em poesia”, continua o texto da Apresentação, quer, portanto, ser parte de uma luta – “a luta contra a exploração social em todos os níveis”. E, nesse sentido, compreende a poesia como “verdade” e “testemunha do nosso tempo”. (DUARTE, 2018, p. 1).

A literatura brasileira ainda hoje apresenta preconceito com a escrita feminina e é ainda mais forte com escrita de mulheres negras. Leituras feitas no século XIX e XX, em que a mulher negra é representada de maneira estereotipada e condenada moralmente. As narrativas em estudo apresentam as figuras femininas e negras com representatividade. Assim, diante de uma sociedade subdividida pelas questões raciais, é de suma importância dar voz à mulher negra, pobre e periférica, para expressar sua situação em meio social. Nesse sentido, pode ser afirmado que:

³ Em 1978, um grupo de jovens negros e negras que produziam literatura reuniu-se no CECAN - Centro de Cultura e Arte Negra, em São Paulo, para criar uma publicação em que pudessem expor sua arte. Nasceram ali os Cadernos Negros. Desde então, a cada ano se revezam poemas e contos de um número cada vez maior de participantes de várias regiões do país, promovendo visibilidade para a literatura afro-brasileira.

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes (TELLES, 1989, p. 75).

Consoante o fragmento acima, a escrita e a literatura para a mulher, principalmente para a mulher negra, caracterizam um instrumento de força e resistência numa sociedade opressora, excludente e violenta. Dessa forma, Conceição Evaristo e as outras escritoras negras, conscientes de suas perspectivas, mediante suas experiências de vida enquanto mulheres negras, criam personagens femininas que refletem o seu mundo. Por sua vez, ressaltamos que o marco inicial de uma mulher negra se autorrepresentar através de sua escrita foi Maria Firmina dos Reis, influenciadora de outras escritoras e outras vozes negras.

Uma mulher negra alforriada, incentivada a seguir nos estudos pela mãe, a escritora Maria Firmina dos Reis administrou o seu próprio processo de estudo, assim, tornou-se professora, prosadora, poetisa, jornalista, romancista e musicista. As reflexões e visões da escritora maranhense impactaram as pessoas de seu espaço e tempo, sobretudo pelo reconhecimento que as incumbências de professora lhe certificaria. Podemos deduzir, diante das leituras realizadas em Zin (2016) e Duarte (2018), que a escritora abolicionista maranhense contribuiu significativamente para o debate sobre a condição das mulheres, assim como na cena abolicionista nos idos das décadas de 1850 e 1860.

Na ocasião em que Maria Firmina adentrou ao campo literário brasileiro, eram raríssimas as mulheres escritoras e leitoras, e mais incomum ainda as mulheres que tinham uma opinião política a respeito da condição das mulheres na sociedade e, principalmente, em relação um problema tão estrutural como a escravidão.

Na verdade, a figura feminina ainda é bem limitada, escassa na literatura brasileira, sobretudo quando falamos de mulheres negras. Após Maria Firmina dos Reis, autora do século XIX, Carolina Maria de Jesus se encontrou dando voz à mulher negra e, isso, na década de 1960 do século XX. Vale ressaltar que ainda era uma época “em que as mulheres permaneciam nas margens” e que “nos condicionaram a pensar que a voz dos homens não tem gênero e por isso existiam duas categorias, a ‘literatura’, sem adjetivos, e a ‘literatura feminina’, presa a seu gueto” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 51). Nesta perspectiva, a representação feminina, em geral, sempre foi exígua na literatura e, em alguns casos, evitada. Se a mulher branca estava em desvantagem, em relação ao homem branco, a mulher negra depara-se com um duplo problema, visto que, além de ser mulher, traz as cicatrizes da escravização obrigatória aos corpos negros.

A literatura feminina negra surgiu para romper esses paradigmas, além de refletir que a nossa sociedade ainda hoje é preconceituosa, racista e patriarcal. Essas vozes literárias propõem-se em alcançar sua emancipação e afirmar sua resistência. Desse modo, entende-se que, “a literatura feminina se destaca pelas enunciantes: são sujeitos que vivem situações das mais adversas por serem mulheres e vislumbram outros mundos, outras vidas e outros homens e mulheres através da escrita literária. Elas ousam escrever de si e de nós como sujeitos que enunciam dizeres e contradizeres” (SANTIAGO. 2012, p.150).

Diante dessa afirmativa, é possível dizer que a escrita feminina se fez atuante na literatura apenas no século XX, ocasionada especificamente pelos ideais do movimento feminista no mundo. Porém, com muita luta e persistência, a voz afrofeminina fez-se ouvir, fraturando o silêncio imposto às mulheres negras, as quais não podiam expor suas vivências, tampouco escrevê-las mesmo que numa perspectiva figurada, além de quebrar o silêncio, no qual muitas mulheres foram e continuam sendo subjugadas.

Assim, Evaristo (2005), em seu texto **Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita**⁴, deixa-nos evidente a importância da escrita e da leitura na vida das pessoas, principalmente da mulher negra: “[...] enquanto há literatura que estereotipa e inviabiliza a voz da mulher negra, há outra que quebra e rasura essa imagem na literatura, dando novas nuances a essa representação na literatura. Assim, passando a se autorrepresentar, deixando de ser corpo mulher negra para ser sujeito mulher negra, tomando posse de seu corpo e voz. [...] na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sociocultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas”.

Mediante o fragmento acima, é perceptível a importância da literatura feminina de mulheres afrodescendentes, do respeito ao lugar que lhes é próprio – o de comunicar e transfigurar suas experiências – onde o direito ao universo artístico-literário é devidamente respeitado. Dito isto, convém mencionar que:

Nesse contexto, a literatura afrofeminina é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrativas de negritudes femininas/feminismos por elementos e segmentos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de

⁴ Texto apresentado na Mesa de Escritoras Afro-brasileiras, no XI Seminário Nacional Mulher e Literatura/II Seminário Internacional Mulher e Literatura, Rio de Janeiro, 2005. Publicado no livro Representações Performativas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Marcos Antônio Alexandre (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p 16-21.

experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem para (des)silenciarem as suas vozes autorais e para, através da escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas (SANTIAGO, 2012, p.155).

Consoante ao que trata a autora, notamos que, através da escrita, a mulher negra reflete temas femininos do ponto de vista de quem vivenciou na pele os estigmas de exclusão, inclusive demonstra nas narrativas temáticas pouco debatidas e mostradas. A escritora negra traça um processo de autoria original que quebra as barreiras do silenciamento que são impostas por uma sociedade patriarcal e racista. Por isso, torna-se visível a relevância dessa voz autoral, no que diz respeito à luta pelo lugar de fala, tendo alcançado o direito de se autorrepresentar. Apesar disso, ainda hoje muitas escritoras negras têm dificuldades de publicar seus livros nas grandes livrarias, e isso fica evidente o quanto ainda é atormentador o preconceito em nossa sociedade.

De acordo com Mirian Cristina dos Santos, na obra **Intelectuais Negras. Prosa Negro-Brasileira Contemporânea**, menciona que a escrita das mulheres negras tem a intenção de:

[...] discutir o papel da mulher negra enquanto intelectual engajada na luta pela transformação da sociedade brasileira, a partir de narrativas negro-brasileiras contemporâneas. Embora haja algumas pesquisas em torno da escrita feminina negra, muito ainda se tem a falar acerca da contribuição dessas escritoras para a construção da cidadania na sociedade brasileira em termos étnico-raciais. Isso, principalmente, para levar o cidadão em geral, não apenas o cidadão negro, a refletir acerca de processos histórico-sociais que permeiam o cotidiano de marginalização e subalternização da população negra (SANTOS, 2018, p.12).

Por essa razão, o objetivo em questão também tem nuances dos olhares sobre as mulheres negras na literatura, devido seu contexto histórico-social, além dos aspectos relevantes que recorrem a questões semelhantes, como os objetos de suas narrativas. Verificamos que Conceição Evaristo possui a mesma visão crítica da contemporaneidade, principalmente no que diz respeito à condição e representações do povo negro.

(...) A mulher negra, para a qual não existe nenhum “outro” institucionalizado como objeto de exploração, discriminação e opressão, constrói uma experiência vivida que desafia diretamente a estrutura social vigente e sua ideologia sexista, racista e classista. Essa experiência vivida é capaz de moldar nossa consciência de modo a nos diferenciar daqueles que gozam de privilégios (ainda que relativos, dentro do sistema vigente). É essencial à continuação da luta feminista que as mulheres negras reconheçam as vantagens da sua marginalidade e façam uso dessa perspectiva para criticar a hegemonia do racismo, do sexismo e do classismo, de modo a vislumbrar e criar uma contrahegemonia. O que estou sugerindo é que temos um papel central a desempenhar na constituição de uma teoria feminista e, junto com isso, uma contribuição única e valiosa (hooks, 2020, p. 46).

No excerto, observamos a importância do feminismo negro para o debate político. Na obra em destaque, **Ponciá Vicêncio**, é reconhecida essa relevância de luta feminista na figura das personagens principais, afirmando as contribuições da teoria feminista para a adequada compreensão do processo de escrituras da literatura de autoria feminina negra.

Cabe ressaltar que Zolin (2009, p.183) pontua que “o patriarcalismo é um termo utilizado para designar a figura de um chefe, cuja autoridade era preponderante e incontestável”. Os homens em muitos casos, não tem noção do quanto são privilegiados, isso porque o patriarcado é institucional. Por sua vez, o comportamento feminino nesse sistema é caracterizado pela expressão mulher enquanto objeto, marcado pelas palavras de submissão e resignação.

Na sociedade patriarcal, essas relações de poder são determinadas por oposições hierárquicas bem definidas e marcadas por uma cultura principalmente discriminatória quanto aos gêneros masculino e feminino. De um lado, vemos o homem, dono da propriedade e, conseqüentemente, da razão e da lei; de outro lado, temos a mulher, desprovida de bens, em condição apenas contraditória frente ao homem. As oposições poderiam ser definidas assim: “subversão/aceitação; inconformismo/resignação; atividade/passividade; transcendência/ imanência” (ZOLIN, 2009, p. 219). Nesse sentido, ressaltamos a importância da igualdade entre os gêneros, principalmente do feminismo para fazer desconstrução, como a referida pesquisadora diz:

[...] essas oposições hierárquicas tais como: modelo x imitação; dominador x dominado; forte x fraco; presença x ausência; corpo x mente; homem x mulher, precisam se apoiar na convicção de que oposições como essas não são absolutamente naturais, nem inevitáveis, mas construções ideológicas que podem ser desconstruídas, isto é, submetidas a estrutura e funcionamento diferente (ZOLIN, 2009, p. 219).

Na pesquisa, existe uma desconstrução das imposições regentes, uma vez que há a transgressão dos fatores cujos propósitos visam à legitimação da autoridade masculina. Fundamentado em situações semelhantes, Bourdieu (2004) denomina que o poder simbólico é aquele poder que “é exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”, pois, como afirma Millet (*apud* ZOLIN, 2009, p.224): “toda forma de manifestação de poder exige o consentimento por parte do oprimido”. Isto é, essas mulheres são conscientes de sua situação de inferioridade e permitem tornar-se coniventes da própria escravidão.

De acordo com os estudos do feminismo existencialista de Beauvoir (1980), que trata das relações de propriedade como responsáveis pela opressão feminina, “não existe uma essência feminina responsável por sua marginalidade, existe o que a autora chama de situação da mulher” (ZOLIN, 2009, p. 224). Ela aborda a diferença entre os sexos que se dá pelo fato de a mulher dar à luz. Devido aos cuidados com o bebê e as limitações físicas, a mulher encontra-se impossibilitada de ir à caça, de exercer trabalhos pesados, privando-se de afirmar-se em relação à natureza. É exatamente neste ponto que “a superioridade é efetivada, não ao sexo que dá à luz, mas ao sexo que mata” (BEAUVOIR, 1980 *apud* ZOLIN, 2009, p. 224).

Por isso, cabe destacar a importância do feminismo na desconstrução da estrutura de poder patriarcal e sexista. Mulher é sujeito, não é coisa e nem objeto. O feminismo vem na perspectiva de deixar a mulher ser mulher, com toda a sua liberdade de ser e estar. O feminismo em Marias, Firminas e Evaristos reflete a necessidade da discussão acerca do patriarcalismo no passado, presente e futuro, sobretudo na comunidade afrodescendente diaspORIZADA e das minorias interseccionalizadas.

O papel da mulher negra revela-se nos variados problemas herdados da situação colonial, pois com o avanço escravocrata, elas foram subjugadas, no mundo do trabalho e na atividade sexual. Essa formação transportará em sua estrutura a base de distinção de etnia e gênero no Brasil, uma vez que era considerada como objeto escravizado, mulher. E, em nosso país, surgiu a sociedade fundamentada no patriarcalismo, sistema que propaga a superioridade do homem em relação à mulher, carregando plenos poderes sobre elas, que por sua vez passam de seres humanos a objetos.

Conceição Evaristo (2005), no ensaio **Da representação à autorrepresentação da mulher negra na literatura brasileira**, verifica que uma das óticas marcadas por estereótipos da mulher negra é a ausência dessa mulher como mãe, como geradora de seus filhos: “Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, [...] nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral” (EVARISTO 2005, p.53). Essas mulheres surgem nas exposições históricas, desviadas de seu seio familiar, cuidando de outros meninos(as), que não são seus próprios filhos, é a “mãe-preta”, é a babá, a empregada doméstica que cuida dos filhos de onde trabalham. Evaristo prossegue sinalizando questões sobre a representação da mulher negra na literatura:

Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas. Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula

a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aloísio de Azevedo, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, Gabriela, Cravo e Canela, (1958) de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais. Embora, a representação materna em muitos textos literários possa desagradar também às mulheres brancas em geral, o que se pretende argumentar aqui é: qual seria o significado da não representação materna para a mulher negra na literatura brasileira? Estaria o discurso literário, como o histórico, procurando apagar os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira? Teria a literatura a tendência em ignorar o papel da mulher negra na formação da cultura nacional? (EVARISTO, 2005, p.53).

Consequentemente, sempre foi negado para a mulher o lugar de mãe, esposa e senhora, de sua vida dentro da literatura brasileira, como pontua Conceição Evaristo:

[...] ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comiseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus (EVARISTO, 2005, p. 53).

A “mãe-preta”, essa representação estereotipada da mulher negra, segundo leituras de Lélia Gonzales, apresenta um conjunto de características boas, pois não simboliza a aceitação da condição de escravizada submissa e conformada, mas sim, uma resistência a essa condição, construída no cotidiano de suas relações. Nesse sentido, ressaltamos que, por meio do ensino das primeiras palavras, das brincadeiras, das histórias e cantigas de ninar, todos eram grandemente marcados por elementos culturais afros, dessa forma, essas mulheres iam introduzindo traços culturais afros na sociedade brasileira. Por causa disso, Gonzales justifica que a língua portuguesa no Brasil deveria se chamar “pretoguês”:

É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando a gente diz que é que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse r no lugar do l nada mais é do que a marca lingüística de um idioma africano, no qual o l inexistente. Afinal quem é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira que corta os erros dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, o está em tá e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês.

E por falar em pretuguês, é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém do tronco lingüístico bantu que ‘casualmente’ se chama bunda). E dizem que significante não marca... Marca bobeira quem pensa assim. De repente bunda é língua, é linguagem, é sentido é coisa. De repente é desbundante perceber que o discurso da consciência, o discurso do poder dominante, quer fazer a gente acreditar que a gente é tudo brasileiro, e de ascendência europeia, muito civilizado etc e tal.

[...] E culminando, pinta este orgulho besta de dizer que a gente é uma democracia racial. Só que quando a negrada diz que não é, caem de pau em cima da gente, xingando a gente de racista. Contraditório, né? Na verdade, para além de outras razões, reagem dessa forma justamente porque a gente pôs o dedo na ferida deles, a gente diz que o rei tá pelado. E o corpo do rei é preto e o rei é Escravo (GONZALEZ, 1984, p. 238-239).

Verificamos que a autora põe em evidência a construção de um conjunto de práticas que é comprovado quando criado pela lógica do branqueamento. Além disso, entendemos que suas críticas não são limitadas à construção de referenciais nacionais, mas envolvem no levantamento das referências que são efetivas para além da prática na nossa sociedade. González (1984) não só faz a crítica, mas adere a causa de engajamento para transformar o nexa racista à intenção de luta e resistência, além de que os corpos negros sejam porta-vozes de transformação social, saindo de objetos investigativos, para sujeitos sociais.

Quando falamos de autoria femina negra, veriifcamos que a representatividade feminina na literatura é significativamente reduzida, principalmente pelo processo de apagamento sofrido por essas mulheres. Mesmo que sua escrita não fique livre ao tratamento segregativo que marca nossa sociedade, a representação das mulheres negras na literatura brasileira tem subido muito nos últimos tempos, isso revela o seu diferencial frente ao cânone literário e, principalmente, para a cultura brasileira.

É através da escrita que Carolina Maria de Jesus torna-se sujeito de si mesma, por ter colocado no papel de suas angústias, medos e frustrações; e por meio dela fez-se sujeito social ao denunciar a pobreza e a miséria presente no quarto de despejo. A escrita de Carolina Maria de Jesus é um ato político, sua escrita é sobrevivência, de mulher, negra, pobre, periférica, penetra pela interseccionalidade forçada pelo colonialismo machista e patriarcal.

O pensamento presente na escrita caroliniana é retomado em Grada Kilomba que, ao falar do racismo no cotidiano, destaca as dificuldades que muitas mulheres negram enfrentam em espaços que não são feitos para que elas estejam, como tal, citamos o meio acadêmico, o literário. Em razão disso, escrever é um ato político, é ser quem expõe a própria história. A escritora começa a introdução de seu livro **Memórias da plantação-Episódios de racismo cotidiano** (2019), citando um poema de Jacob Sam-la Rose:

Por que escrevo?
Poque eu tenho de
Porque minha voz,
Em todos seus dialetos,
Tem sido calada por muito tempo (KILOMBA, 2019, p. 27).

O poema recorda uma história de silenciamento, interdições e perdas causadas pelo colonialismo, como também acompanha uma ideia de resistências, fala de “uma fome coletiva de ganhar voz, escrever e recuperar nossa história escondida” (KILOMBA, 2019, p. 27). Segundo a autora, é como uma obrigação moral, em que a escrita propicia o tornar-se sujeito

da própria história. Ela diz: “(...) e, enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a autoridade da minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou (KILOMBA, 2019, p. 27).

Lélia Gonzáles, no texto **Racismo e sexismo na cultura brasileira** (1983), narra uma história que demonstra a condição de objeto e não sujeito vivenciado por pessoas negras. De acordo com o texto, alguns negros foram convidados para uma solenidade, onde seria lançado um livro sobre questões raciais e, quando chegaram ao evento, depararam-se com uma situação inusitada, pois apesar de terem sido bem recebidos, não tinha cadeiras para eles na mesa principal e foram acolhidos no fundo da sala. O alvoroço iniciou quando uma mulher negra foi chamada para falar em vez de seguir ao cerimonial, ela começou a expor a situação submetida a eles. Assim, pode ser dito que:

Tava armada a quizumba [...] Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursadeira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se estavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? Teve uma hora que não deu prá aguentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone para falar contra os brancos. E a festa acabou em briga. Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes. Agora ta queimada entre os brancos (GONZÁLEZ, 1983, p. 223).

Com esse relato, González (1983) dá destaque para uma situação comum em nossa sociedade, de que espaços legítimos de poder e saber, os sujeitos negros não têm o direito de exprimir sua fala, de se posicionar, de serem sujeitos. Carolina Maria de Jesus possuía convicção dessa interdição, do impasse que é erguer a voz em locais que só lhe cabem o silêncio. Em um de seus textos, ela diz: “Eu disse: o meu sonho é escrever! Responde o branco: ela é louca. O que as negras devem fazer... É ir pro tanque lavar roupa” (JESUS, 1996, p.201). Consoante ao excerto antecedente, a prosadora confirma ter consciência desse silenciamento, do limite presente entre as vozes que são ouvidas e as que não são, de ser objeto das desigualdades sociais de raça e classe.

Sendo assim, tanto na historiografia como na literatura, exige uma mudança de paradigma, como na "história vista de baixo" em conformidade com os historiadores Peter Burke e Jim Sharpe, “a história escrita como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional” (BURKE, 2011, p. 10). Desse modo, deve-se criar um novo conhecimento real, verdadeiro, uma base decolonial, que vai transpassar essa estrutura desde sua experiência de vida de sujeitos até então invisibilizados/silenciados, diversificando identidades, vozes, maneiras de ser, além de novas formas de organizar a sociedade, quebrar paradigmas de

modelo único, eurocêntrico, ocidental e colonialista.

É importante levar em consideração, também, que a história da literatura carrega grande relevância como uma pioneira da nacionalidade e, conseqüentemente, da criação da imagem dos gêneros, tornando-se um dos meios de fortalecimento do poder masculino. Por isso, é relevante compreender como as escritoras negras simbolizam suas personagens negras, como afirmado em:

Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, verão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente. Por mais solidário que seja às mulheres, um homem não vai vivenciar o temor permanente da agressão sexual, assim como um branco não tem acesso à experiência da discriminação racial ou apenas um cadeirante sente cotidianamente as barreiras físicas que dificultam ou impedem seu trânsito pelas cidades (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 19).

As circunstâncias desses discursos serem considerados como importantes na literatura brasileira, faz-se significativo ter acesso aos escritos produzidos por mulheres, já que as vozes das escritoras negras pouco repercutiram na literatura brasileira, seja pelas insuficiências colocadas sobre elas, tais como a baixa escolaridade e a questão da aceitação social. Conceição Evaristo é exemplo de uma literatura potente que necessita chegar às escolas, às cidades, assim como às bibliotecas de todo o Brasil e, dessa forma, possibilitar que as mulheres negras e pobres desse país se sintam representadas.

A escritora moçambicana Paulina Chiziane reflete o engajamento da vida na escrita e a escrita na vida das mulheres na literatura, reconhece que a capacidade e a eficácia das palavras de uma mulher negra é apta de “construir novos mundos”, construindo “uma sociedade mais humanizada”, “um novo humanismo”, o que nos lembra bell hooks (2019, p. 73), quando declara que “a linguagem é também um lugar de luta”. Paulina Chiziane põe em evidência o quanto ela, mulher negra escritora, já foi contrariada, diminuída em seu trabalho como escritora por não considerar ao *status* social solicitado. Porém, foi relevante para ela, assim como outras mulheres, atravessar essa opressão e como a escrita trouxe melhorias para o engajamento vital em sociedade. Ela salienta também como é difícil a rotina de uma escrita, principalmente para uma escritora mulher e negra, assim como é necessário ter comprometimento para fazer trocas dessa atividade:

[...] sou mulher comprometida com diversas ocupações, tenho emprego, principal fonte de sustento, tenho a cada e a família, e tenho o sonho da escrita por realizar. O trabalho da escrita é mais árduo e solitário. Para escrever, é preciso planificar, arquitetar as ideias, investigar, ler e conversar. Como posso eu harmonizar todas essas ocupações? Falta-me tempo para tudo, é verdade. Mas o que devo fazer?

Desistir dos meus sonhos? Quando o trabalho me aperta e as energias se esgotam, perco ânimo sim. Mas são nesses momentos que sinto uma mensagem dentro do peito, reclamando uma publicação urgente. Também sinto que, quando escrevo, uma nova vida me invade. Viajo embalada na emoção do mundo que construo no pedaço de papel. A escrita consola-me, estimula-me... (CHIZIANE, 2013, p. 203-204).

Envolver-se com a vida na escrita e a escrita na vida de várias mulheres negras é colocar sobre escrito suas “escrevivências”, observá-la detalhadamente suas produções como fonte potente para desenvolver instrumentos históricos. Esse pensamento da escritora moçambicana dialoga com o da brasileira Conceição Evaristo, quando esta disse: “tudo que escrevo é profundamente marcado pela condição de mulher negra”, pois para tal finalidade, a prática da escrevivência concretiza essa concepção e levanta o sentido da representatividade que tanto foi negada histórico-político.

Como aprofundamento da temática, tomemos como Patricia Collins (2019) vislumbra e aponta sobre a concepção de o “Outro”, que é formada pela “mulher africana escravizada” em nossa sociedade, e como esse Outro marca outras formas de concepções sobre a violência de raça, gênero e classe. Grada Kilomba, no que lhe diz respeito, enfatiza que a mulher negra é o “Outro do Outro” (KILOMBA, 2019, p. 56), visto que a mulher negra “ocupa um lugar muito difícil na sociedade supracista branca por ser uma espécie de carência dupla, a antítese da branquitude e masculinidade” (RIBEIRO, 2019, p. 39).

Dessa forma, a objetificação e a subalternidade atribuídas à mulher negra são ainda mais complicadas, uma vez que transpassam as camadas de poder dos homens brancos e negros e das mulheres brancas. A esse respeito, bell hooks sinaliza que “como objeto, permanecemos sem voz”, e “apenas como sujeitos é que podemos falar”, para essa finalidade, “toda pessoa tem o direito de definir sua própria realidade, estabelecer sua própria identidade, dar nome a sua própria história” (hooks, 2019, p. 45).

Para refutar este lugar de objetificação, de “outridade”, é preciso ser sujeito de si, ecoar com força a voz, propor uma autonomia, libertação por meio da comercialização de negros artísticos, culturais e educacionais, desfazer, para possivelmente reconstruir, assim, essas figuras autoritárias e os seus desdobramentos culturais, e, portanto, confrontar o seu lugar de poder. Bell hooks destaca que descobrir a voz é um ato de resistência:

Falar se torna tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito. Apenas como sujeitos é que nós podemos falar. Como objetos, permanecemos sem voz – e nossos seres definidos e interpretados pelos outros. (hooks, 2019, p. 45).

Dessa maneira, podemos compreender um tanto sobre o processo em que as mulheres precisam passar para se tornarem escritoras. A prática da escrita de si reproduz os dados histórico-culturais africanos afro-brasileiros desprezados e silenciados no decorrer dos séculos pela ocidentalidade, de modo que recontem os contextos vivenciados através de um desenho identitário positivo e construtivo para si e seu grupo. Collins (2019) também ressalta sobre a importância da autodefinição como ato de rompimento e de consolidação:

A insistência de mulheres negras autodefinirem-se, autoavaliarem-se e a necessidade de uma análise centrada na mulher negra é significativa por duas razões: em primeiro lugar, definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma AUTODEFINIÇÃO sob a forma de “outro” objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação. O status de ser o “outro” implica ser o outro em relação a algo ou ser diferente da norma pressuposta de comportamento masculino. Nesse modelo, homens brancos poderosos definem-se como sujeitos, os verdadeiros atores, e classificam as pessoas de cor e as mulheres em termos de sua posição em relação a esse eixo masculino branco. Como foi negada às mulheres negras a autoridade de desafiar essas definições, esse modelo consiste de imagens que define as mulheres negras como um outro negativo, a antítese virtual da imagem positiva dos homens brancos (COLLINS, 2019, p.115).

Por isso, elevar a voz, exprimir suas solicitações e necessidades, falar sobre si, definir seu próprio caráter e suas características, contestar-se e empoderar-se é um processo de libertação, de excelência com sua representatividade, com amplas significações políticas e sociais. É nessa perspectiva que é possível sugerir, como tal, para se pensar sobre a nossa Literatura, é necessário a articulação entre as concepções de escrevivência (EVARISTO, 2007), autorrepresentação (hooks, 2019), autoidentificação (COLLINS, 2019), descolonização (KILOMBA, 2019), dentre outros conceitos que surgiram como elementos principais no processo de resistência aos modelos representacionais que silenciam, negam e atrapalham aquilo que fora objetificado, no processo de opressão.

No percurso desta pesquisa, é perceptível que existe no Brasil um importante avanço nos estudos que se referem à escrita feminina negra, ainda que tenha um percurso longo a percorrer, para que todas as problemáticas, as quais abarcam a questão principalmente da mulher negra, sejam capazes de serem debatidas e se tornem pautas para superar esse silenciamento, gerador de invisibilidade e desigualdade. Sendo assim, a partir de seus escritos, as mulheres negras vêm de forma potente avançando contra as várias formas de estereótipos e silenciamentos, bem como projetando estratégias em seu caminho de introdução no universo literário, para que suas vozes sejam ouvidas. Como bem pontua Conceição Evaristo, em um ensaio publicado em 2005, com o título “Da representação à auto representação da mulher

negra na Literatura Brasileira”, a escrita que denuncia e rompe com a forma com que elas foram representadas no decorrer dos tempos, tanto pela literatura, como pela historiografia, exige o direito de se autorrepresentar, acima dos estereótipos a elas atribuídas e conceituados no imaginário social.

Manifestamente, escrever para Conceição Evaristo é um ato político, frisado pela sua condição étnica, social e de gênero, pois a academia é um espaço autêntico, de que ela tem direito de estar, e no qual ela ocupa um lugar de fala e exerce a sua cidadania. Nesse intento, a escritora declara:

Tanto meu texto [literário] quanto meu texto ensaístico são profundamente marcados pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira. As minhas escolhas teóricas, elas estão em consonância com a minha vivência, com a minha condição de cidadã negra na sociedade brasileira. [...] a academia é um espaço em que estou para colocar uma voz, para colocar um texto, para praticar ali uma produção do saber que é profundamente marcada pela minha condição de mulher e de negra. Então, a academia, eu sinto que é um lugar em que eu posso estar, que eu tenho direito de estar e em que eu quero estar, mas a partir de um lugar, que é esse lugar social e étnico em que eu nasci, em que estou inserida, do qual eu opto por escrever, ao qual eu sou ligada (MACHADO, 2014, p. 31-32).

A pesquisadora esclarece que a produção de Conceição Evaristo é uma escrita sinalizada diretamente por suas vivências enquanto mulher, negra e pobre, característica também presente na produção de Carolina Maria de Jesus e da maioria das escritoras negras. Isso porque apresentam uma escrita carregada de histórias individuais e coletivas, numa escolha definida, consciente e política, em que suas narrativas biográficas ou fictícias são anunciadoras dessa condição que o racismo estrutural impõe entre homens e mulheres, assim como são reveladoras de resistência e força cultural de toda uma ancestralidade.

Essa representatividade de ser e escrever sobre as experiências de vida da mulher negra na sociedade brasileira, e herdeiras de uma história ancestral, é o que Conceição Evaristo define por “escrevivência”. Uma escrita política sim, escrever para sobreviver, para amenizar todo um peso que o colonialismo machista e patriarcal impõe, escrever para delatar a opressão histórica e os processos de desumanização persistentes na sociedade brasileira. Além de ser uma escrita que também quer manifestar o novo, a esperança da transformação, dando representatividade e visibilidade, superando os vários desafios enfrentados por essas escritoras no mercado editorial, o que desconstrói o silêncio imposto à mulher negra.

3 CONCEIÇÃO EVARISTO: a voz que rompe o silêncio

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida em 1946, em uma comunidade na cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, filha de mãe lavadeira, necessitou mudar-se para a cidade do Rio de Janeiro, em 1970, para estudar o magistério público. Evaristo esclarece essa mudança de cidade devido ao trabalho doméstico carregado pelas mulheres de sua família. “Entrar para a carreira de magistério, naquela época, dependia de ser indicado por alguém e as nossas relações com as famílias importantes de Belo Horizonte estavam marcadas pela nossa condição de subalternidade” (EVARISTO, 2009). O discurso faz parte do site “Literafro – portal da literatura afro-brasileira”. Na sequência da entrevista, a fala da escritora indica o contato dela com a tradição subalterna de sua família:

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos. (EVARISTO, 2009, n.p.)

Ainda sobre a biografia da escritora, narra-se que Conceição Evaristo ingressou no curso de Letras, em 1976, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Suspendeu-o em 1980, em virtude do nascimento de sua filha Ainá e só finalizou a graduação em 1989. Concluiu o mestrado⁵ em Literatura Brasileira em 1996, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e o doutorado⁶ em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, em 2011. As temáticas que percorrem sua produção acadêmica são todas voltadas à questão da literatura afro-brasileira, e nela reflete sobre o espaço da produção negra na literatura brasileira.

Mesmo que tenha escrito desde muito jovem, sua primeira publicação só ocorreu em 1990 quando passou a publicar seus contos e poemas na antologia *Cadernos Negros*, editada pelo grupo paulista QuilombHoje. No ano de 2003, arcou com os custos da publicação do romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza; Já em 2006, publicou, também pela Editora Mazza, seu segundo romance *Becos da Memória* – apesar de que esse seja seu primeiro

⁵ Título: Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.

⁶ Título: Poemas Malungos: cânticos irmãos.

romance escrito, e veio a público apenas anos depois de finalizado. Além desses romances, Evaristo lançou em 2008 uma coletânea de poemas, que veio escrevendo na trajetória de sua vida intitulado *Poemas da recordação e outros movimentos*, pela editora Nandyala. Pela mesma editora, em 2011, publicou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*; em 2014 publicou pela editora Pallas, *Olhos d'água* (contos) e em 2017, *Histórias de leves enganos e parecenças* (contos e novela), pela editora Malê; e recentemente publicou a 2ª edição de *Canção para ninar menino grande* (2022), pela editora Pallas. O interesse por suas obras vem crescendo nos últimos anos, passando a ser a ser traduzida para o francês (L'histoire de Poncia, Anacaona, 2015; Banzo, mémoires de la favela, Anacaona, 2016; Insoumisses, Anacaona, 2017) e para o inglês (Ponciá Vicêncio, Host Publications, 2007).

O estudo da escrita de Evaristo mostra a travessia de sua condição de mulher negra nascida em uma favela. Da dificuldade encarada pela escritora e por sua família na infância, Evaristo promove um olhar para a condição do negro na sociedade brasileira, sinalizada pela escravidão, exclusão, preconceito e exploração por meio do trabalho subalterno e mal pago. Nessa situação, Evaristo dita o termo *escrevivência* para nomear uma escrita que se entrecruza com a sua vivência, com o relato de suas memórias e das memórias de seu povo. Reproduzimos, a seguir, um trecho da entrevista na TV Brasil em 2017, na qual a escritora fala a esse respeito:

Quando eu usei o termo é... escrevivência [...] se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (TVBRASIL, 2017).

De acordo com transcrição acima, Conceição Evaristo amplia a expressão *escrevivência* de tal forma que alcance todas as camadas sociais populares, conservando seu teor étnico, presente desde as primeiras conceitualizações. Buscaremos, nos próximos itens, analisar, considerando as ideias de Evaristo, aspectos dessa *escrevivência* do ponto de vista pessoal e coletivo dentro de três subtópicos, tais como: Conceição Evaristo e o projeto da *escrevivência* de mulheres negras; Conceição Evaristo, lugar de fala e o poder da mulher

negra; Ponciá Vicêncio, uma fratura do silêncio, a fim de compreender de que forma esse fazer literário acorda com o tecido da memória afro-brasileira.

3.1 Conceição Evaristo e o Projeto da Escrevivência

Em 1995, a frase sobre escrevivência foi empregada pela primeira vez por uma escritora negra, oriunda de família afrodescendente e de mulheres de classe média marcadas profundamente pelos assombros decorrentes das memórias traumáticas da escravidão. Junto das expressões “história de ninar”, “incomodar”, “casa grande” e “sonos injustos” a palavra escrevivência tornou certo desconforto social, ganhou assim espaço nas mídias e transformou-se em objeto de pesquisa de estudiosos de diversas áreas do conhecimento. Daí em diante, é possível perceber que muitos estudos passaram a ser produzidos mediante o surgimento da expressão escrevivência, não apenas associada aos textos da Conceição Evaristo, mas também de outros escritores negros e negras.

É evidente que existe uma quantidade significativa de literatura proporcionada em periódicos científicos e em outras publicações, que parte previamente da noção de escrevivência como base para análise do texto literário, enquanto o conceito, propriamente dito, ainda é pouco explorado e, portanto, compreendido. A noção de escrevivência é formada, de certa maneira, de modo intencional, embora a escritora que o descreve não pretendesse promover a existência de um conceito, da mesma maneira que pode se verificar em entrevista no site *Escrevendo o Futuro*⁷ (2017), em que os jornalistas a Esdras Soares e Teresa, ao indagarem como surgiu e o que este conceito significa, recebem como resposta: “Eu já tinha experimentado esse ‘escrever’ na tese que depois se transformou em ‘escrevivência’. Mas quando comecei a trabalhar com esses termos, eu não tinha intenção nenhuma de criar um conceito”.

As criações de Conceição Evaristo são capazes de uma síntese poética que destaca suas criações entre vida real e ficção. Certamente, isso ocorre pelo fato da autora não duvidar em afirmar e atesta com insistência que sua “criação surge marcada pela condição de mulher negra na sociedade brasileira” (TV PUC - RIO, 2017), o que não permite, assim, que a escritora se liberte de sua realidade social, mesmo quando está no sentido ficcional.

A dicotomia entre realidade e ficção serve como elemento fundamental para compreender a origem da noção de escrevivência, uma vez que este fenômeno é

⁷ Entrevista realizada pelos pesquisadores Esdras Soares e Tereza Ruiz, intitulada: “Nasci rodeada de palavra”, publicada em 09 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/entrevistas/artigo/2402/nasci-rodeada-de-palavras> Acesso em: 21 maio 2022.

constantemente explorado nos textos de Evaristo. Em entrevista ao site Brasil de fato⁸ (2018), aos jornalistas Pedro Nogueira Ribeiro e Mariana Pitasse, a escritora afirma que o conceito de escrevivência teve definição ampla como conhecemos hoje, isto significa que existiu um processo de amadurecimento dessa terminologia. Na mesma entrevista, a escritora afirmou que, desde o ano de 1995, entregou-se a trabalhar com trocadilhos de palavras que indicaria, mais tarde, a existência de um conceito: “Eu tenho trabalhado com isso desde 1995, com a minha dissertação de mestrado, em que eu faço um jogo com as palavras: escrever, viver, se ver, escrever vivendo, escrever se vendo. Depois surge o termo ‘escrevivência’” (RIBEIRO; PITASSE, 2018, n. p.).

Seguindo o conceito preliminar, é evidente que a expressão aqui questionada nasceu através de jogos de palavras que criam um efeito de sentido que alcança uma escrita que surge de si e da vida, expondo uma informação favorável para alcançar a ideia principal da palavra. A escritora atesta em várias entrevistas apresentadas que antes de se tornar um conceito autoral, o que conhecemos por escrevivência, antes foi “escreviver”, “escrever se vendo”, “viver” além de outras expressões. Em um seminário formado por mulheres negras, Conceição Evaristo fala: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, mas sim para acordá-los dos seus sonhos injustos” (RIBEIRO; PITASSE, 2018, n.p.).

De acordo com a autora, esta escrevivência tem como base a cena das mães pretas ou mucamas expondo suas narrativas como fonte de entretenimento para aqueles que ocupavam a casa-grande. De acordo com Conceição Evaristo, as mucamas eram denominadas como “uma mulher que tinha o corpo escravizado, mas também a palavra domada, cerceada” (RIBEIRO; PITASSE, 2018, n. p.), ou seja, elas tinham o poder da palavra mediante suas aflições, expondo seus discursos como contestação das falácias do patriarcado escravocrata.

É observável que o conceito de escrevivência aparece também como um exercício de empatia com as pessoas que vivem ou viveram algum plano de fundo de opressão. Diante disso, Conceição Evaristo afirma: “estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas” (EVARISTO, 2016, p. 07).

Sétima titular e primeira artista a tomar posse na Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, uma parceria entre o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo - IEA e o Itaú Cultural, Conceição Evaristo participou do evento inaugural de sua

⁸ “Ser escritora não rompe com o imaginário em relação às mulheres negras”. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatorj.com.br/2018/07/25/ser-escritora-nao-rompe-com-o-imaginario-em-relacao-as-mulheres-negras>. Acesso em: 21 maio de 2023.

titularidade "Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação - Corpus Literário em Diferença", que ocorreu no dia 27 de setembro de 2022 e teve transmissão online. A noção de "escrevivência" traz a relação das palavras "escrever e vivência", porém, a força de sua ideia não está somente nessa aglutinação, pois ela está na origem da ideia, como e onde ela nasce e a que experiências étnicas e de gênero ela está ligada.

De acordo com Conceição Evaristo (2022)⁹, “a escrevivência não é a escrita de si, porque esta se esgota no próprio sujeito. Ela carrega a vivência da coletividade”. Pensar a escrevivência no campo acadêmico é, para a escritora, retomar a apropriação de "epistemicídio" feita pela filósofa Sueli Carneiro. O termo envolve a escassez de referências bibliográficas negras nos estudos das diferentes áreas do conhecimento, além de servir de chave interpretativa potente para pensar a história, a cultura e as relações de poder.

À vista disso, é a partir dessas eventualidades que a escrita de Conceição Evaristo se concebe, refletidamente, como uma revolução ao sistema escravagista, bem como ao que é imaginado sobre as mulheres negras no período escravocrata e que ainda se perpetua na contemporaneidade. Segundo Conceição Evaristo, o imaginário social da mulher preta no contexto atual da sociedade ainda é justificado: “a mulher negra ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (EVARISTO, 2010, n.p.)¹⁰. O posicionamento da autora coincide com a afirmação feita por hooks (1981), ao abordar sobre as lutas e as identidades das mulheres negras: “mulher branca pode ao menos alegar para si a sua própria emancipação; já as mulheres negras, duplamente escravizadas, podem senão sofrer, lutar e ser silenciosas” (hooks, 2019, p. 05).

Vejamos que a escrevivência de Conceição Evaristo é desenvolvida sobretudo com base nos efeitos destrutivos que a escravidão no Brasil causou na história dos povos negros, principalmente no que se refere ao papel inferior atribuído às mulheres negras no decurso do período escravocrata e que, insistentemente, mantem-se na atualidade. No momento em que Conceição Evaristo diz que “eu poderia pensar numa autoria negra que borra essa imagem, porque essas mulheres tinham de contar história justamente para adormecer os nenês da casa grande” (SOARES; RUIZ, 2017, n.p.)¹¹, fica evidente que o aspecto em que a autora

⁹ **A escrevivência carrega a escrita da coletividade, afirma Conceição Evaristo.** Disponível: <http://www.iea.usp.br/noticias/a-escrevivencia-carrega-a-escrita-da-coletividade-afirma-conceicao-evaristo>. Acesso em 21 de maio de 2023.

¹⁰ Depoimento. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010

¹¹ Entrevista realizada pelos pesquisadores Esdras Soares e Tereza Ruiz, intitulada: “Nasci rodeada de palavra”, publicada em 09 de agosto de 2017. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo>.

especifica diz respeito à condição historicamente elaborada como controle de poder do corpo feminino e negro no período escravagista, porém, torna-se o objetivo da escrevivência evaristiana: o apagamento desse acontecimento e, logo, o ajustamento nos pressupostos textuais textos da história oficial do Brasil.

Diante disso, é possível observar o teor étnico presente na crítica literária produzida por Conceição Evaristo, que aparece mediante às explicações do conceito de escrevivência proporcionada pela escrevente. Nesse sentido, constatou-se que a condição de mulher negra, periférica e que vive à margem da sociedade brasileira influencia na escolha de temas que são discutidos em seus textos ou ainda como suas personagens são retratadas.

Essas escolhas temáticas partem da necessidade de romper com a representação e representatividade da mulher negra nas tradições eurocêntricas; de desromantizar o papel das mães pretas; de revolucionar o sistema escravagista que põe a prática da contação de histórias pelas mucamas, como fonte de entretenimento dos senhores da casa-grande, dentre outros papéis que as desqualificam. Certamente, outros escritores preferem por outras discussões diferentes de Conceição Evaristo para integralizarem suas escrevivências, visto que, como foi sinalizado pela própria autora, não é uma obrigatoriedade as temáticas afrodescendentes ou femininas, pois cada autor escreve baseado em suas vivências do dia a dia, provocando inquietações diferentes.

Todavia, Conceição Evaristo declara constantemente que sua escrevivência é marcada pela sua condição de mulher negra, vinda de classe popular e, sendo assim, tem por contestação romper com o imaginário diminuído em torno da mulher negra. Além disso, tem em vista que proporciona a possibilidade de escrita e visibilidade no cenário literário, referindo-se ao traço mais representativo da escrevivência evaristiana.

Dessa forma, vale ressaltar que o processo construtivo da escrevivência assumida por Conceição Evaristo pelo seu posicionamento histórico refere-se a uma perspectiva descolonial. Também leva em consideração o fato de que a autora concentra seus esforços em denunciar a existência de uma outra história divergente, construída sob a anulação de corpos e derramamento de sangue considerados marginais.

Outro aspecto pertinente para o entendimento da escrevivência de Conceição Evaristo refere-se às marcas de oralidade colocadas intencionalmente em seus textos. A excelência pela relação entre o texto escrito e a oralidade na produção da romancista, além de possibilitar uma proximidade do público leitor com relação a sua obra, também é um elemento para

aceitabilidade, acessibilidade e sensibilidade dos romances evaristianos. Dessa maneira, entendemos que é através das marcas de oralidade, ou seja, da reprodução literal da fala cotidiana presente na composição de suas obras, que Conceição Evaristo cria a profundidade e a sensibilidade que abrange as suas narrativas.

Em face do exposto, depreendemos que a escrevivência de Conceição Evaristo, no entendimento pessoal, é dividida com base em quatro elementos fundamentais: a) seleção de ideia que parte desde as experiências de mulheres negras com a finalidade de quebrar os paradigmas do escravagismo que restringe suas competências, mesmo após anos da dita abolição; b) criar personagens que troquem ideias profundamente com a identidade da escritora e que contribuem com discussões sobre visibilização de grupos sociais marginalizados; c) a preferência pela linguagem oral, ou seja, a utilização das marcas de oralidade como estética do texto; d) memória de si e dos outros como um dos principais objetos de narração.

Apesar da escritora declarar que o termo “escrevivência” tenha surgido com o objetivo de rasurar o passado e o imaginário escravocrata em torno da mulher negra, em que a escrita enquanto atividade recreativa e/ou profissional é igualmente permitida a outras classes de mulheres independentemente de juízos de raça, isso amplia ainda mais perspectivas de usos da expressão. Assim, a escrevente diz que a noção de escrevivência também poderá observar as escritas de vida de homens e seus respectivos descendentes, sendo que essa escrita seja configurada como investigação e permanência das memórias que lhes foram tiradas de maneira forçada.

Portanto, a modalidade literária intitulada escrevivência tem a ver com uma escrita sobre experiências de vida e formada desde interpretações de quem a escreve, sendo possível entender também que a escrevivência de Evaristo, particularmente, é construída sob o enfoque do conhecimento de mulheres negras, mediante suas experiências ficcionalizadas ou narradas. É importante ressaltar que o entendimento de escrevivência ultrapassa a unilateralidade de interpretações esperadas, tornando-se, então, uma concepção de vários significados e interpretações. Isso significa dizer que a devida expressão está em contínuo processo de construção, ampliando-se para outras áreas de conhecimento e, por isso, impulsiona novas discussões.

3.2 Conceição Evaristo, Lugar de Fala e o Poder da Mulher Negra

Aprofundar contextos de análises e estudos que dissertem sobre a mulher, especificamente, a história das mulheres, provoca confrontar o lugar social de silenciamento e subordinação em que foram inseridas ao longo do processo histórico. Compete também entender que o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade teve efeitos na construção social, ou seja, o lugar da mulher na sociedade foi estruturado.

Djamila Ribeiro (2019), em *Lugar de Fala*, identifica a mulher negra desprovida de espaço discursivo, ocupando lugar algum, situando-se como o outro do outro. Conceição Evaristo, em sua obra literária, apresenta como sugestão a superação dessa “outremização”. O discurso colonial fundamenta-se na argumentação outro/outro. No sistema de relações entre colonizador e colonizado, o “poder colonial produz o colonizado com uma realidade fixa que é imediatamente em ‘outro’ e ainda inteiramente conhecível e visível” (BHABHA, 1991, p. 186). Implanta-se, então, um regime de verdades que modifica o colonizado no outro, inferior, diferente, sujeito ao domínio do colonizador (Outro). Ashcroft et al (1998) designam esse processo de “outremização”, ou seja, o processo pelo qual o discurso imperial (Outro) fabrica o sujeito colonizado (outro) a partir de uma relação marcada pela diferença, uma vez que “No discurso do poder, o Outro é o foco do poder que necessariamente produz o sujeito colonial, ao mesmo tempo dominando-o e excluindo-o” (BONNICI, 2000, p. 134).

Os procedimentos de outremização, dessa maneira, estão relacionadas à formação do sujeito, relacionam-se à criação de estereótipos e à utilização da linguagem e do discurso para dominar o outro e até justificar a exploração e o enriquecimento do colonizador. É visível que grande parte das personagens de Conceição Evaristo reconhecem a situação discursiva em que se encontram, assumem o papel de narrador(a), sujeitos de fala, que pensam e questionam seu lugar social. Essas personagens tornam sua voz ativa para denunciar e questionar as desigualdades sociais da população afro, que vive ainda carregada de preconceitos, traumas e barreiras sociais. Em Ponciá Vicêncio a memória tem lugar central não apenas na construção de uma história perdida, mas na construção de uma identidade fragmentada e que denuncia. As vivências de Ponciá e de seus ancestrais assumem caráter de denúncia social por demonstrar que a perdição de seus destinos está vinculada ao histórico da escravidão.

A concepção de lugar de fala, segundo Djamila Ribeiro, segue a análise sobre a interseccionalidade que caracteriza a literatura produzida pelas escritoras negras. Diante disso, como já mencionado no decurso da pesquisa, não se pode analisar o gênero isolado de raça, de classe e de uma série de outras questões, tal como as personagens de Evaristo mostram que não se pode determinar a marginalidade sem verificar a problemática do eu e questões sócio-históricas e culturais. Ribeiro (2019, p. 37) introduz os pressupostos de Simone de Beauvoir

(2019), por perceber que a mulher é o outro por “não ter a reciprocidade do olhar do homem”, e prossegue também para a transformação do conceito estruturado por Grada Kilomba, ao perceber que, “a mulher negra é o “outro do outro”, posição que a coloca num local de mais difícil reciprocidade”, que a origem colonial, patriarcal e escravocrata do Brasil impulsionou. A escritora Grada Kilomba nos apresenta um exemplo dessa situação nas discussões sobre representatividade de mulheres negras:

As mulheres negras foram assim postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico, em teoria. É por causa dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (1997) que as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do gênero, o chamado “terceiro espaço”. Nós habitamos um tipo de vácuo de apagamento e contradição “sustentado pela polarização do mundo em um lado negro e de outro lado, de mulheres.” (MIRZA, 1997: 4). Nós no meio. Este é, é claro, um dilema teórico sério, em que os conceitos de “raça” e gênero se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separativas mantêm a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos. (KILOMBA, 2012, p. 56).

Segundo Kilomba, é necessário enfrentar essa falta, esse vácuo. É evidente que as personagens de Conceição Evaristo vivem essa falta de reciprocidade, tanto em relação ao homem, quanto em relação ao racismo estruturado na sociedade brasileira. A escritora revoluciona a estrutura da sociedade ao dar voz ativa às suas personagens. Manifestar o discurso, pois manter-se em discurso estabelece um modo de lutar contra a ausência de reciprocidade que determina a condição de sujeitos subalternizados.

Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, Ponciá Vicêncio apertou contra o peito a pequena trouxa que carregava no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura. Estava escurecendo, Ponciá não sabia bem o que fazer. Caminhou rápido e alcançou o lado de fora da estação. Quis olhar para trás, mas temeu o desejo de recuo. Olhou em frente, uma imponente catedral, com suas luzes acesas, esperava pelos crentes, no final da avenida. O relógio da matriz era enorme, de longe conseguiu ler as horas. Eram seis. Ponciá tinha 19 anos, sendo capaz ainda de inventar sentimentos de segurança. Caminhou firme, sempre em frente, e só parou quando chegou à escadaria do templo (EVARISTO, 2017, p. 31).

Percebemos que Ponciá Vicêncio não tem nenhum apoio ao chegar à cidade, denunciando um problema histórico: mesmo depois da abolição, a sociedade brasileira ainda é estruturalmente racista e excludente. Diante da tradição literária, a mulher foi um desejo e um esquema do masculino, conduta que caracteriza a ação do sujeito colonizador. As primeiras

mulheres escritoras não romperam o silêncio por si mesmas, visto que suas produções eram cerceadas como molde para as estratégias da literatura de autoria masculina. Já no caso das mulheres negras, o processo foi mais complicado e ficou sobre outras especificidades tais como a questão de gênero e raça, além da falta de representatividade nos movimentos sociais, uma vez que tinham o peso da escravatura e da subalternidade.

Todavia, no século XIX aparece a indagação da norte-americana Sojourner Truth de Swartekill, que em uma de suas declarações nos questiona: “E não sou uma mulher!”¹², para destacar aspectos da condição negro-feminina. Truth esclarece a questão que o feminismo hegemônico enfrentaria no que se refere à universalização da categoria mulher. À vista disso, Djamila Ribeiro (2019, p. 31) aponta que “as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais”, o que estimula pessoas brancas a “ainda insistirem no argumento de que somente elas pensam na coletividade”. Ribeiro esclarece que “ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falar pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais” (RIBEIRO, 2019, p. 31). Nesse sentido, percebemos que as práticas discursivas utilizadas pela branquitude servem para deslegitimar as lutas dos movimentos negros, principalmente da mulher negra.

Sojourner Truth tornou-se referência na luta pela superação da universalização da categoria mulher, libertando a mulher negra da invisibilidade ao mostrar o seu traço distintivo. Grande parte das manifestações e discursos teóricos dos movimentos feministas ficaram submetidos na questão da universalização da mulher, logo, segundo afirma Djamila Ribeiro, o discurso feminista também ficou como uma teoria de colonizados e colonizadores, uma vez que convencido da perspectiva burguesa e europeia das condições de vida feminina.

Nesse sentido, é visível que as vivências das mulheres representadas nas obras de Conceição Evaristo, cujas possibilidades de fala feminina são tardias. Aparecem com frequência nos registros da memória, recriando e reinterpretando as questões sociais. De acordo com o que a autora disse em entrevista à revista Carta Capital¹³:

Tudo para as mulheres negras chega de uma forma mais tardia, no sentido de

¹² Em 29 de maio de 1851, Sojourner Truth, uma abolicionista e ex-escravizada, fez um dos discursos mais memoráveis da história sobre a intersecção entre o sufrágio feminino e os direitos dos negros. Falando à Convenção das Mulheres de Ohio, Truth usou sua identidade para apontar as maneiras pelas quais ambos os movimentos estavam falhando as mulheres negras. Repetidas vezes, de acordo com transcrições históricas, ela perguntou: “Eu não sou uma mulher?”

Bell hooks tem um título com essa frase.

¹³ Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”. Disponível: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/> Acesso em: 21 de maio de 2023.

alcançar tudo o que nos é de direito. É difícil para nós chegar nesses lugares. E eu fiquei pensando esses dias, quando foi que Clementina de Jesus aparece? Com mais de sessenta anos. E a Jovelina Pérola Negra? A própria Ivone Lara, quando ela vai ter mais visibilidade na mídia? E olha que estamos falando de produtos culturais que entre aspas “são mais democráticos”. E a literatura que é uma área mais do homem branco, apesar do primeiro romance ser de Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra, as mulheres negras vão chegar muito mais tarde (EVARISTO, 2017, n.p.).

Conceição Evaristo mostra como o apagamento estabelece um processo misógino e excludente para manter o poder do grupo privilegiado, e põe em debate como a identidade afrobrasileira foi produzida em um contexto eurocêntrico e racista. O trabalho intelectual da escritora reproduz sobre a urgência de se considerar as experiências em localizações diferentes e a necessidade de mulheres negras se autodefinirem e se autoavaliarem. Em suas narrativas, constata-se fragmentos do dia a dia, que buscam e criam fios do passado que resultam por marcar a condição da mulher negra, determinando a identidade, historicamente desaparecida com o passado escravocrata. As personagens femininas do romance sempre encaram obstáculos, numa forma de a narrativa apontar situações que esses grupos têm na vida social:

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes, se distraía tanto que até se esquecia da janta e, quando via, o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Lembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava nem inventava nada para o futuro. O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. Em outros tempos, havia sonhado tanto! (EVARISTO, 2017, p. 19).

Destacamos que Conceição Evaristo denuncia a opressão social vivenciada pelo povo negro através do apego pelo passado de Ponciá e desesperança de um futuro melhor, já que esse retorno interliga a ancestralidade africana e a história dos negros. Na literatura de autoria feminina e nas literaturas africanas em língua portuguesa, a inter-relação com a ancestralidade, principalmente feminina, em plano estratégico discursivo frequente, estabelece um dos procedimentos de construção da identidade, uma vez que ao retornar às suas origens a personagem encontra-se consigo mesma. Regressar ao passado é, inclusive, uma forma de se adaptar, focar e se desenvolver para o futuro. Voltar ao passado identifica-se como resgate da origem que proporciona a autorredefinição. À vista disso, em uma das composições de *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), de Conceição Evaristo:

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavóecoou
criança

nos porões do navio.

Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avóecoou
obediência

aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe ecoou
baixinho revolta

no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas roupagens
sujas dos brancospelo caminho
empoeirado rumo à favela.

A minha voz ainda ecoa
versos perplexoscom rimas
de sangue e fome.

A voz de minha filha

recolhe todas as nossas vozesrecolhe
em si

as vozes mudas caladas engasgadas
nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si

a fala e o ato.

O ontem - o hoje – o agora.

Na voz de minha filha

se fará ouvir a ressonância eco
da vida-liberdade. (EVARISTO,
2017, p. 24).

Ao refletir as vozes da bisavó e da avó ressoando na sua própria voz, o eu lírico dirige-se para uma construção identitária consolidado na afrobrasilidade, no entanto, incluída na condição de mulher negra. Verificamos no poema também um eco que transmite a trajetória das mulheres negras e que encaminha à invisibilidade concebida no presente, bem como que o eu poético realiza uma tomada de consciência para projetar outro futuro para a filha.

O poema realiza uma ideia para a autora, de que o silêncio também fala. Com isso, percebemos que, se a avó é sinal de obediência, ao que parece, ilimitado, a mãe trata uma

saída dessa condição ao dar eco na ordem. No discurso da mãe, então, aparece a revolta silenciosa da avó. Ao refletir pelas mulheres de uma mesma ascendência, a movimentação aparece no ato da filha, ocorrência que indica para uma nova dimensão da existência das mulheres negras, uma vez que o ato atinge a liberdade. Conforme o título do livro sinaliza, o poema destaca o predomínio da memória na condição identitária dos afrodescendentes tirados de seu passado histórico, nesse contexto, apenas a recordação do passado pode repensar o mundo presente e o próprio futuro.

As mulheres negras e pobres vivem em impasses e problemas, cuja origem se dá na diáspora africana, reforçando-se na condição de sujeitos africanos escravizados no Brasil e continua nas eventualidades vividas pelas pessoas que vivem diariamente o racismo, dessa maneira, afastados da sociedade. Desse modo, no poema há críticas à suposta democracia racial no Brasil. Essa denúncia é manifestada via enredos contituídos nas narrativas de Evaristo, que expõem a cruel realidade dos sujeitos subalternizados.

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau a pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos [...] crescera na pobreza. Os pais, os avós, as bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos (EVARISTO, 2017, p. 70).

Nota-se que Ponciá manifesta estar ciente da sua realidade de opressão. É fato que a personagem é mais uma vítima de uma sociedade que nega qualquer possibilidade de melhoria para um grupo marginalizado. A filósofa Djamila Ribeiro (2019, p. 83) frisa que “pensar lugar de fala é uma postura ética, pois ‘saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, racismo e sexismo’”. Desse modo, o reconhecimento da memória define e/ou estabelece a ressignificação identitária, mediante o lugar de fala que passa a ocupar. Assim, no poema “Vozes-mulheres”, a narradora obtém tomada de consciência que resulta no ato da mudança.

No que concerne ao racismo, Sueli Carneiro (2005) usa concepções foucaultianas como epistemicídio¹⁴ e biopoder para sugerir uma ideia das práticas discursivas racistas no

¹⁴ O conceito de epistemicídio foi elaborado originalmente pelo sociólogo português Boaventura Souza Santos e, segundo Carneiro (2005), pode ser compreendido como um processo que anula e desqualifica o conhecimento dos povos subjugados e, além disso, é responsável pelos efeitos de “[...] deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência

Brasil. A autora exprime a existência de um contrato social que marca um pacto de exclusão social e subalternização da população negra, em que o epistemicídio executa papel estratégico de instrumento do biopoder:

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Para a filósofa Sueli Carneiro (2020), a mulher negra experiencia uma situação de “asfixia social”, pois ela é a fusão da opressão de gênero e a de raça:

Fomos escravizadas, discriminadas e inferiorizadas racialmente. Arrancaram os nossos filhos de nossos seios. Nos obrigaram a amamentar e criar filhos que não eram nossos. Essa experiência brutal nos obrigou a conhecer profundamente o outro, o branco [...]. Nos fez descobrir que ninguém é racista por natureza. Aprende-se a sê-lo. Pudemos assistir aquelas crianças brancas, que alimentamos, que fizemos adormecer em nossos braços confiantes, se tornarem feitores, comerciantes de carne humana, torturadores de negros revoltados, estupradores de escravas. (CARNEIRO, 2020, p. 115)

À vista disso, é fundamental identificar o racismo e o sexismo como agentes de produção e reprodução das desigualdades sociais, que sucede na exclusão e na marginalização das mulheres negras. A respeito do lugar de fala da mulher, Spivak (2010, p. 93) questiona insistentemente: “o subalterno como tal pode, de fato, falar?”. Como já mencionado na presente pesquisa, esse pensamento expõe a condição das mulheres sem o poder de fala, sinalizada pelo padrão ideal de mulher que a sociedade definiu, algo contestado na representividade da mulher negra nas obras de Conceição Evaristo, pois suas personagens se autoquestionam e, juntamente, indagam e contestam as condições históricas que conceberam as exclusões sociais. Evaristo desconstrói o comportamento de opressão,

material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc”. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

quebra a norma e direciona o olhar para novas perspectivas, que suas narrativas assumem.

A respeito da autorrepresentação, observa-se que a autora, no prefácio do romance *Ponciá Vicêncio*, anota que:

Se para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, enquanto afirmação de autoria de mulheres diante da grande presença de escritores homens liderando numericamente o campo das publicações literárias, para outras, esse sentido é redobrado. O ato político de escrever vem acrescido do ato político de publicar, uma vez que, para algumas, a oportunidade de publicação, o reconhecimento de suas escritas, e os entraves a serem vencidos, não se localizam apenas na condição de a autora ser inédita ou desconhecida. Não só a condição de gênero vai interferir nas oportunidades de publicação e na invisibilidade da autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e social (EVARISTO, 2017, p. 8-9).

No destaque sobre o enfretamento de mulheres negras para publicarem suas obras, a escritora encontra a literatura como meio para conquistar novos espaços na dinâmica social e tenta realizar a desconstrução da memória sociocultural dominante no país em relação ao passado, estruturado pelas suas observações. Evaristo confirma as várias vozes historicamente abafadas, eliminadas em um universo de memórias marginalizadas e, assim, tornaram-se perceptíveis pela cultura letrada. No fragmento acima, a escritora tem a literatura como ato político, como ferramenta de resistência declarados por sujeitos subalternizados, estabelecendo um discurso pós-colonial, uma retomada de argumentação ao poder hegemônico. Isto objetiva verificar na obra literária de Conceição Evaristo os espaços e transformações identitárias de suas personagens, apesar disso, também nas suas produções teórico-críticas e nas condutas comportamentais, uma vez que, mesmo atingindo popularidade e reconhecimento em torno de seu trabalho, a escritora permanece publicando por editoras de pequeno porte, que se dedicam, exclusivamente, à produção de autores negros.

É difícil pensar a literatura brasileira contemporânea sem movimentar um conjunto de problemas, que podem parecer apaziguados, mas que se revelam em toda a sua extensão cada vez que algo sai de seu lugar. Isso porque todo espaço é um espaço em disputa, seja ele inscrito no mapa social, ou constituído numa narrativa. Daí o estabelecimento das hierarquias, às vezes tão mais violentas quanto mais discretas consigam parecer: quem pode passar por esta rua, quem entra neste shopping, quem escreve literatura, quem deve se contentar em fazer testemunho. A não concordância com as regras implica avançar sobre o campo alheio, o que gera tensão e conflito, quase sempre muito bem disfarçados. Por isso a necessidade de se refletir sobre como a literatura brasileira contemporânea, e os estudos literários, se situam dentro desse jogo de forças, observando o modo como se elabora (ou não se elabora, contribuindo para o disfarce) a tensão resultante do embate entre os que não estão dispostos a ficar em seu “devido lugar” e aqueles que querem manter seu espaço descontaminado. (DALCASTAGNÈ, 2012, p.12-13).

É importante trazer para o debate o caminho literário transposto por Regina Dalcastagnè, no livro *Literatura brasileira contemporânea* (2012), ao apontar que o discurso marginal foi representado por autores na literatura. Em 1966, Roland Barthes destaca que o escritor seria aquele que falava no lugar de outro, falava pelo outro. Dalcastagnè nos diz:

O escritor, dizia Barthes (1999 [1966], p. 33), é o que fala no lugar de outro. Quando entendemos a literatura como uma forma de representação, espaço onde interesses e perspectivas sociais interagem e se entrecrocaram, não podemos deixar de indagar quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que o seu silêncio esconde. Por isso, cada vez mais, os estudos literários (e o próprio fazer literário) se preocupam com os problemas ligados ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17).

A escritora expõe que falar pelo outro ou falar no lugar de outro eram, talvez, as únicas formas de trazer as vozes silenciadas. Djamila Ribeiro (2019) ainda posiciona-se com a observação de colaborar para um tipo de debate que proporcione uma ação reflexiva através da autonomia da mulher negra. Refere-se sobre a afirmação da condição do sujeito subalternizado declarar o espaço marginal que ocupa com o intuito de que essa condição receba conquistas consideráveis para superar a própria condição marginal. Nessa conjuntura, a autora afirma:

Entender a cosmogonia africana e outras geografias da razão foi um instrumento de empoderamento para mim...[...] me fez enxergar a importância de tirar proveito do lugar de marginalidade que nos foi imposto. Isso é fundamental para entender que o “não lugar” de mulher negra pode ser doloroso, mas também potente, pois permite enxergar a sociedade de um lugar social que faz com que tenhamos ou construamos ferramentas importantes de transcendência. Talvez aí eu tenha percebido a estratégia de ver a força da falta como mola propulsora de construção de pontes (RIBEIRO, 2018, p. 23).

Dessa forma, é preciso que mulheres e homens propaguem o empoderamento a partir o combate ao “não lugar” da mulher negra, resistindo assim a todas as formas de silenciamento do povo negro, inclusive leituras de negros politizados, conscientes de sua postura frente a uma classe racial histórica e socialmente subalternizada. Nas histórias de Conceição Evaristo, as personagens negras ocupam propriamente esse “não lugar”, que é envolvido pela autora perante o mercado editorial. É importante perceber que algumas personagens enfrentam dificuldades em enxergar de fora a sociedade, a sua própria condição, por estarem inseridas e ajustadas no discurso hegemônico, e por fazerem parte dele como mecanismos de discurso. É importante pensar o entre-lugar discutido por Silviano Santiago (2000) e Homi Bhabha (1998).

As considerações de “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Silviano Santiago (2000) fala sobre a interdependência cultural formada dos colonizados, objetivando propagar sua cultura. Dessa forma, o colonizado estabelece-se através do “uso arbitrário da violência e a imposição brutal de uma ideologia” (SANTIAGO, 2000, p. 11). Silviano Santiago justifica que, para a formação de uma literatura nova, é significativo que o escritor corrija a cultura exigida, assim sendo, construir o seu próprio discurso.

Homi Bhabha (1998) salienta que as identidades se concebem nas diversas realidades. O entre-lugar é entendido como um pensamento preparativo, desenvolvido nas margens por aqueles que não participam de uma nação. Silviano Santiago, usando o termo de Bhabha, já considerava o entrelugar como recuperação, como possibilidade de repensar a constituição do pensamento que desconstrua a história da dependência. Diante disso, o entre-lugar de Ponciá Vicêncio fala, o corpo/sujeito negro fala, a obra denuncia o racismo sofrido pelo povo negro.

Ponciá Vicêncio gostava de ficar sentada perto da janela olhando o nada. Às vezes se distraía tanto, que até esquecia da janta e quando via o seu homem estava chegando do trabalho. Ela gastava todo o tempo com o pensar, com o recordar. Relembrava a vida passada, pensava no presente, mas não sonhava e nem inventava nada para o futuro [...] a cabeça rodava no vazio, ela vazia sem nome. Sentia-se sem ninguém. Tinha então vontade de choros e risos. (EVARISTO, 2017, p. 18).

Esse vazio de Ponciá, de uma certa forma, traça o retorno aos seus ancestrais, através de choros e risos. É importante destacar que as obras literárias de autoria negra dedica-se na redescoberta de outras formas de representação. Djamila Ribeiro destaca que:

É imprescindível que se leia autoras negras, respeitando suas produções de conhecimento e se permitindo pensar o mundo por outras lentes e geografias da razão. É um convite para um mundo no qual diferenças não signifiquem desigualdades. Um mundo onde existam outras possibilidades de existência que não sejam marcadas pela violência do silenciamento e da negação (RIBEIRO, 2018, p. 27).

Acerca dessa concepção, surge um discurso de resistência nas obras de escritoras negras. As personagens representam exatamente a possibilidade de novas conexões históricas entre sujeitos afrodescendentes. Em consideração a isso, revela-se para novas narrativas e Evaristo concorda que essas mulheres negras pensem e reflitam sua própria condição diante do “sufocamento”, da arbitrariedade e, dessa forma, se autodefinem. Ribeiro considera, ainda, que “essa necessidade de autodefinição é uma estratégia importante de enfrentamento a essa visão colonial [...] mulheres negras vêm historicamente produzindo saberes e insurgências”

(RIBEIRO, 2019, p. 75), no entanto, suas concepções teóricas tornam-se ignoradas.

Apagamento e silenciamento são formas de eliminação, são assassinatos simbólicos que se direcionam para o cancelamento físico dos subalternos, que na invisibilidade se tornam mais vulneráveis aos imprevistos. Narrar é aspecto de anunciar a própria vida. Com relação a esse ponto, Grada Kilomba (2019, p. 28) sinaliza: “Enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora de minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história. Nesse sentido, eu me torno a oposição absoluta do que o projeto colonial predeterminou”.

Portanto, mediante a problemática da opressão de mulheres negras e de desvalorização de sua produção literária, é que Conceição Evaristo aponta que o texto literário é uma ferramenta ética e poderosa, uma vez que fortalece visões críticas que contribuem para promover o olhar rumo à percepção do outro. A escritora mostra aspectos críticos e significativos ao direcionar as narrativas, possibilitando o lugar de fala às suas personagens. Com base em experiências do cotidiano, Evaristo passa o poder discursivo para a personagem, que adquire espaço e representatividade, desequilibrando visões repetidas, abatendo os valores hegemônicos e, principalmente, reafirmar a dimensão política do elemento estético.

3.3 PONCIÁ PRESENTE! A voz da negritude e o recorte da história social de seus ancestrais.

A presente pesquisa analisa a importância do estudo do romance *Ponciá Vicêncio* (2018), de Conceição Evaristo, e sua caracterização no *corpus* da literatura afro-brasileira. A obra é significativa no contexto por apresentar as dificuldades dos descendentes de escravizados e, principalmente, a importância para compreender a história dos negros e seus impactos. O estudo sobre as consequências da escravidão é fundamental para compreendermos aspectos presentes na temática negra no Brasil e que são identificadas dentro do *corpus*.

A obra *Ponciá Vicêncio* apresenta personagens negros brasileiros, que atravessaram pela experiência da escravidão, ficando os limites da memória da personagem principal, que busca, de modo necessário e indispensável, reassumir sua ancestralidade, a referência que revela as consequências de um Brasil escravocrata na vida de crianças e adultos.

O período escravocrata favoreceu a formação identitária carregada de estereótipos, estabelecendo assim uma imagem marginalizada dos afrodescendentes. Diante disso, entendemos que o discurso literário é o resultado de análise estabelecido da interação social,

bem como o discurso histórico, o qual nos permite compreender a história, e faz-nos perceber as possíveis representações do passado e reflexos do presente, como dito em: “Com efeito, pode-se afirmar que, assim como não pode haver explicação na história sem uma estória, também não pode haver estória sem um enredo por meio do qual ela seja convertida num tipo particular de estória” (WHITE, 1994, p.79).

Conforme White, a elaboração do enredo promove sentido para a narrativa histórica através da referencialidade literária. Assim sendo, o texto de Conceição Evaristo conta a história da personagem homônima, traçando esperanças, memórias, encontros e desencontros, de uma identidade afro-brasileira bastante presente, bem como os vestígios do período escravocrata. Dessa forma, literatura e história contribuem não só para o debate, mas para o aspecto de denúncia social.

O romance Ponciá Vicêncio descreve a história de vida da protagonista de mesmo nome na obra, uma mulher negra, descendente de escravos, no período pós-abolição. Narrada em terceira pessoa, o que apresenta ao leitor uma interpretação impactante dos acontecimentos, visto que o narrador traz aos leitores, não apenas as ações dos personagens, mas também seus pensamentos e sentimentos.

O acontecimento de abertura do livro rememora o medo que a protagonista teve durante toda sua infância, o de passar por debaixo do arco-íris, pois diziam que menina que passasse por baixo do arco-íris virava menino, porém:

Naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal. Divertia-se brincando com as bonecas de milho ainda no pé. Elas eram altas e, quando dava o vento, dançavam. Ponciá corria e brincava com elas. O tempo corria também. Ela nem via. O vento soprava no milharal, as bonecas dobravam até o chão. Ponciá Vicêncio ria. (EVARISTO, 2017, p. 13).

Nessa cena, observamos o indivíduo incorporado ao seu lugar de pertencimento, pois a personagem principal gostava do rio, da roça, de ser menina, gostava de tudo. Resgatar esse período de afeto, proteção e de brincadeiras divertidas manifesta a vontade de Ponciá em restabelecer a tradição agradável que possuía quando era criança.

A protagonista nasceu na Vila Vicêncio, terra de ex-escravos, e vivia nessa vila com a mãe, Maria Vicêncio, o pai e o irmão Luandi. O pai e o irmão ficavam pouco tempo em casa, pois trabalham em processo de semiescavidão na terra dos brancos. Durante o tempo em que

lavravam a terra dos antigos senhores, Ponciá e sua mãe permaneciam em casa, trabalhando o barro para ajudar na renda da família. Apesar disso, o trabalho com o barro era mais que uma imposição, a arte de ceramista era uma herança ancestral, pois elas tinham o prazer em dar formas e utilidades ao barro. Em alguns momentos ela aparece lembrando de suas aventuras infantis, mostrando ao leitor suas esperanças e medos. Em outros momentos, Ponciá brincava sozinha, pois seu irmão Luandi, por ser homem, carecia aprender o trabalho do pai na lavoura, ao passo que a menina continuaria em casa, aos olhares e responsabilidades da mãe, com quem desempenhava o ofício de artesanatos com o barro.

Fora criada sozinha, só com a mãe. Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias e dias sem ver os dois. Nos tempos das chuvas as visitas deles rareavam mais ainda. A mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava argila nas margens do rio. Depois de seco, a mãe punha os trabalhos para assar num forno de barro também. As coisinhas saíam duras, fortes, custosas de quebrar. (EVARISTO, 2017, p. 20).

Nesse episódio, percebemos a solidão da menina, de crescer sozinha, sem irmandade com outra criança, e principalmente com o próprio irmão, Ponciá se divertia brincando com bonecas feitas de milho, até que um dia pede sigilo à mãe que tinha visto uma mulher alta e clara, a mãe amedrontada “corta o mal pela raiz” ao exigir que o marido corte o milharal. A menina chorou, pois percebeu um vácuo por não ter mais suas bonecas de milho para brincar.

E quando Ponciá Vicêncio acordou no outro dia, o milharal estava derrubado. As bonecas mortas pelo chão. Ela ainda olhou para os lados com esperança de ver a mulher alta e transparente. Não viu. Tudo era um só vazio. Ponciá chorou. Nunca mais ela viu a mulher alta, transparente e vazia, que um dia sorria para ela entre as espigas de milho. (EVARISTO, 2017, p. 14).

Também é perceptível que a relação entre a mãe e filha, na narrativa de Conceição Evaristo, está sinalizada pela fabricação de peças de barro, postura que perpetua a relação das duas. Os moldes das peças tinham forma de pessoas, canecas, faca, garfo, colher, e têm como finalidade serem os guias do reencontro da família que se apartou, uma vez que Luandi consegue localizar a mãe e a irmã numa feira de artesanato, na qual estavam expostas as peças de barro delas. Além disso, Ponciá, ao retornar no povoado, encontrou trabalhos de barro produzidas por ela e sua mãe em todas as casas que passou.

Ao longo de sua infância, Ponciá não teve convivência escolar, no entanto, desejava muito aprender a ler, assim, quando descobriu que alguns missionários ensinavam pelo

interior, a mãe permitiu a filha aprender, uma vez que, de acordo com ela, o saber da cidade era diferente da roça, e a menina poderia tomar outros rumos, com novas aprendizagens, já que a relevância da roça era conhecer os benzimentos, plantio e colheita, as garrafadas, etc.

Ponciá Vicêncio vencida as dificuldades. Aprendeu o abecedário, conhecia as letras em qualquer lugar. Quando o pai chegava, ficavam juntos lendo as letras na cartilha. Enquanto o saber do pai, em matéria de leitura, se estacionara no reconhecer das letras, o da menina ia além. Começou a formar as sílabas e, quando já estava formando as palavras, a missão acabou. Os padres foram para outros povoados, tendo deixado os casais amigados, casados; as crianças pequenas batizadas; as maiores tendo comungado pela primeira vez; e os doentes ungidos. [...]. Quando os padres partiram, depois de terem cumprido todos os seus ofícios, Ponciá logo percebeu que não podia ficar esperando por eles, para aumentar o seu saber. Foi avançando sozinha e pertinaz pelas folhas da cartilha. E em poucos meses já sabia ler. (EVARISTO, 2017, p. 26).

O excerto mostra um elo entre o saber popular e o saber científico, não de forma nivelada, visto que existe o reconhecimento do saber prático/oral e da experiência que é transmitida de um para o outro. A representatividade da mãe de Ponciá possui sabedoria e repassa à sua filha, porém entende que a menina necessita se apropriar da cultura letrada, logo, presumia que a filha não ficaria eternamente no povoado.

Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada de luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera a pena ter deixado a sua terra. (EVARISTO, 2017, p. 30).

Diferentemente da vida no seu povoado, a vida na cidade é notada por outras trocas afetivas, outras relações sociais. Exemplo disso foi sua primeira noite de Ponciá, passada na porta de uma igreja:

Sentia frio e medo. Aos poucos foi chegando companhia. Mendigos, crianças, mulheres e homens. Vinham alegres, risonhos apesar do desconforto e do frio. Ponciá descobriu alguns deitados, agasalhados em jornais, e sentiu um calafrio. Lembrou dos santos que estavam lá dentro, das velas e dos castiçais, dos vitrais coloridos, dos bancos largos e lustrosos de madeira. Reviu o chão liso, brilhante, quase escorregadio da igreja. Olhou novamente para os lados, todos calmos, muitos até dormindo. Ela abriu a trouxa, tirou o terço de lágrimas-de-nossa-senhora,

beijando respeitosamente as contas escuras que se diluíam na cor da mesma noite, benzeu-se e começou a rezar a Ave-Maria. (EVARISTO, 2017, p. 35).

Através da solidão na cidade Ponciá sente saudades do seu tempo de criança, e mediante ao retorno à sua ancestralidade ela regressou ao povoado para reencontrar sua família, mas não encontrou ninguém, somente memórias.

Ponciá se lembrou do pai, das ausências dele durante longos períodos de trabalho. Atravessou, depois, as terras dos negros e, apesar dos esforços das mulheres e dos filhos pequenos que ficavam com elas, a roça ali era bem menor e o produto final ainda deveria ser dividido com o coronel. (EVARISTO, 2017, p. 41-2).

Então, a obra narra a vida de Ponciá desde criança até a vida adulta, com visão em suas aspirações e sua busca incessante por identidade, já que a personagem não se reconhecia em seu próprio nome.

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Panda, Molenga, Quieti, nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. (EVARISTO, 2017, p.18)

A narrativa tem percurso não-linear, em consequência da história ser construída em flashbacks e, ao mesmo tempo, construída no discurso indireto livre. A obra atribui aspectos estigmatizantes para denunciar a exclusão social sofrida pelos afrodescendentes, além de fazer uma crítica muito profunda ao processo de Abolição da escravidão:

Tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muita pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, e seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno. (EVARISTO, 2017, p. 42).

Investigar os aspectos étnicos, sociais e de gênero visíveis em Ponciá Vicêncio

contribuem para uma reflexão primordial sobre esses problemas, uma vez que o texto desenvolve elementos que levam ao leitor perfazer reflexões sobre literatura e história social, dando ênfase para a abordagem de questões sociorraciais. Diante disso, Ponciá não consegue se libertar do passado:

A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2017, p.72).

Dessa forma, entendemos que a relevância desta pesquisa está em poder compreender o diálogo entre o texto literário com as experiências vividas. Isso exige uma consciência do seu lugar e suas especificidades na sociedade enquanto povo negro, inclusive aravés de um debate de maneira engajada sobre a questão do negro-brasileiro diante da permanência das exclusões, preconceitos, segregações e marginalizações. Essa relevância está na necessidade de produzir um discurso das pessoas negras sobre elas mesmas, dando destaque às suas intelectualidades, tais como a historiadora, filósofa e antropóloga Lélia González, a historiadora, roteirista e poetisa Maria Beatriz Nascimento e a própria Neusa Santos Souza, que em *Tornar-se Negro* parte de uma “(...) constatação inequívoca da precariedade, no Brasil, de estudos sobre a vida emocional dos negros e da absoluta ausência de um discurso, a esse nível, elaborado pelo negro, acerca de si mesmo” (SOUZA, 1983, p.17).

Dessa forma, é importante fazer esse exercício de autonomia no discurso de si, conforme Burker considera, “os propósitos da história são variados, mas um deles é prover aqueles que a escrevem ou a leem de um sentido de identidade, de um sentido de sua origem” (SHARPE, 2011, p. 58). No primeiro capítulo da narrativa, nos deparamos com a personagem Ponciá Vicêncio lembrando a triste história de seu avô Vicêncio. Ele foi escravo e acabou sendo liberto pela “Lei Áurea” e seus filhos nasceram após a “Lei do Ventre Livre”. Porém, a servidão e o racismo mantiveram-se mesmo após a “libertação”. Enquanto escravizado, ele tentou assassinar sua família e a si próprio para acabar com os tormentos e sofrimentos de todos.

Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele independente do seu querer. Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com o braço cotó? Tornou-se um estorvo

para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava os restos dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. Viveu ainda muitos e muitos anos. Assistiu chorando e rindo aos sofrimentos, aos tormentos de todos (EVARISTO, 2017, p. 44-45).

Ponciá Vicêncio reflete o passado escravocrata no romance, gerando assim uma herança da realidade. Assim sendo, a narrativa desenvolve-se pela trajetória da personagem na história, e no discurso que se cria em volta da herança deixada pelo Vô Vicêncio para a menina Ponciá, ou seja, uma imagem do passado escravocrata dela. Em vista disso, Ítalo Calvino nos diz que,

[...] numa obra literária, vários níveis de realidade podem apresentar-se ainda que permaneçam distintos e separados, ou podem fundir-se, soldar-se, misturar-se, encontrando uma harmonia entre suas contradições ou formando uma mistura explosiva (CALVINO, 2009, p. 48).

Fazendo um paralelo entre o excerto acima e a obra em questão, verificamos que o material histórico-literário se define como uma operação da linguagem e, por isso, implica a realidade. Dessa forma, a pesquisa reflete as experiências memorialistas dos personagens escravizados em destaque, principalmente da protagonista Ponciá. Enfim, a partir de análises da escrita de Conceição Evaristo, é importante ressignificar alguns conceitos e concepções historicamente construídos, além das proposições de intervenções frente aos resultados apresentados.

Toda história é contada sob o ponto de vista de um sujeito, ele pode contar a si ou testemunhar o acontecido com o outro para narrar depois, e isso não aconteceu apenas com as narrativas históricas, mas também com as narrativas literárias. Nesse sentido, a história dos escravizados foi escrita por um terceiro, geralmente branco, e descrevia ao negro com o olhar do maldito, do apócrifo, preguiçoso, capaz de se mutilar por não aceitar o trabalho como acontecera com o Vô Ponciá. Por outro lado, a oportunidade do negro contar a si, sobre seus ancestrais, só toma forma a partir do século XIX, ainda que timidamente e se consolida na segunda metade do século XX. Isso nos faz lembrar que:

A história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas, de que temos um passado, de que viemos de algum lugar. Mas também, com o passar dos anos, vai desempenhar um importante papel, ajudando a corrigir e a ampliar aquela história política da corrente principal que é ainda o cânone aceito nos estudos históricos britânicos (SHARPE, 2011, p. 62-63).

É importante frisar essa concepção de Sharpe para salientarmos acerca do resgate das vivências do passado, como também da complexidade de reconstruir e aplicar contextos para a compreensão da temática em estudo, trazendo aspectos historiográficos que se preocupam com as minorias, neste caso, a população negra escravizada e silenciada por muito tempo. Foram os escravizados que construíram os propósitos da história do Brasil, e principalmente construíram mediante processo memorialístico, uma vez que eram previamente deixados de fora da história.

Scott considera que, “a maior parte da história das mulheres tem buscado de alguma forma incluir as mulheres com os objetos de estudo, sujeitos da história” (SCOTT, 1992, p.77). Desse modo, justifica refletir acerca da escrita negrofeminina contemporânea de Conceição Evaristo, atentando para o seu papel de escritora negra e intelectual engajada na luta por transformação social e histórica, o que possibilita ampliar as referências e as discussões acerca do tema que carrega em si uma grande relevância social.

Na história do romance, verificamos que o pai de Ponciá Vicêncio não morava na senzala, mas na casa-grande, assim, observamos na seguinte citação que as reminiscências do passado escravocrata são bastantes cruéis: “Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade”. (EVARISTO, 2017, p. 17).

A narrativa necessita de alguma reflexão crítica, por isso, se faz necessário analisar algumas dessas atrocidades vivenciadas pelos negros na história, com isso, percebemos também ser provável que o “sinhôzinho”, provavelmente por verificar o comportamento agressivo do pai no gerenciamento com os escravizados, não tinha respeito e nem misericórdia por seu pajem. Vejamos esse trecho de *Ponciá Vicêncio*:

Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas (EVARISTO, 2017, p. 17).

Esse tipo de crueldade permitiu que o pai da protagonista ficasse com mais repulsa do pai, o Vô Vicêncio. A criança negra jamais entenderia que a abolição foi, em essência, um arranjo político-econômico, permitindo assim que muitos senhores de terra criassem uma forma de doar um pedaço de terra ou um prato de comida aos chamados ex-escravos, como

uma forma de continuar a explorar-lhes no trabalho, sem pagamento. Como vemos na reflexão do pai de Ponciá: “Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos?” (EVARISTO, 2017, p. 14). O fim da escravidão no Brasil sucedeu a dominação de uma classe, de maioria branca, que criou novas formas de discriminação, assim como marcas na formação do sujeito e reflexões na vida adulta, se a liberdade anunciada era mesmo verdadeira.

Outra passagem na narrativa mostra como o coronelzinho quis diversificar seu “divertimento” e sondou uma curiosidade, talvez, ouvida antes sobre a falta de capacidade, qualificação e competência da aprendizagem do negro.

Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se o negro aprendia os sinais, as letras de branco, e começou a ensinar o pai de Ponciá. O menino respondeu logo ao ensinamento do distraído mestre. Em pouco tempo reconhecia todas as letras. Quando sinhô-moço certificou-se de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber de branco? (EVARISTO, 2017, p. 17-18).

Essa passagem faz-nos refletir sobre como os escravizados sentiram na pele o processo de servidão, além de terem sofrido todo e qualquer tipo de preconceito, bem como de terem sido tratados de forma desumana. Ainda que o intuito do sinhô-moço fosse apenas testar a capacidade de literacia de um negro, o pai de Ponciá Vicêncio demonstrou ter condições de ir além da codificação e decodificação das letras. Grada Kilomba diz que, “a boca é uma metáfora para a posse. Fantasia-se que o sujeito negro quer possuir algo que pertence ao senhor branco[...] no racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial” (KILOMBA, 2020, p.34) Posto isso, Kilomba registra as imagens de Anastácia, uma mulher escravizada que se transformou em figura de devoção política e religiosa por causa da luta que principiou pela libertação dos escravizados, e da máscara que era obrigada a usar. Presa à cabeça por cordas e composta de um pedaço de metal, que era inserido na boca do “sujeito negro”, a máscara tinha o objetivo de impedir o consumo de açúcar ou cacau enquanto o indivíduo trabalhava nas plantações e, na perspectiva de Kilomba (2020, p. 33), executar “um senso de mudez e de medo”, uma vez que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura.

A ignorância prejudicou a todos os personagens da narrativa, não somente o avô e o pai de Ponciá Vicêncio. Depois que a Lei Áurea foi assinada, o Coronel Vicêncio ofereceu um

pedaço de terra para os negros estabelecerem moradia e ali plantar seus sustentos, mas “uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar” (EVARISTO, 2017, p. 42) nas terras dele. Realizar com esta obrigação custou ao negro iletrado a enganação pelo Coronel Vicêncio. Por essa razão, o narrador conta que a menina Ponciá:

Desde pequena, ouvia dizer também que as terras que o primeiro Vicêncio tinha dado para os negros como presente de libertação eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele. Alguns negros, quando o Coronel lhe doou as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente no papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiram aqueles papéis por algum tempo, até que um dia o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação. Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê... Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O Coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos desde os passados tempos (EVARISTO, 2017, p. 53-54).

A história social tornou-se um assunto das relações raciais, pluralizando os objetos da investigação histórica. Por exemplo, na obra em estudo, os afrodescendentes estavam “livres” pela Lei Áurea, mas aprisionados ao poder escravocrata do Coronel Vicêncio que, atuando dessa forma, achou uma maneira de fraudar a Lei e continuar sustentando o regime de escravidão em suas terras. Sobre esse tipo de narrativa, o pesquisador e historiador Hayden White afirma em **O texto histórico como artefato literário** que:

as narrativas históricas conseguem dar sentido a conjuntos de acontecimentos passados, além e acima de qualquer compreensão que forneçam, recorrendo a supostas leis causais mediante a exploração das similaridades metafóricas entre os conjuntos de acontecimentos reais e as estruturas convencionais das nossas ficções (WHITE, 1994, p.108).

Assim, a narrativa histórica, de um lado, serve de mediadora entre os acontecimentos nela relatados e, de outro, de estrutura de enredo usada em nossa cultura, dando sentido a conjuntos de acontecimentos passados. O que se pretende ressaltar aqui é que, os historiadores fornecem aos eventos históricos todos os possíveis significados da arte ou da literatura, caracterizada pelo modo de discurso figurativo em que é moldada, assumindo e/ou reconhecendo o elemento literário ou fictício do relato histórico.

O verdadeiro patrimônio de Vô Vicêncio para sua neta Ponciá é a ancestralidade, ligação com seus antepassados. As vivências dos ancestrais africanos escravizados lesiona a vida dos personagens de *Ponciá Vicêncio* ainda hoje, visto refletirem assim o processo diaspórico. Por essa razão, notamos que Evaristo proporciona ao leitor que estabeleça um

diálogo do passado histórico e o presente das personagens para mostrar as reflexões da diáspora africana na vida dos negros.

Diante disso, “[...] precisamos de uma história que nos eduque para a descontinuidade de um modo como nunca se fez antes; pois a descontinuidade, a ruptura e o caos são o nosso destino” (WHITE, 1994, p.62). Se a narrativa histórica é o caminho de autoconhecimento de Ponciá, então é só através dela, e somente dela, que a voz da negritude vai se reconstruindo e assim passamos a conhecer a história pessoal da personagem.

Refletir acerca da oposição entre os discursos literários e os discursos históricos requer a tomada de uma posição por parte daqueles que se debruçam sobre essa matéria, com isso, consideramos ambas as formas de discurso como parte de uma narrativa. Por essa razão, convém mencionar que:

Dentre todas as formas narrativas que dominaram os últimos dois séculos, nenhuma parece ter tido mais prestígio intelectual, nem sofrido maior desgaste do que a narrativa histórica. Hayden White, escrevendo em 1966, diagnosticava a existência de uma “atual hostilidade contra a história”, que ele atribuía ao caráter conservador da disciplina, cujos praticantes continuavam a propor a narrativa histórica como discurso produzido a partir de um plano médio e neutro, no qual se harmonizavam os procedimentos e pressupostos da arte (no caso, literatura) e da ciência (FRANCHETTI, 2002, p. 247).

É perceptível nos estudos analisados a necessidade de revisar alguns conceitos em virtude da relação entre discurso literário e discurso histórico. Em “Literatura e História”, verificamos que desde Aristóteles havia diferenças entre os acontecimentos históricos e acontecimentos ficcionais. Os historiadores tinham seus eventos observáveis e específicos no tempo e espaço em que aconteciam, enquanto os escritores imaginativos ocupavam-se dos mesmos eventos, porém, de forma imaginativa, hipotética ou inventada.

Importante pontuar também que a junção da história e da ficção revela-nos uma margem que separa e ao mesmo tempo une o real e o imaginado. A fim de compreender que essa margem traça tanto os elementos literários quanto os elementos históricos que permeiam a obra. Hayden White ainda sobre “O texto histórico como artefato literário”, define a narrativa histórica como “ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências” (WHITE 1994, p. 98).

White mostra que o historiador trabalha e busca os fatos através de pesquisas e explicações reais, de modo diferente do ficcionista, que narra mediante sua imaginação,

porém, a estrutura da narrativa histórica se relaciona à narrativa literária, complementando-a. O autor sintetiza também que a estrutura da narrativa histórica não é só composta de acontecimentos reais, mas também pela determinação de um conjunto de acontecimentos. De acordo com o historiador, esses acontecimentos serão:

[...] convertidos em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante – em suma, por todas as técnicas que normalmente se espera encontrar na urdidura do enredo de um romance ou de uma peça [...] (WHITE, 1994, p. 100).

Diante disso, o historiador busca se embasar em coletas de dados e informações reais para produzir sua narrativa histórica, contudo, terá que reorganizar esse tempo passado por meio de um texto em prosa, que tentará expor ao leitor a forma original dos momentos passados, valendo-se apenas de uma parte dela, ou seja, o original torna-se subdividido desde a escolha do historiador. Em suma, um mesmo fato histórico poderá ser contado e escrito de formas diferentes, gerando novas interpretações.

Ponciá é uma personagem que luta contra a exclusão de classe social, de gênero e racial. Ela é descendente de escravizados, vive no povoado Vicêncio com sua família, além de carregar o sobrenome que recebeu dos donos das terras, como forma de apropriar e de apoderar dos negros libertos. Então, Ponciá não aceitava e, “não se acostumava ao próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante [...] sabia que o sobrenome dela não tinha vindo desde antes do avô de seu avô.” (EVARISTO, 2017, p. 26).

Percebemos que não há mudanças nos fatos históricos, e sim, há uma construção narrativa escolhida através dos fatos em destaque, ou seja, cria uma história dentro da história. Daí, entra a análise do estilo narrativo, a literatura como fonte, a obra literária como pertencente ao estudo da história, constituindo-se uma fonte, que não pode ser ignorada. Como revelado no excerto que segue:

[...] toda narrativa não é simplesmente um registro do que aconteceu na transição de um estado de coisas para outro, mas uma redescritção progressiva de conjuntos de eventos de maneira a dismantelar uma estrutura codificada num modo verbal no começo, a fim de justificar uma recodificação dele num outro modo final. Nisto consiste o “ponto médio” de todas as narrativas [...] (WHITE, 1994, p. 115).

Os discursos literários dialogam com a história, produzindo uma leitura do contexto social e histórico no qual as obras literárias são produzidas, para ter uma melhor compreensão

do que o autor quer repassar, através de seu estilo literário. Entretanto, as orientações de cada pesquisador no ato de leitura são múltiplas. Importante salientar também que a forma como o leitor entende e organiza os fatos dos acontecimentos reais ou imaginários é que proporciona sentido aos fatos e à compreensão do texto.

Na obra em estudo, *Vô Vicêncio* tem forte repercussão na vida da protagonista. O enredo evidencia com frequência a influência do passado no tempo presente, frisando o conteúdo negativo da ação escravocrata em questão. A história carrega ainda a denúncia de efeito negativo da diáspora decorrente do comércio de escravos repercutindo no tempo do romance sem sinais de enfraquecimento. Conceição Evaristo ressalta as marcas profundas da escravidão, por meio desse elo entre presente e passado preso em *Ponciá Vicêncio*.

Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do coronel Vicêncio. O coração de muitos regozijava, iam ser livres, ter moradia fora da fazenda, ter suas terras e seus plantios. Para alguns, Coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos, nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos, que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno (EVARISTO, 2017, p. 42).

Dessa forma, o discurso literário pode ser diferenciado do discurso histórico não em sua totalidade, pois ambos se configuram em elementos típicos da narrativa histórica, mesclando personagens reais aos imaginados, misturando, desse modo, fatos reais e ficcionais, criando e recriando desde o seu olhar e de seu recorte no tempo uma nova perspectiva sobre o momento histórico, político e social.

Silvio Luiz de Almeida estuda as relações raciais no Brasil e publicou, em 2018, o livro **Racismo estrutural**, que aborda uma discussão contemporânea com o objetivo de contribuir para a desconstrução de conceitos históricos que desenvolveram a construção das hierarquias raciais que estrutura a sociedade brasileira. A partir da perspectiva do autor:

[...] uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (ALMEIDA, 2021, p. 53).

O autor pontua que o racismo, por ser processo estrutural, faz parte também do processo histórico e conduz os sujeitos a pensarem que ele é natural, encrudescido na estrutura social. Dessa forma, não se pode compreender que o racismo faz parte apenas dos sistemas econômico e político, sua dinâmica está relacionada às peculiaridades de cada formação social.

Consciente de que o racismo é parte da estrutura social e, por isso, não necessita de intenção para se manifestar, por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/o u juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas (ALMEIDA, 2021, p. 52).

Dialogando com as memórias do romance de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicêncio*, percebemos que desde a antiguidade até a contemporaneidade, várias pessoas sempre foram afetadas pela prática da violência estrutural e simbólica do racismo, sendo assim subjugadas durante o período escravocrata, bem como forçadas a conviver com inúmeras injustiças sociais que hoje são reconhecidas como uma grave violação dos direitos humanos.

Referindo-se aos afrodescendentes escravizados, a personagem Ponciá e seus familiares passaram a conviver nas terras do coronel Vicêncio sendo explorados em uma nova forma de escravidão, pois como expõe Evaristo (2018, p.70): “a cana, o café, o gado, toda a lavoura, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida”.

A filósofa Djamila Ribeiro destaca no seu livro *Pequeno Manual Antirracista* alguns dispositivos legais para entendermos a história do Brasil durante e após a escravidão. Ela pontua que quando criança foi “ensinada que a população negra havia sido escrava e ponto, como se não tivesse existido uma vida anterior nas regiões de onde essas pessoas foram tiradas à força” (RIBEIRO, 2019, p.07). E ainda hoje, mesmo com as lutas e movimentos antirracistas, continuam silenciadas dessa forma. Complementando essa visão, a psicanalista Neusa Santos, autora de *Tornar-se negro: Ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, afirma que, “a sociedade, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (SANTOS, 1983, p.19).

Destarte, o aporte teórico da pesquisa, juntamente aos trechos citados do romance, colaboram para a significação do estudo e da pesquisa relacionando com outros acontecimentos da vida de Ponciá Vicêncio, para compreendermos um dos propósitos da narrativa histórica de Conceição Evaristo, que é mostrar, conforme a sua visão, o período escravocrata e oportunizar reflexões sobre as marcas profundas desse período nos afrodescendentes.

Sendo assim, Conceição Evaristo resgata, em sua obra, a “herança” deixada por Vô Vicêncio para a neta Ponciá, sendo que ele presenciou e sentiu no corpo as dores da escravidão, uma das principais temáticas do enredo e que remonta à conexão da neta com os seus ancestrais à medida que, mesmo tendo nascido menina, carrega os traços do avô e ainda a religiosidade dos seus antepassados. A herança, que é a recriação do avô em sua neta, mostra o resgate da história tão sofrida dos negros e negras pela história ficcional, e principalmente pela história oficial, além de uma mensagem de chamamento à luta antirracista, “[...] a história dos negros talvez. [...] bom que ela fosse reveladora, se fizesse herdeira de uma história tão sofrida, porque, enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino” (EVARISTO, 2017, p. 109).

Nessa perspectiva, além de fazer uma abordagem da mulher negra que enfrenta um processo de diáspora para encontrar sua identidade, verificamos também que, apesar de Ponciá pouco falar, o seu corpo está sempre em atuação, principalmente com a ancestralidade do Vô Vicêncio. Com isso, White nos chama a atenção para uma mudança de direção para entendermos as diferenças no discurso ficcional e histórico, ou seja, fazendo uma reflexão não somente sobre o que foi exposto na pesquisa, como também os processos históricos ficcionais. O autor diz: “Só uma consciência histórica pura pode de fato desafiar o mundo a cada segundo, pois somente a história serve de mediadora entre o que é e o que os homens acham que deveria ser, exercendo um efeito verdadeiramente humanizador”.

Portanto, “a história só pode servir para humanizar a experiência se permanecer sensível ao mundo mais geral do pensamento e da ação do qual procede e ao qual retorna. E, enquanto se recusar a usar os olhos que tanto a arte moderna quanto a ciência moderna lhe podem dar, ela haverá de permanecer cega - cidadã de um mundo em que as pálidas sombras da memória em vão se debatem com a vida e com a liberdade do tempo presente” WHITE, 1994, p. 63). Lembrar, esquecer, silenciar são as formas que a protagonista encontra para

conversar com seu leitor. Mesmo silenciada, o corpo de Ponciá fala, grita, exala a ancestralidade de seu avô.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, a qual nomeamos por *O escre(viver) em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: escrita, história e vivência*, surge através de um sentimento e de um instinto investigativo que projeta compreender os sentidos e as significações adquiridas pelo conceito de escrevivência na obra *Ponciá Vicêncio* (2017). O desenvolvimento do trabalho permitiu compreender a importância da literatura afro-brasileira feminina, além de refletir sobre a Escrevivência de Conceição Evaristo, assim como discutir a construção da identidade do feminino negro na personagem Ponciá Vicêncio e a importância de se debater o lugar de fala da mulher negra. Em tese, inferimos também que, através da pesquisa, ainda hoje a literatura escrita por mulheres negras ainda encontra muitos obstáculos na hora de ser publicada e de se fazer ouvir as vozes subalternizadas através do tempo.

Ao escrever esse romance, Conceição Evaristo resgata caminhos tenebrosos da história afro-brasileira, formando imagens que denunciam os vestígios do regime escravocrata do período pós-abolição, que tem contribuído para uma construção de uma imagem negativa do negro no decorrer dos anos. Por meio das jornadas, os sonhos e desencantos de Ponciá, temos uma narrativa que mescla, de forma tensa, o passado e o presente, possibilitando-nos refletir e chamar a atenção sobre o sofrimento de um povo marcado por preconceito e violência, levando-o a desconhecer sua identidade e acreditar na sua inferioridade.

O discurso narrativo de Conceição Evaristo nos faz pensar sobre uma História que sempre apagou o negro e o introduziu em estereótipos que consolidaram o olhar inexistente e depreciativo do branco. Diversas denúncias apresentam-se no romance como a violência à mulher e a sua imagem, o trabalho em regime de semiescravidão, a exploração, o preconceito, a busca por uma identidade e o problema de inserção do negro no universo letrado, tudo isso faz parte da vida de Ponciá. Além disso, mostra uma sociedade que exclui e cria um estereótipo do feminino negro ligado à submissão, ao prazer e sensualidade, inferioridade e pobreza, assim como uma dupla discriminação: por ser mulher e por ser negra. À vista disso, ao pautar uma referencialidade histórica do projeto de escrita de Conceição Evaristo, nesta

ocasião, considerando todas as suas publicações, entendemos que suas escrevivências têm fortes relações com o passado colonial, em que homens e mulheres negras foram submetidas a muitos anos de escravidão, tendo suas liberdades e identidades roubadas.

É possível perceber em *Ponciá Vicêncio* a falta de lugar social para os afrodescendentes, além de discutir a marginalização e discriminação do negro, consequências da escravidão e seus desdobramentos, aspectos sombrios e lamentáveis da história do Brasil. Ponciá Vicêncio carrega a força da ancestralidade e desequilibra o sujeito leitor já crente de que conhecia a historicidade do povo negro, a força dramática da narrativa, os medos e sonhos da menina, até mesmo os seus alheamentos, o sair de si como se fosse uma força maior que ocupasse o corpo dela. Outro elemento reforçador do elo com os ancestrais no romance e da protagonista é o trabalho com o barro, uma arte que ela domina, expressando que sendo pó a ele regressará, fato que pode ser entendido até mesmo como metáfora do mundo cristão por fazer parte da narrativa bíblica acerca do mito fundante do mundo.

As memórias de um passado escravocrata em concordância com a ancestralidade africana são traços expostos na referida obra. Por essa razão, as relações criadas, as lembranças, vivências reais e imaginárias, entre o alheamento e a realidade, o trabalho do homem, o trabalho que nunca sobra nenhum dinheiro para que ela fosse visitar a mãe e o irmão, a vida inicial do irmão ao vir para a cidade. Tudo ressignifica a dificuldade que o povo negro tem de se libertar das raízes de um passado escravagista no qual o corpo dos negros, incluindo a presença das mulheres, exprime essa intencionalidade de mostrar como esses corpos foram tomados como coisas, e isso não é para ser lido com arroubos sentimentais, afinal, o discurso literário posto no romance reescreve e reedita a história.

Cabe destacar que as nossas relações raciais estão interligadas a esse passado, que não se apagou por completo. Excluir as marcas das práticas escravocratas é possível a partir do entendimento profundo do nosso problema racial. O racismo é sempre estrutural, não é e nem pode ser tomado no romance de Conceição Evaristo como se uma prática recreativa, nem mesmo os desencontros do fluxo de consciência do narrador tem a função de entretenimento. Nessa perspectiva, a literatura negra de autoria feminina contribui para apresentar as dificuldades e descortinar a história por trás da situação atual: uma escravidão modernizada para as mulheres e homens pretos, conforme evidenciado na trajetória de Ponciá e do irmão dela ao chegarem na cidade. Portanto, Conceição Evaristo, no romance analisado, intencionou tratar dessa travessia que liga os dois mundos e responder quem é Ponciá, a menina que herda

do avô não só o nome, mas a alma, os gestos, a religiosidade do seu povo e também a habilidade para o trabalho com o barro e a água, o rio, apenas um elemento purificador e que não se deixa prender, assim como o espírito que une passado e presente.

De modo geral, as discussões levantadas na plenitude desta pesquisa colaboram diretamente para a literatura brasileira ao colocar reflexões sobre novas formas e modelos de escrita literária. Diante disso, o projeto criativo de Conceição Evaristo quebra com a sequência da suposta história oficial do Brasil e exige a escrita de uma história nova, livre dos negacionismos que estimulam os da casa-grande e do silenciamento intencional que visa a exclusão social e política da população negra brasileira. Além do mais, os apontamentos construídos no corpo desta pesquisa problematizam estudos de obras de escritoras e escritores pertencentes às classes marginalizadas da sociedade, excluindo-os e os invisibilizando. Vale ressaltar a importância de propor reflexões sobre os lugares de atuações dessas produções de narrativas feitas por pessoas negras, precisamente realizadas por mulheres negras, assim como falar dos desafios e obstáculos que envolvem isso. As reflexões trazidas para esta pesquisa não se esgotam e, por isso, há a necessidade de estabelecer novas discussões, comentários e leituras sobre as estratégias de valorização e perpetuação de novos saberes e conhecimentos.

Portanto, por transitar ora na literatura, ora na história, a investigação e significações teóricas para um conhecimento evidenciado por uma mulher afro-brasileira e que está centrada no centro da ancestralidade africana, pesquisadores, professores, estudantes, acadêmicos, podem se apoiar nesta pesquisa, enquanto auxílio nos estudos afro-brasileiros, com a finalidade de efetivar da Lei nº 11.645/08 da Constituição Federal, que torna obrigatória o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira em todas as unidades de ensino, objetivando a educação para as relações étnico-raciais e por uma educação antirracista.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O Perigo da História Única**. São Paulo, Companhia das letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ANZALDUA, Glória. Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. In: **Revista Estudos Feministas**. V. 8 nº 1 p. 229-236.

BARBOSA, Maria José Somerlate (University of Iowa). Prefácio. In: EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Editora Mazza, 2003. p.7-12.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Nova Fronteira, 1987.

BERND, Zilá. **Negritude e Literatura na América**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987, p.23-69.

_____. **O que é Negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **A Questão da Negritude**. São Paulo. Editora brasiliense S.A., 1984.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

_____. **A Questão do “Outro”**: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, H. B. (org.). Pós-modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, 177-203.

_____. **Interrogando a Identidade**. In: BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, p. 70- 105

BONNICI, T. **O Pós-colonialismo e a Literatura**: estratégias de leitura. Maringá: Eduem, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BURKE, Peter. **A Escrita da História**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

CALVINO, Italo. **Assunto Encerrado**: discursos sobre literatura e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, H. B. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019. pg 313-321.

_____. **Escritos de uma vida.** São Paulo: Pólen, 2020.

_____. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, pg 96-110.

_____. **Mulheres em Movimento.** Estudos avançados, São Paulo. Nº 49. 2003.

_____. **Identidade Feminina.** CACE informativo – boletim do Centro de Assessoramento e Coord. Empresarial 9CACE), ano II, n, 6, p.11, 1989. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/component/rsfiles/view%3Fpath%3Dcadernos-geledes/Mulher-Negra.pdf>> Acesso em: 04.jul.2022.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História.** 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011

CEVASCO, Maria Eliza. **Dez Lições sobre Estudos Culturais.** Editora Boitempo. 2003.

CHIZIANE, Paulina. **Eu, Mulher... Por uma Nova Visão do Mundo.** Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013. Disponível em:file:///D:/ARQUIVOS/Downloads/EU,%20MULHER...%20POR%20UMA%20NOVAVIS%C3%83O%20DO%20MUNDO%20-%20Paulina%20Chiziane.pdf Acesso em: 19.maio.2022.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2019.

_____. Aprendendo com a *Outsider Within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

CUTI, Luiz Silva. **Depoimentos.** In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica.* Vol. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 45- 70.

_____. **Literatura Negro-brasileira.** São Paulo: Selo Negro, 2010.

_____. **Literatura Negra Brasileira:** notas a respeito de condicionamentos. IN: QUILOMBHOJE (ORG.). *Reflexões sobre literatura afro-brasileira.* São Paulo: Conselho de Participação e desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985. pp. 15-24.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A Personagem do Romance Brasileiro Contemporâneo:** 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, julho-dezembro de 2005.

DAVIS, Angela. **As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia – Angela Davis.** Portal Geledés. Julho/2011. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis/>> Acesso em: 01.mai.2023.

DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das Mulheres no Brasil.** 10. ed. 6. reimp. São Paulo: Contexto, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsroman Afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007 (p.22-29).

DUARTE, Eduardo de Assis. **Passado, Presente, Futuro**: cadernos negros 40. 2018
Disponível em: < <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/poesia/1038-cadernos-negros-40>> Acesso em: 01.jun.2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 305-308, abr. 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-brasileira**: um conceito em construção. In: Estudos de literatura brasileira contemporânea, nº 31- Brasília, janeiro/junho, 2008, pp. 11-22.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: SEPPIR, 2014, vol. 4, História, teoria, polêmica, p. 245-277

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

_____. **Da Grafia-desenho de Minha Mãe um dos Lugares de Nascimento de Minha Escrita**. Ago. 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html> Acesso em: 17. mai 2023.

_____. **Gênero e Etnia**: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). Mulheres no mundo. Etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária; Ideia, 2005.

_____. **Gênero e Etnia**: uma escre (vivência) de dupla face. In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Idéia, 2005, p. 202.

_____. Da Representação a auto-representação da mulher negra da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: Cultura Afro-brasileira**, ano I, n. 1, agosto 2005.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

FARIAS, Tom. Carolina Maria de Jesus. In: FARIAS, Tom. **Escritos Negros**: crítica e jornalismo literário. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2020.

FLORESTA, Nísia. **Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens**. Introdução e notas de Constância Lima Duarte. São Paulo: ed. Cortez, 1989.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura Negra**: os sentidos e as ramificações. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/159-maria-nazareth-soares-fonseca-literatura-negra-os-sentidos-e-as-ramificacoes>> Acesso em 14/12/2021.

_____. **Literatura Negra os Sentidos e as Ramificações.** In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afro descendência no Brasil: antologia crítica.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, (p.245-277).

FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. **Semear:** Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses, Rio de Janeiro, n. 7, p. 247-264, 2002. Disponível em: <http://www.letras.puc-rio.br/unidades&nucleos/catedra/revista/7Sem_18.html>. Acesso em: 08 de junho de 2022.

GAMA, Luís. **Primeiras Trovas Burlescas de Getulino.** São Paulo, SP: Tipografia Dois de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1859.

GONZALEZ, Lélia. GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira.** In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos.* Brasília: ANPOCS, 1983.

_____. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje,** São Paulo, p. 223-244, 1984.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Estudos Culturais e seu legado teórico.** In: _____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais.* Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013. p.219-241.

_____. **Quem Precisa da Identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Stuart Hall, Kathryn Woodward. _Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HOOKS, Bell. **Teoria Feminista:** da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2020.

_____. **O Feminismo é para Todo Mundo:** políticas arrebatadoras. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

_____. **Teoria Feminista:** da margem ao centro. São Paulo, Perspectiva, 2019.

IANNI, Octavio. *Literatura e Consciência.* In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros.** São Paulo: 1988.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo – diário de uma favelada.** São Paulo: Francisco Alves, 1960.

_____. **Casa de Alvenaria:** diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

_____. **Diário de Bitita.** São Paulo: Sesi-SP Editora, 2014.

_____. **Antologia Pessoal.** Org. José Carlos Sebe Bom Meihy. Revisão: Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996

_____. **Meu estranho Diário**. Org. José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine. São Paulo: Editora Xamã, 1996.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KRISTEVA, Julia. **La révolution du Language Poétique**. Paris: Seuil, 1974.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na Sala de Aula**. In: DEL PRIORI, Mary (org). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: contexto, 1997. P.443-481.

MACHADO, B. A. **“Recordar é Preciso”**: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982 – 2008). Dissertação (Mestrado em História) – UFF. Niterói, 2014.

MILLET, Kate. **Sexual Politics**. New York: Ballantine books, 1970.

PERROT, MICHELLI. **Minha História das Mulheres**. São Paulo: Contexto. 2008.

_____. **Mulheres Públicas**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 160 p.

PROENÇA FILHO, **Domício**. Estudos Avançados 18 (50). 2004.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2018.

RIBEIRO, Pedro; PITASSE, Mariana. **“Ser Escritora não Rompe com o Imaginário em Relação às Mulheres Negras”**. 2020. Disponível em: <https://www.brasilefatorj.com.br/2018/07/25/ser-escritora-nao-rompe-com-o-imaginario-em-relacao-as-mulheres-negras>. Acesso em: 21 maio de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTANA, Patrícia Maria dos Santos. Memória, espaço e a necessidade de narrar a História dos vencidos no romance Ponciá Vicêncio. **Revista Garrafa 30**, abril-junho de 2013. Disponível em: <http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa/garrafa30/patriciamaria_memoria.pdf> Acesso em: 04 jul 2022.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes Literárias de Escritoras Negras**. Salvador, BA. Editora UFRB, 2012.

SANTIAGO, Silviano. **O Entre-lugar do Discurso Latino-americano**. In: SANTIAGO, Silviano. Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26

SANTOS, Mirian Cristina. **Intelectuais Negras**: prosa negro-brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SARDAR, Z.; B. VAN LOON. **Estudos Culturais**. Barcelona: Paidós. 2005.

SCHUMAHER, Shuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres Negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2007.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres**. In: BURKE, Peter. (Org.). *A Escrita da História – Novas Perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 75.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Unesp, 2011. p. 39-63.

SENA, Tatiana. **Trançando Identificações**: a poética de Conceição Evaristo entre os movimentos negro e feminista. A produção de autoria feminina - Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1544> Acesso: 05 jul 2022.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Florentina da Silva. **Memória e Performance nas Culturas Afro-brasileiras**. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007 (p.31-39).

SOUZA, Florentina da Silva; LIMA, Maria Nazaré (Org.). **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno falar?** Tradução: Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Feitosa; André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STRINGHINI, Viviane C. M. **Heranças da Escravidão na Narrativa Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**. 2008. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie04/art_06.php> Acesso em: 04.jul.2022.

TVBRASIL. “**Não Escrevemos para Adormecer os da Casa-grande**”, diz **Conceição Evaristo sobre Escritoras Negras**. 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/nao-escrevemos-para-adormecer-os-da-casa-grande-pelo-contrario-diz-conceicao>. Acesso em: 21 mai. 2023.

TELLES, Norma. Rebeldes escritoras, abolicionistas. **Revista História** [online], São Paulo, 120, p. 73-83, jan./jul. 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>. Acesso em: 27 mai. 2020.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso. Ensaios Sobre a Crítica da Cultura**. São Paulo: Editora USP. 1994.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. _Petropolis, RJ: Vozes, 2000. pp. 7-72.

ZIN, Rafael Balseiro. **Maria Firmina dos Reis**: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

ZOLIN, Lúcia Osana. **“Crítica feminista”**. In: _____ & BONNICI, Thomas (orgs.). *Teoria Literária – abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.